

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

PAHMELA PRINCE SALVIOLI DA SILVA

PARAQUEDAS COLORIDOS A BORDO: O VELEJAR DE UMA PESQUISA-
INTERVENÇÃO. DOS NÔMADES CONTEMPORÂNEOS A UM COLETIVO DE
MULHERES DA VELA.

UNIVERSIDADE
FEDERAL
FLUMINENSE

Niterói

2024

PAHMELA PRINCE SALVIOLI DA SILVA

PARAQUEDAS COLORIDOS A BORDO:

O velejar de uma pesquisa-intervenção. Dos nômades contemporâneos a um coletivo de mulheres da vela.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades.

Orientador: Prof. Dr. Ericson Saint Clair

Niterói

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D111p Da Silva, Pahlma Prince Salvioli
Paraquedas coloridos a bordo : O velejar de uma pesquisa-
intervenção. Dos nômades contemporâneos a um coletivo de
mulheres da vela. / Pahlma Prince Salvioli Da Silva. - 2024.
114 f.: il.

Orientador: Ericson Saint Clair.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2024.

1. Crescimento urbano. 2. Subjetividade. 3. Nomadismo. 4.
Produção intelectual. I. Clair, Ericson Saint, orientador.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



Nº192

Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado

Aos trinta dias do mês de setembro de dois mil e vinte e quatro às 14:30, reuniu-se a Comissão Examinadora designada na forma regimental pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação / Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades, para julgar a dissertação, orientada pelo(a) professor(a) Ericson Saint Clair, apresentada pelo(a) aluno(a) ***Pahmela Prince Salvioli da Silva***, sob o título: ***“CARTOGRAFIAS EM TRÂNSITO: Uma pesquisa-intervenção sobre nômades contemporâneos – Canais do YouTube e coletivo de Mulheres da Vela”***. Requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades, área de concentração em Cultura e Territorialidades. Aberta a sessão pública, o(a) candidato(a) teve a oportunidade de expor o trabalho. Em seguida, o(a) candidato(a) foi arguido oralmente pelos membros da Banca, que, após deliberação, decidiu pela:

- X Aprovação.
- Aprovação “com restrições”; “com exigências”; “com sugestões da banca”; “condicionada” (vide verso).
- Reprovação.

Nos termos do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação desta Universidade, foi lavrada a presente ata, lida e julgada, conforme vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 ERICSON TELLES SAINT CLAIR
Data: 30/09/2024 16:42:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ericson Saint Clair (Orientador - Presidente da Banca)
(UFF)

Documento assinado digitalmente
 ANA LUCIA SILVA ENNE
Data: 22/10/2024 16:23:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lucia Silva Enne
(UFF)

Documento assinado digitalmente
 FABIOLA ORLANDO CALAZANS MACHADO
Data: 30/09/2024 19:28:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Fabíola Orlando Calazans Machado
(UNB)

Ao meu filho Henri que me ensina a cada dia a enxergar

um mundo repleto de possibilidades

infinitas e maravilhosas!

AGRADECIMENTOS

As mulheres que me inspiram e me incentivam a concretizar meus objetivos, que nossas vozes ecoem por todo o planeta. Em especial, a minha mãe Adelair, minhas amigas Bete e Marlúcia, professora Ana Enne pelos incentivos e considerações e minha chefe Conceição.

A toda minha família e meu companheiro Diogo que me incentivam a avançar cada vez mais.

A todos os professores que tive a oportunidade de conhecer e ouvir ao longo dos anos, seus entusiasmos encheram-me de esperança.

A todos os técnicos e coordenadores do programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense por toda a colaboração.

A todos os companheiros da turma 2022 do curso do PPCULT e suas pesquisas e diálogos que me motivaram.

Ao meu Mestre, Dr. Daisaku Ikeda e sua nobre missão de incentivar pessoas no mundo inteiro.

Ao meu professor e orientador Ericson, pelos anos de ensinamento, orientação e paciência.

Ao meu filho Henri, por me ensinar a ver o mundo com mais esperança, e me ensinar a ser uma pessoa melhor a cada dia.

RESUMO

O trabalho apresenta um exercício da cartografia como método para investigar as possibilidades de habitar em fluxo, problematizando os modos de coexistir nos espaços urbanos, apresentando algumas pessoas que optaram por uma vida nômade. Nesse sentido, objetiva relacionar os conceitos dos autores contemplados como Christoph Turcke e suas alterações significativas na *sociedade da sensação*, bem como o argumento de Félix Guattari sobre a necessidade de se repensar a produção de cidades. Propõe uma pesquisa percurso em três movimentos principais numa construção coletiva, abrindo espaço para que outras vozes colaborem com a escrita, também inspirada na autohistoria de Glória Anzaldúa. Portanto, constrói deslocamentos que são atravessados pelos conceitos de *ficar com o problema*, de Dona Haraway e de *criar paraquedas coloridos*, de Ailton Krenak, como alternativas para a criação de mundos possíveis diante da urgência da contemporaneidade. Conclui com a pesquisa de campo a bordo de um veleiro e o devir-com de um projeto de mulheres que objetivam construir relações outras a partir da atenção e cuidado em coletivo.

Palavras-chave: Habitar. Devir-com. Vida nômade. Subjetividade. Fluxo. Mulheres.

ABSTRACT

The work presents an exercise in cartography as a method to investigate the possibilities of living in flow, questioning the ways of coexisting in urban spaces and showcasing some individuals who have chosen a nomadic life. In this sense, it aims to relate the concepts of authors such as Christoph Turcke and their significant alterations in the society of sensation, as well as Félix Guattari's argument about the need to rethink city production. It proposes a journey-based research in three main movements within a collective construction, opening space for other voices to contribute to the writing, also inspired by the auto-history of Glória Anzaldúa. Therefore, it builds displacements that are interwoven with the concepts of staying with the problem from Donna Haraway and creating colorful parachutes from Ailton Krenak as alternatives for the creation of possible worlds in light of contemporary urgency. It concludes with field research aboard a sailboat and the becoming-with of a project by women aimed at building different relationships based on collective attention and care.

Keywords: Living. Becoming-with. Nomadic life. Subjectivity. Flux. Women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Arkwright’s Cotton Mills by Night (Os moinhos de algodão de Arkwright à noite), de Wright of Derby, 1782.....	29
Figura 2 –	Adriano velejando para Porto de Itajaí, Santa Catarina.....	40
Figura 3 –	Placa solar do veleiro do Adriano coberta de fezes de gaivotas.....	40
Figura 4 –	O casal, Junior e Ana, em entrevista ao Adriano.....	41
Figura 5 –	Cozinha do veleiro construído por Junior e Ana.....	41
Figura 6 –	Estrutura de madeira do veleiro em construção.....	42
Figura 7 –	Ana Paula no topo, preparando o casco do veleiro.....	42
Figura 8 –	Kelly e Daniel no primeiro vídeo do canal.....	44
Figura 9 –	Mesa do casal “viajandonabrasa” expondo as peças à venda.....	45
Figura 10 –	Praia de Puçá – Aurora do Tocantis.....	46
Figura 11 –	Placas na Praia de Puçá.....	46
Figura 12 –	<i>Motorhome</i> da Camila.....	48
Figura 13 –	Camila sentada no sofá-baú que vira cama, mostrando a prateleira móvel.....	48
Figura 14 –	Camila entres as portas da fiorino, fazendo uma refeição no dia de Natal em Ushuaia.....	48
Figura 15 –	Registro de Camila da cidade fantasma de Epecuén à noite.....	48
Figura 16 –	Pessoal do restaurante ajudando a desatolar o carro na praia de Camocim.....	50
Figura 17 –	“Cozinha” do casal Kelly e Daniel.....	52
Figura 18 –	Daniel demonstrando como dorme dentro do carro – o banco do carona é totalmente inclinado para frente para ter espaço suficiente.....	52
Figura 19 –	Tânia e Mauricio contando como se conheceram em entrevista ao Adriano.....	53
Figura 20 –	Tânia e Mauricio ministrando workshop culinário.....	53

Figura 21 –	Mauricio bebendo vinho dentro de veleiro.....	54
Figura 22 –	Tânia e Mauricio velejando com amigo.....	54
Figura 23 –	Kelly lavando roupa na beira do rio e a “kombrasa” à direita.....	57
Figura 24 –	Paulo e Tânia contando sobre o início da vida nômade.....	59
Figura 25 –	Kombi do casal.....	60
Figura 26 –	Parte interna da kombi.....	60
Figura 27 –	Cama da kombi montada.....	61
Figura 28 –	Sofá montado (eles chamam de sala de estar).....	61
Figura 29 –	“Cozinha” com geladeira.....	61
Figura 30 –	“Pia improvisada” com a bacia apoiada no fundo dos bancos.....	61
Figura 31 –	Daniel sentado e Kelly deitada na cadeira de praia admirando o pôr do Sol em Balneário Capão da Onça, Paraná.....	62
Figura 32 –	Francisco e Walkiria em entrevista ao Adriano.....	65
Figura 33 –	O casal na época em alugaram veleiro para decidir se comprariam um..	65
Figura 34 –	Walkiria no interior do veleiro.....	66
Figura 35 –	Registro de <i>charter</i>	66
Figura 36 –	O casal nadando num Rio em Porto de Cima.....	68
Figura 37 –	Placas na praia em Matinhos.....	69
Figura 38 –	Cama montada (1,90cm X 1,20cm).....	69
Figura 39 –	“Sala de estar” espaçosa.....	69
Figura 40 –	“Cozinha” com pia feita em madeira.....	70
Figura 41 –	Fogão com corrediça que o permite mover para fora da kombi.....	70
Figura 42 –	Carina sentada no quarto do barco “16 pés”.....	76
Figura 43 –	Registro de Carina fazendo um café na caixa que construiu.....	76
Figura 44 –	Veleiro Criloa no momento da entrevista exibida.....	81
Figura 45 –	Elisabete (Bete) a bordo do Criloa.....	83

Figura 46 – Pahmela, Gabriela e Elisabete remando na primeira manhã da Vivência.....	85
Figura 47 – Subida da trilha na ilha onde havia ruínas.....	86
Figura 48 – Marina Bidoia, Carina Joana, Alice Arida e Maritza Oliveira a bordo do Criloa.....	87
Figura 49 – Registro da tripulação feminina que fez a travessia da Cape2Rio.....	90
Figura 50 – Pahmela e Elisabete minutos antes de subir no bote.....	93
Figura 51 – Carina preparando o jantar na primeira noite.....	95
Figura 52 – Primeira ancoragem.....	95
Figura 53 – Gabriela e Pahmela aprendendo a caçar a vela, utilizando a manicaca para puxar o cabo.....	96
Figura 54 – Pahmela velejando.....	97
Figura 55 – Foto tirada poucos minutos antes de desembarcarmos do Criloa.....	98
Figura 56 – Registro em amarelo do percurso que fizemos durante a vivência na Baía de Paraty.....	99
Figura 57 – Registro do Criloa (no meio) entre dois veleiros cruzando a linha de chegada da primeira regata que fizeram – Ubatuba-Ilhabela, SP.....	100

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ZONA CONFORTÁVEL – CIDADE, SEDENTARISMO E SUBJETIVIDADE	16
2.1	TRAÇANDO O ITINERÁRIO.....	17
2.2	LAR DOCE LAR.....	19
2.3	UMA VOLTA PELA VIZINHANÇA.....	21
2.4	“PÉ NA ESTRADA”.....	22
2.5	COMPRINHAS DE VIAGEM.....	24
2.6	UMA VOLTA PELO “VALE DO SILÍCIO”.....	26
2.7	SEGUINDO PELA ROTA 24/7	28
2.8	PRÓXIMA PARADA: <i>SENSAÇÃO</i>	32
2.9	ÚLTIMA SAÍDA?.....	34
3	NOMADISMO – MOSAICO DE POSSIBILIDADES	38
3.1	CONSTRUINDO UM LAR.....	39
3.2	DANDO O PRIMEIRO PASSO.....	43
3.3	DEIXANDO DE VIVER COMO AUTÔNOMA PARA TER AUTONOMIA DE VIVER.....	47
3.4	ADAPTANDO ESPAÇOS.....	49
3.5	DEGUSTANDO HISTÓRIAS.....	52
3.6	ADMINISTRA-AÇÃO.....	55
3.7	NOMADISMO NÃO DIGITAL.....	58
3.8	TRANSFORMA-AÇÃO.....	60

3.9	PONTO DE CHEGADA OU DE PARTIDA?.....	63
3.10	RECARREGANDO AS ENERGIAS.....	67
3.11	FLUXOS.....	71
4	HABITANDO TERRITÓRIO EXISTENCIAL.....	72
4.1	AVENTURA.....	72
4.2	SE PERMITIR.....	75
4.3	A ESCOLHA.....	78
4.4	MUDANÇA.....	80
4.5	COLABORAÇÃO.....	82
4.6	SONHAR COLETIVO É URGENTE.....	86
4.7	MINHA VIVÊNCIA NO CRILOA.....	92
4.8	CONSTRUIR EM COLETIVO.....	99
4.9	RAMIFICAÇÕES.....	104
5	CONSIDERAÇÕES [NÃO] FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

Foi em tempos de isolamento social¹ que a questão despertou – refletir sobre território e deslocamento justamente quando se fez necessário o confinamento. Pensar em como nos relacionamos uns com os outros e com os fenômenos que nos cercam precisamente em tempos de isolamento. Mas foi dessa obviedade que surgiram tantas inquietações e tantas viagens sem sair do lugar. A internet, para aqueles que possuíam esse privilégio, se tornou o lugar do contato mais do que nunca, com a família, amigos, trabalho e com o mundo. E foi desse lugar, mais precisamente de um canal do YouTube, que ascendeu para mim a ideia de investigar as diferentes manifestações de vida nômade. Como nômades, neste trabalho, entendo as pessoas que optaram por habitar em fluxo, sem um endereço fixo, vivendo num barco ou num *motorhome*.²

Pesquisei em canais do YouTube alguns perfis de pessoas que compartilham suas experiências em nomadismo para compor o mosaico descritivo a fim de compreender como vivenciam essa forma de habitar e como lidam com os desafios que surgem. A partir disso, refleti sobre o que as levou a deixar suas residências fixas e, em alguns casos, seus empregos, para experienciar o viver em fluxo. Na pesquisa é possível observar o consumo por produtos e serviços tendo uma moradia itinerante e o convívio social transitando por diversos territórios geográficos e digitais.³

Para compor o pensamento sobre os territórios da cidade e os dispositivos digitais de conectividade, os conceitos de *sociedade da sensação*, de Christoph Tureke e *24/7*, de Jonathan Crary, se complementam com os do sociólogo Georg Simmel sobre *a metrópole e a vida mental* do século XX e ajudam a pavimentar o caminho a ser percorrido pela pesquisa, problematizando a aceleração do cotidiano, a monetização da experiência, a atitude *blasé* e o quanto isso influencia em comportamentos autômatos dos cidadãos.

Os conceitos de *caosmose*, de Félix Guattari, de *ficar com o problema*, de Donna Haraway e de *criar paraquedas coloridos*, de Ailton Krenak, inspiram possíveis rotas de fuga para uma vivência mais autônoma, pontuando a necessidade de construir novas formas de

¹ Medida de prevenção ao combate do novo coronavírus, adotada durante a pandemia do ano de 2020.

² *Motorhome* pode ser traduzido mais comumente para “casa sobre rodas”: são automóveis equipados de alguma forma para atender as necessidades de uma habitação, tais como carros, kombis, vans, ônibus etc.

³ Diante da temática da vida nômade e do viver em fluxo, é preciso deixar claro que esta pesquisa contemplará as pessoas que decidiram, por conta própria, mudar seu estilo de vida. Não abarcarei o problema global que merece atenção e ações emergenciais de pessoas refugiadas ou que vivem de forma itinerante por consequência de conflitos políticos, religiosos, geográficos etc. e problemas climáticos.

habitar numa relação de devir-com nesses múltiplos territórios que habitamos no dia a dia das grandes cidades.

Na pesquisa, os conceitos de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, e *autohistória*, de Gloria Anzaldúa, inspiram esse processo da escrita que abre espaço para que outras vozes sejam ouvidas e que os relatos de vida sejam expostos pelos próprios viventes, num exercício de escrita coletiva.

Na construção textual enquanto processo de contínuo contágio entre o que leio, vejo, vivo, escrevo e problematizo, percebi que não existe um *a priori*, pois todas essas etapas se conectam e atuam entre si, conforme circunstâncias. O fato é que me propus a esta pesquisa sem muitas certezas, e, ao longo do percurso, compreendi que não eram elas que eu procurava: quanto mais próxima eu chegava de possíveis “verdades”, mas distante eu ficava daquilo que me incitava.

Tive a oportunidade de participar da vivência em um veleiro que havia sido um “barco coletivo vivo” de mulheres que optaram por viver em fluxo e por exercitar o devir-com, percebendo que a atenção e o cuidado são possíveis quando há disposição para assumir que a relação de troca com o outro (seja uma pessoa, um barco ou o vento) ou consigo própria é constante, e daí resultam possibilidades outras de se reinventar e de criar mundos possíveis.

Como aprendiz, exercito a metodologia da cartografia, trazida ao Brasil por Suely Rolnik a partir de Félix Guattari. Tenho como referência as oito pistas desenvolvidas por professores e pesquisadores da UFRJ e da UFF no livro *Pistas do método da cartografia – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. O sentido da cartografia é acompanhar processos e habitar um território existencial, partindo do pressuposto de que não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa é também uma intervenção⁴, seguindo pistas e desenhando paisagens de acordo com o que chamam. Habitando territórios existenciais para uma construção orgânica do texto, permitindo que outras vozes, outros tempos e outras experiências atravessem a escrita. Junto a isso, minha própria experiência processual, às vezes mais direta, outras vezes indiretamente, ajudam a costurar por entre linhas e imagens o que se anuncia.

As pistas do método de pesquisa em cartografia servem para orientar e dar dicas de como percorrer um território, do estado de atenção suspensa que é necessário para não objetificar um sujeito de pesquisa, e para não cair nas armadilhas de uma presunção universal ou apontamentos de verdades, do que é falso ou verdadeiro. Contribuem para discussões da

⁴ Cf. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, 1ª Edição, 2009. 207 p.

temática, entendendo que o processo de individuação dos cidadãos e, mais especificamente, dos nômades observados aqui, mantêm o devir em constante processualidade. Assim como esta pesquisa, permite desvios, mudanças e atravessamentos nessas subjetividades em fluxo para observar quais as formas de o sujeito constituir a si mesmo nessa vivência e como se relaciona com outras pessoas, culturas e regiões, entre outros fatores que serão pontuados ao longo das próximas páginas.

No primeiro capítulo me inspiro na obra *On the Road*⁵, de Jack Kerouac, e sua aventura do que se anunciava como geração *beat*, trazendo para a pesquisa o que seria uma viagem de carro, pedindo carona, trocando experiências e questionando o atual cenário de nossa sociedade nesse capitalismo tardio. Os diálogos ficcionais entre autores e autoras que compõem a base teórica desta pesquisa anunciam um tempo não linear proposto pela própria pesquisa, em conversas que jamais poderiam ter acontecido, devido ao fato de alguns terem vivido em épocas diferentes.

A proposta descontraída e ficcional do percurso anacrônico, com atalhos, desvios e paradas, faz uma trajetória crítica e reflexiva sobre a contemporaneidade, a economia da atenção na disputa por visualização, a projeção de maior população vivendo em áreas urbanas e a aceleração do cotidiano atrelada à falta de empatia e despreocupação com o futuro e o bem comum. Enfim, como tudo isso se reconfigura de forma cada vez mais atrativa para que o cidadão/consumidor/produto continue tendo estilo de vida e metas que contribuam para a continuidade de tais impactos aos seus processos de subjetivação.

Partindo do começo, do questionamento do que consideramos como “lar” e o peso que isso soma às nossas decisões – uma casa, uma moradia, não é apenas um lugar de descanso e segurança.; é de onde partem modos de coexistir e trocar com o que nos cerca. Portanto o primeiro movimento não linear seguirá uma trajetória de inquietações, reflexões e possíveis proposições por meio de conversas entusiásticas e imaginárias, para se pensar o modo de experienciar os múltiplos territórios que habitamos/construímos.

O segundo capítulo se utiliza do dispositivo YouTube para trazer vivências outras, expondo os modos de vida de pessoas que optaram por uma vida nômade, cada qual com suas razões e anseios. O objetivo desse segundo movimento é se aproximar das histórias e habitar com elas mundos possíveis, numa escuta ao que dizem e como dizem, com poucas

⁵ Cf. KEROUAC, Jack. *On The Road – Pé na Estrada*. 1ª ed. Porto Alegre: L&M Pocket. 2004. 380 p. Em *On The Road*, o personagem principal, Sal Paradise, faz faculdade, mora com a tia em Nova York, é escritor e decide viajar pelos Estados Unidos pegando caronas, encontrando amigos, diversão e jazz com pouco dinheiro e muita ousadia.

intervenções, fazendo um trabalho de curadoria ao selecionar perfis, vídeos e frases que convergem com as questões problematizadas nesta pesquisa.

Embora o percurso possa diferir do primeiro movimento, o segundo capítulo também executa sua temporalidade de modo não linear, ao fazer um mosaico descritivo de casos, sem intervenções teóricas e conceituais sobre a narração que cada um faz de sua própria experiência. Através de busca no YouTube, foram selecionados canais com elementos distintos uns dos outros, mas que se complementam em suas autodeclarações. Pessoas que vivem em *motorhome* ou em veleiro, que construíram ou adaptaram sua própria moradia, que continuam trabalhando com o que já faziam ou que descobriram uma nova forma de subsistência, e que, quase unanimemente, sentem-se mais livres, seguras e afirmam poder contar com apoio até mesmo de desconhecidos. O objetivo é ajudar a compor um imaginário nômade, com interesse voltado para as dinâmicas dos processos de subjetivação que essas pessoas perceberam em si mesmas e na relação que constituem com os territórios que as cercam.

O terceiro capítulo reforça a construção de um texto com diferentes vozes, trazendo a opção de uma mulher, Carina Joana, de viver a bordo sozinha e as múltiplas potencialidades e relações que surgem a partir daí; outras vozes colaboram com o texto, fazendo um percurso tanto por outros modos de habitar quanto por minha própria vivência no veleiro Criloa. Habitando um território existencial que é o barco, as relações, as memórias e as inquietações e desdobramentos que surgem a partir do “se permitir”.

Através do conceito de cama de gato de Donna Haraway, sobre trocar uns com os outros ou consigo mesma, trago relatos sobre o “barco coletivo vivo”, como ficou conhecido o Criloa e o projeto Mulheres na Vela, de Carina Joana, com o objetivo de ensinar mulheres a velejar, construindo relações de afeto, atenção e cuidado umas com as outras. Observando e experienciando o que é uma construção em coletivo e a urgência que isso traz: um coletivo de mulheres e a noção de responsabilidade e atenção para com os problemas contemporâneos, como o do descaso com outras pessoas e outras formas de vida. Elas vivem com poucos recursos materiais, utilizam somente o essencial de água, energia solar e alimentos, e compartilham conhecimentos e experiências num processo de escuta do outro, do vento, do motor e de si mesma.

Nesse último movimento, trago inquietações desse processo de pesquisa, o tempo e o espaço que foram necessários para estar atenta a meus próprios deslocamentos e os caminhos que se cruzaram e que surgiram a partir das convergências. Algumas coincidências pouco

prováveis tornaram possível a ampliação do campo de contágio e das trocas que intensificaram a relação com o território existencial.

Foi necessário voltar ao ponto primordial diversas vezes: pesquisa percurso. Uma escrita que está indissociada dos deslocamentos, em constante fluxo e não temporal. Trago para o texto diversos territórios e tempos que tornam vivas a memória e a história, não como algo do passado, mas como algo sempre latente. Dessa forma, cada capítulo tem seu próprio fluxo e ritmo, acompanhando os deslocamentos das minhas inquietações e do processo de pesquisa, suscitando mundos possíveis.

2 ZONA CONFORTÁVEL – CIDADE, SEDENTARISMO E SUBJETIVIDADE

Vejamos o que quero dizer. Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis e porosas.⁶

Seja onde for, é necessário um “espaço” – como diz Foucault – para estarmos, para sermos, para nos transformarmos, seja em qual território for de nossas mentes, dos dispositivos digitais ou da cidade. Nosso próprio corpo é um território, uma heterotopia⁷, de múltiplas virtualidades e possibilidades. Por essa razão, é tão importante discutir sobre esse “espaço” do qual Foucault fala. Onde nos encontramos agora e para onde e como nos deslocamos faz parte de como constituímos nossos processos de subjetivação. “Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a alguma coisa”⁸, essa relação com o espaço é também uma relação de conexão, por isso importa ao que e, principalmente, como estamos conectados.

⁶ FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. n-1 Edições. São Paulo, 2013. 48 p. Posfácio de Daniel Defert. Tradução de: Salma Tannus Muchail. 112 p. p. 19.

⁷ Heterotopias são *contraespaços*, justapõem em um lugar vários espaços que normalmente são incompatíveis como teatro, cinema, jardins ou mesmo debaixo de uma mesa que pode se tornar a caverna de um dragão para crianças que brincam na sala. Foucault afirma que todas as nações criam suas “utopias situadas, esses lugares reais fora de todos os lugares” e que elas “possuem sempre um sistema de abertura e fechamento que as isola em relação ao espaço circundante”. (Ibid., p. 26.) Podendo ser tanto um lugar para se conectar a outros lugares, como um lugar para se desconectar de outro(s), heterotopias podem ser compreendidas como territórios potenciais reais, agindo como propulsoras de relações outras.

⁸ HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble – Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016. 313 p. p. 31.

Neste capítulo, vamos fazer um percurso, uma viagem, partindo de nossas residências e observando o cotidiano e a forma como nos relacionamos uns com os outros, o que nos motiva a seguir esse ritmo acelerado da cidade grande e de alta conectividade e instantaneidade digital, buscando entender o que isso tudo tem a ver com a forma como constituímos a nós mesmos.

Inspirado na obra *On the Road*, de Jack Kerouac, faremos uma viagem de carro que não segue uma trajetória linear nem no tempo e nem no espaço, com diálogos ficcionais entre autores e autoras de épocas distintas, trocando experiências e questionando o atual cenário de nossa sociedade nesse capitalismo tardio. Utilizando conceitos e analogias para um deslocamento em fluxo, vamos cartografar nosso movimento, assim como nos espreguiçamos enquanto assimilamos o cômodo ao nosso redor pela manhã, abrindo os olhos ao acordar e nos preparando para os primeiros passos em nossa zona confortável – nosso quarto.

2.1 TRAÇANDO O ITINERÁRIO

Reconhecer nossos padrões espaciais e pensar em como se relacionam com nossos padrões comportamentais é algo que, de certo modo, já estamos acostumados a fazer diariamente, só que de uma forma automatizada, sem muito olhar crítico. De tantos hábitos que construímos ao longo dos anos, podemos somar o de refletir e questionar sobre aquilo que nos parece mais comum e acessamos a todo instante – nosso espaço de convivência.

O próprio termo “território”, que será amplamente utilizado para os desdobramentos que surgirão, também merece atenção. Conforme esclarece Rogério Haesbaert, no campo da Geografia Política, território é definido como espaço onde ou através do qual se exercem relações de poder sendo suas delimitações articuladas para controlar fluxos de mercadorias, pessoas e informações, assim como territórios identitários podem garantir segurança ou pertencimento para determinado grupo, por exemplo. Dialogando com essa definição, adotarei o termo “território” para indicar onde e como é possível construir e dar sentido à existência, como uma ontologização do território⁹, sendo ele parte constituinte de nossas relações e de nós mesmos.

⁹ Rogério Haesbaert cita essa definição do antropólogo Arturo Escobar (*GEOgrafia – Conceitos Fundamentais da Geografia – Rogério Haesbaert*, vol: 25, n. 55, 2023. p. 5).

Nesse sentido então, o que nos leva a ser quem somos? Nossa existência é definida pela matéria de nosso corpo que ocupa um espaço, pelos pensamentos que pulsam em nossos neurônios... e o que mais? É certo que podemos fazer viagens intergalácticas apenas com nossa imaginação, mas o que de fato construímos? Qual rastro de nossa existência permanece no mundo após nossa partida? Refletir sobre tudo isso é complexo e não conseguiremos achar as respostas, mas podemos suscitar perguntas que irão se desdobrar em novos deslocamentos.

Se pudéssemos calcular cada passo que damos, cada nova tarefa a ser concluída e registrássemos tudo em um livro, cartografando nossa existência, teríamos um grande mapa com muitas legendas e apêndices de nossas vidas e seria mais fácil visualizar os efeitos das ações e assim planejarmos com mais presteza nossas escolhas. Mas certamente isso demandaria muito tempo e desgaste. Podemos, então, refletir sobre como estamos seguindo nossa vida e criar métodos táteis para auxiliarem nessa jornada, como um diário, uma lista, um arquivo digital, uma terapia, expressões artísticas, entre outros.

Talvez não exista uma receita pronta e nem precisa existir. Cada um pode experimentar como funciona para si, partindo sempre dos hábitos mais corriqueiros – às vezes queremos ter mais tempo para realizar o que precisamos no dia a dia, mas não percebemos que estamos com os horários de sono desregulados ou que tomamos iniciativas demais sem contabilizar as horas do dia, por exemplo. Pretendo provocar reflexões e problematizações que serão o combustível para nos tirar do lugar e da nossa zona de conforto.

Comumente planejamos em uma viagem: o caminho que vamos percorrer, o meio de transporte que utilizaremos, o que levaremos de bagagem, se teremos um ou mais destinos e por quanto tempo permaneceremos em cada um. Ter essa organização nos facilita embarcar numa aventura, mas é claro que imprevistos acontecem e que podem surgir novas trilhas pelo caminho, novas experiências. Assim como em uma viagem planejada onde nem tudo pode sair exatamente como o previsto, esta pesquisa se lança à aventura, se permite novas rotas e experimentações, admitindo que é ela mesma uma intervenção, não apenas no objeto de estudo, mas também em minhas inquietações e motivações que estão sendo constantemente incitadas e abrem possibilidades para novos debates.

Opto por trabalhar com a hipótese de que a finalidade da escrita, assim como demais expressões artísticas/políticas/acadêmicas é nunca estar acabada de fato, seu propósito é que o ponto final se desenrole como novelo de lã bem fininha que vai se esticando e ramificando-se em caminhos outros. As possibilidades de tecer algo novo não cessam porque a vida é assim: constante desejo criador.

Adotamos o hábito de escrever em muitas ocasiões. Escrevemos nossos objetivos para um novo ano que se anuncia, escrevemos bilhetes de amor ou de felicitações, fazemos lista de tarefas e até mesmo a prova de nossa existência se dá pela escrita de uma certidão de nascimento – assim como casamento, aquisição de imóvel ou automóvel – e nos localizamos através da escrita de um mapa, mesmo que seja de um GPS. Podemos também escrever para criar outras realidades ou mesmo desabafar sobre nossas angústias.

Traçamos nossa vida passado, presente e futuro por meio da escrita, documentamos nossa existência e, também o fazemos por meio de registros de imagens, em sua maioria compartilhadas nas redes sociais. Repetimos os mesmos padrões buscando legitimação nas diversas áreas de nossas vidas, acrescidos de novas habilidades e dispositivos ofertados pela era digital. Mas quantas vezes ao dia questionamos nossas ações? Nossos objetivos? Questionar e cogitar reescrever a própria trajetória mesmo diante da desaprovação dos outros é se permitir novos deslocamentos, mesmo virtuais.

Iniciando nosso percurso, vamos delinear e levantar algumas questões pertinentes à discussão sobre como nos relacionamos com os territórios que nos cercam e como isso influencia nossos processos de subjetivação, já que estamos em constante transformação e atravessamentos. Trilharemos por caminhos que surgirão em boas companhias e usufruindo de boas conversas, pegando carona com autores e autoras. Mas antes de “colocar o pé na estrada”, como toda viagem que se inicia partiremos do começo – nossa casa!

2.2 LAR DOCE LAR

Ter uma casa, cômodos delimitados num endereço fixo, com uma numeração parece “natural” e necessário para um cidadão. Porém, a própria ideia de numerar as casas não é algo que sempre existiu. Na Modernidade, por exemplo, os cidadãos se opuseram a esta medida de ordenação das residências na Paris do século XIX¹⁰. É comum, hoje, endereço de moradia, principalmente nas grandes cidades, com o CEP, uma sequência de oito números acrescidos do número da casa ou prédio e mais o número do apartamento, podendo chegar num total de nove a quinze dígitos que correspondem à localização de uma residência.

¹⁰ Cf. BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 271 p. (Obras escolhidas, v. 3) Tradução de: José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. p. 44-45.

Essa sequência numérica é bastante similar à que consta no nosso CPF ou Identidade. Não se trata apenas de um registro da localização, mas tem um peso da identidade de um lar, algo mais significativo para a construção do imaginário de um cidadão do que apenas a possibilidade de receber correspondências. E, realmente, isso pesa cada vez mais: há algumas décadas, era comum ver uma família inteira morando numa casa ou no mesmo terreno, com avós, pais e filhos, mas o processo de individualização e consumo do capitalismo reconfigurou essa forma de habitar.

Muitos jovens almejam sair da casa de seus responsáveis mesmo que seja para dividir o “Ap.” com os amigos, como se marcasse uma nova era da vida adulta (ainda que continuem precisando de recursos da família). Ser bem-sucedido é ter um bom emprego, independência, uma vida agitada, principalmente para exibir nas redes sociais, entre outras coisas que formam um conjunto de objetivos que poucos conseguem conquistar, mas que a maioria deseja.

Pode-se argumentar que essa é uma reflexão sobre um fato corriqueiro, mas refletir sobre coisas comuns é tão importante quanto tentar desvendar os problemas complexos da sociedade, ter um olhar mais crítico para o ordinário, para os pequenos fenômenos do dia a dia e como nos relacionamos com eles. A ideia de ter uma casa, de onde e como ela deve ser, dos bens materiais que devem compor essa moradia, e tantas outras metas que adotamos como nossas, mas que foram sugeridas por um sistema econômico, político e social que visa ao lucro acima de tudo e que objetiva excluir aqueles que não seguem esses padrões ou que não conseguem atingir aquelas conquistas.

Michel Foucault diz que o pensamento é também um fato histórico¹¹, sendo transmitido socialmente através dos jogos de verdade e a forma como as pessoas vão se constituindo ao longo das épocas e de sua vida está intrinsicamente ligada à construção de suas subjetividades. Esse processo se dá nos múltiplos territórios, mesmo nos heterogêneos, fluidos e atravessados desta sociedade atual, ou mesmo no próprio corpo e mente dos cidadãos/sujeitos/indivíduos/consumidores.

Ou seja, tanto a numeração das residências, como a própria ideia de ter uma residência fixa é algo que foi construído historicamente e que pode ser repensado de forma crítica e criativa. O sonho do “lar doce lar” pode ser “amargo”, “salgado”, “picante”, “exótico” e de tantas outras formas e sabores quanto se pode imaginar ou percorrer.

¹¹ Cf. FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política*. Organização: Manoel Barros da Motta. Tradução de: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 322. p. 241.

2.3 UMA VOLTA PELA VIZINHANÇA

Às vezes, podemos olhar bem de pertinho do local onde moramos e conhecer alguém que já estava ali muito antes e acompanhou grandes transformações no nosso bairro ou então que veio de uma cidade do interior e teve uma juventude e uma vida adulta bem diferentes da nossa. E, se nos permitirmos uma boa conversa, podemos ouvir um pouco como era aquele lugar há décadas.

Pode parecer entediante para uns mas interessante para outros tentar imaginar um cenário onde a circulação de pessoas, carros, informações, produtos e serviços fosse muito menor do que a que vemos hoje. Refletir sobre a relação que os moradores tinham uns com os outros, com a localidade, conhecendo seus vizinhos e familiares. Ainda é possível observar esse tipo de conduta em algumas ruas ou bairros mais afastados dos grandes centros urbanos. Um certo tipo de enraizamento que se torna o cerne da vida pessoal e familiar, a relação com a casa, o terreno e o bairro, o que faz parte da história de si mesmo e, muitas vezes, a mudança pode soar como abandono ou negação da sua própria história.

Georg Simmel – em sua obra *A Metrópole e a Vida Mental* – esclarece, por exemplo, os efeitos de uma grande cidade na psique humana, um cenário em que as relações de lucro estão para além das relações de trabalho e a gama “infinita” de estímulos faz com que o cidadão urbano altere drasticamente sua percepção sensorial.

É possível imaginar a respeito de que Simmel discorre sobre o início do século XX: a vida rural tinha um ritmo próprio das horas do dia, das estações do ano e com objetivos de vida mais pautados na família, na comunidade e na terra. Já numa metrópole, o ritmo passa a ser mais acelerado com tantos compromissos de trabalho e vida social e com altos prédios residenciais e comerciais onde as pessoas não conseguem conhecer todos aqueles que cruzam seu caminho.

Numa grande cidade é exigido pontualidade, especificidade e monetização do tempo, do ofício e das relações pessoais e sociais, o que faz com que as pessoas se tornem competidoras umas com as outras enquanto são “bombardeadas” com tantos estímulos visuais e sonoros que para que seu cérebro resista, passam a ignorar diversos fenômenos do cotidiano

que passam totalmente despercebidos. A atitude *blasé*¹² da qual Simmel fala, é uma forma de se adaptar a esse cenário, mas que também resulta na diminuição da empatia, tornando a cidade um ambiente hostil.

Apesar de Simmel discorrer sobre a metrópole do início no século XX, ainda podemos aplicar em nosso cotidiano do século XXI seus conceitos, tendo em vista que a população urbana vem aumentando ao longo dos anos e que a quantidade de estímulos também se intensificou com o uso dos dispositivos de tecnologias digitais, conforme discutiremos mais à frente. Quem vive numa grande cidade está mais acostumado a esse ritmo – já que passamos o dia dando conta de muitas tarefas ao mesmo tempo e, ainda por cima, checando as últimas atualizações das redes sociais enquanto tentamos sobreviver numa capital como o Rio de Janeiro, por exemplo. Mas é um bom exercício olhar ao redor e perceber como nos relacionamos com a nossa “vizinhança”, com o nosso entorno e, a partir daí, elaborar novas formas de habitar e experienciar o cotidiano.

2.4 “PÉ NA ESTRADA”

Saindo da nossa zona de conforto, vamos percorrer caminhos familiares, mas com trajetórias mais críticas para observar como está sendo a nossa relação com alguns dos territórios em que transitamos todos os dias. Começaremos o percurso anacrônico, acompanhados por autores e autoras que dialogam com os temas propostos em nossos deslocamentos e dando uma pausa sempre que necessário para seguir viagem posteriormente, traçando novas rotas e permitindo que boas conversas surjam.

Vamos pegar carona com Félix Guattari. Segundo o autor, “a produção de cidade” está cada vez em maior ascensão. No texto, escrito ainda na década de 1980, afirmava que, nos próximos decênios, cerca de 80% da população mundial viveria nas cidades¹³, em “aglomerados urbanos”, conforme a ONU prevê que, até 2050, 70% da população mundial esteja vivendo em áreas urbanas.¹⁴ O que pode soar como uma caracterização de um avanço,

¹² Cf. SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 132 p. p 11-25. P. 16.

¹³ Cf. GUATTARI, Félix. *Caosmose – Um novo paradigma estético*. São Paulo. Editora 34. 2006. 203 p. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. p. 170, 171.

¹⁴ Cf. <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>. Outro ponto importante se refere ao desmatamento de áreas florestais, seja por causas naturais ou por ações humanas com finalidades como agropecuária ou ampliação de áreas urbanas. O Brasil registrou 69,5 milhões de hectares desmatados até 2021, o que equivale a 30% do total.

onde mais pessoas têm acesso a oportunidades, moradias etc., na verdade reforçaria um descompasso, visto que “suas diferenças desiguais não se localizam mais entre um centro e sua periferia, mas entre malhas urbanas superequipadas tecnologicamente, e sobretudo informaticamente, e imensas zonas de habitat de classes médias e de habitat subdesenvolvido”¹⁵.

É compreendendo a contemporaneidade que podemos ter alguma noção do que está por vir, principalmente problematizando as diversas questões que atravessam o nosso cotidiano. Portanto, neste primeiro percurso na estrada vamos dialogar sobre uma breve historicização tanto da produção de cidade quanto da produção de subjetividades, já que “as cidades são imensas máquinas – *megamáquinas*, para retomar uma expressão de Lewis Mumford – produtoras de subjetividade individual e coletiva”¹⁶.

Pensar na produção de cidades é pensar na produção de subjetividades, ou seja, na formação de cidadãos que irão habitar e coexistir nas próximas décadas e, ao olhar para o nosso passado e julgar pelo cenário atual, é possível enxergar o futuro do qual Guattari fala, percebendo que conforme ocorre o avanço das tecnologias de alta conectividade também avançam as desigualdades sociais.

O que isso quer dizer exatamente? Qual tem sido o propósito de uma cidade? Concentrar grandes empresas e atrações? Oferecer serviços variados, moradias e meios de locomoção rápidos? Na verdade, parece que a cidade tem servido para todos os propósitos lucrativos, pois de nada adianta minerar ouro se não tiver quem o consuma; de nada adianta construir um hotel 5 estrelas numa praia paradisíaca se não tiver quem pague por este serviço; de nada adianta lançar novas linhas de carros, celulares, roupas e tudo mais, se não tiver quem compre esses produtos. E onde podemos encontrar tantos consumidores ávidos por novidades? Nas grandes cidades.

Toda essa lógica de consumo se confunde com modos de se comunicar, de habitar, de experienciar e de trocar uns com os outros e essa é a própria realidade que nos cerca, algo tão assustadoramente familiar que insistimos em reproduzir dia após dia e que molda nossa forma de perceber o mundo e de compartilhar com ele.

Apesar de parecer que as mudanças no ambiente urbano são as responsáveis pelas alterações no modo como as pessoas se relacionam, é importante observar que a forma como as pessoas percebem a si mesmas e vivenciam suas experiências, e compartilham umas com

Estima-se que ao longo dos anos, cerca de 80 milhões de hectares de florestas primárias do planeta tenham sido perdidos. Cf. [O que é desmatamento e por que ele acontece? | National Geographic](#) .

¹⁵ GUATTARI, op. cit., p. 171.

¹⁶ Ibid., p. 172.

as outras é o que contribui para tantas transformações sociais, em uma lógica de retroalimentação.

Por mais que possamos falar sobre isso em poucas linhas ou poucos capítulos, nada aconteceu da noite para o dia, foi uma construção histórica de séculos para pavimentar a estrada que estamos percorrendo. Não poderemos dar conta de todos os acontecimentos e características que interseccionam nosso trajeto, mas ainda assim, teremos muito assunto à frente!

Suely Rolnik, Jonathan Crary e Cristoph Turcke também embarcam conosco nessa “aventura” como guias que nos ajudarão a compreender melhor os “pontos turísticos” de nossa viagem.

E, se estamos percorrendo a estrada de agora, é imprescindível comentar que não se trata apenas dos prédios, do fluxo de pessoas pelas ruas e das exigências do trabalho. Temos que conversar sobre os dispositivos eletrônicos e digitais e em como eles foram pensados e produzidos para atender a demanda do capitalismo, facilitando ainda mais as trocas de informações, encurtando distâncias e difundindo um “ringue” onde cada um pode lutar com os outros disputando mais curtidas, seguidores e visualizações. Se na metrópole de que Simmel falava tudo estava sendo monetizado, agora, até mesmo o nosso olhar pode ser convertido em valor de mercado.

2.5 COMPRINHAS DE VIAGEM

Comprar coisas tem a ver com necessidade? Sim, compramos produtos necessários para nossa sobrevivência. Mas também compramos por capricho, estética, afeto, *hobby* ou vício. Podemos também apreciar um passeio em uma feira ou shopping apenas para observar o que tem a oferecer, nos entretendo com o simples fato de contemplar tudo o que está à venda e até mesmo experimentar, degustar, registrar e publicar sem comprar sequer um único item.

Em viagem, é comum comprar uma lembrancinha dos locais por onde passamos, seja de uma feira, loja, shopping ou mercadão e aproveitar o que aquela região tem a oferecer: produtos exclusivos, preços baixos etc. Consumir em viagem é tão importante quanto a viagem em si, pois não se trata apenas de conhecer o local e as pessoas que ali vivem, mas de usufruir um pouco de sua cultura e bens e levar consigo fotos e mercadorias como lembrança.

Passar nas feiras das cidades é uma forma de conhecer a cultura local quando viajamos. Ouvindo isso, Cristoph Turcke aproveita o assunto para comentar que as feiras surgiram da missa cristã antes do século XIII na França¹⁷, sendo originariamente o local onde se podiam trocar mercadorias religiosas, gradativamente foi se tornando parte de outros eventos como casamentos e inaugurações. Com o passar do tempo, também se podiam trocar tecidos, metais, raízes etc.¹⁸ e reforça: o mercado começa justamente no sagrado¹⁹ para então se desvincular dele e se expandir por diversas cidades na Europa, se tornando o local de expor mercadorias, artesanatos, manifestações artísticas, produtos inovadores e exóticos também trazidos de outras regiões.

Pensar sobre a origem do mercado é realmente inusitado para este percurso, mas parece relevante discutir sobre isso, pois se a pesquisa fala da relação que temos com a cidade, é imprescindível trazer para o debate tal questão. O local do sagrado com tantas regras, pavor, obediência, misticismo... e ser ele mesmo o berço do mercado, poderíamos arriscar a dizer que o capitalismo o transformou na nova religião, com adeptos espalhados no mundo inteiro, seguindo seus dogmas para se livrarem de possível ostracismo, de serem deixados de lado, tornando-se mais um produto nesse capitalismo tardio.

O bom funcionamento da lógica do mercado pode ser observado na espontaneidade com que cada um oferece algo ou a si próprio, sem que precise que alguém convide ou obrigue²⁰, a mesma devoção de um fiel... Ouvindo isso, Turcke comenta que é “possível falar de uma ‘era moderna’ a partir do momento em que o potencial de sucção do mercado se torna a principal força de integração da sociedade”²¹ o que regula todo um processo de exclusão em diversas esferas sociais: quem não tem emprego também não possui a proteção e os benefícios de seguridade, assim como quem não tem residência não consegue se candidatar a uma vaga de trabalho. Mas Turcke interrompe afirmando que “a força integradora do mercado nunca foi somente econômica, nunca decidindo apenas a respeito do trabalho ou desemprego, mas

¹⁷ Turcke comenta que a palavra no latim *missa* (messe), que de início significava serviço divino, passou a significar “feira”, pois o que acontecia em momentos específicos como solstício, equinócio ou datas solenes “à sombra protetora do santuário” se transforma em uma feira que dura o ano inteiro, se desligando do santuário e transformando o mercado naquilo que “o sagrado era anteriormente: instância socializadora.” (TURCKE, Cristoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. 2 ed. São Paulo: Unicamp, 2014. 323 p. p. 212 -213).

¹⁸ Ibid. p. 95.

¹⁹ Turcke descreve a forma primitiva de troca como sacrifício para suportar o pavoroso que foi se desenvolvendo desde o sacrifício humano, até o sacrifício animal e a troca por equivalentes entre as partes, tribos, clãs, famílias etc. Passando a substituir partes de seres vivos por algo mais durável, como metal, onde sacerdotes começavam a guardar para si um pouco das oferendas aos deuses. “O local sagrado se torna, assim, o local da formação de um tesouro” (ibid. p. 209), afirma que o mercado surge no templo, com a acumulação e negociação dos próprios sacerdotes. (ibid. p. 201 -211).

²⁰ Ibid., p. 63.

²¹ Ibid., p. 62.

sempre também sobre uma aceitação ou rejeição, em certo sentido, então, sobre o ser ou não ser”²².

Como numa viagem, consumir não tem a ver somente com a compra de produtos, mas também em consumir serviços, experiências e “pontos turísticos”, o consumo não é apenas sobre o que é possível adquirir, mas também sobre o que é possível tornar-se. Ser aquele que visita, que experiencia e publica seus registros na internet para que outros possam “valorizar” a viagem através de curtidas e comentários é também se tornar o próprio território/mercado.

Não é o local que se mantém como único produto a ser consumido; um ponto turístico pode servir de abrigo para alguém em situação de rua, pode ser um ponto de referência para um encontro com um amigo, pode ser um local de protesto ou inspiração para um artista. Um ponto turístico pode ser alvo no período de guerra ou apenas uma foto de viagem. A maneira de “consumir” tem a ver com o modo de ser e estar de cada um, seja uma bolsa, um lugar, uma relação amorosa ou a própria vida.

2.6 UMA VOLTA PELO “VALE DO SILÍCIO”

Falando em pontos turísticos, o silício, que deu origem ao apelido da região da Califórnia onde há uma grande concentração de universidades e empresas de tecnologia, é um elemento químico que pode ser encontrado facilmente na natureza e pode ser manipulado para diversas utilidades, ajudando a enrijecer o ferro ou concreto, ou sendo combinado para a produção de silicone, por exemplo. Muito versátil, é também um semicondutor, ideal para a fabricação e bom funcionamento de processadores de computador. E nesse “ponto turístico” da viagem, observamos essa versatilidade nos comportamentos de diversas pessoas tentando se reinventar, inovar, lançando perfis e produtos para atrair mais público, moldando seus hábitos, personalidades e corpos conforme a demanda.

O curioso é que o silício não é o melhor semicondutor que existe, mas é o que está em maior abundância no planeta, é de fácil manipulação e pode ser trabalhado de forma confiável. Comparativamente como os milhares de indivíduos que aceitam as sugestões que lhes são dadas de bom grado, reproduzindo os mesmos discursos de consumo das

²² Ibid., p. 65.

subjetividades, utilizando sua energia para se tornar “incrível” não importando a categoria que ocupe nesse capitalismo tardio.

O que observamos nas redes sociais e nos meios de divulgação é a engenhosidade e flexibilidade das pessoas para conseguir atenção, tirando *selfies*²³ em lugares perigosos, exibindo sua vida íntima, comendo comidas a que não estão acostumadas ou mesmo tentando demonstrar grandes habilidades, como no canal televisivo *People Are Awesome* que também tem um canal no YouTube, onde qualquer um pode enviar vídeos através do site²⁴ e ter a sorte de ser exibido como esse “algo incrível!”

A antropóloga Paula Sibilia, que entrou no carro assim que chegamos a este “ponto turístico”, comenta sobre seu livro *O show do Eu – A intimidade como espetáculo*, que derivou da sua pesquisa para uma tese de doutorado em 2002 e o quanto observava os blogs, fotologs e, também, o Orkut e percebia “a velha noção de intimidade, por um lado, e, por outro, a explícita vontade de tornar algo público”²⁵ e, com o passar dos anos, mais ferramentas foram criadas para que cada um possa se tornar uma “pessoa pública”.

Entretanto, se é tão fácil estar na mídia digital, apenas criar um perfil não garante a fama e o maior número de seguidores – é necessário inovar, se destacar de alguma forma para que as pessoas prefiram ver seu perfil em vez de outros, mas... Comenta Paula Sibilia:

Através de uma incitação permanente à criatividade pessoal, à excentricidade e à procura constante da diferença, não cessam de ser projetadas cópias e mais cópias descartáveis do mesmo.²⁶

É um processo de “inovação” mais fácil de cultivar do que o próprio silício, pois se tornou uma forma de comunicação, regulador das relações sociais e econômicas do contemporâneo, que gera lucro quando se é percebido. Em uma sociedade onde o mercado é uma instância socializadora, é necessário cuidar bem dos negócios, da própria “marca” e é por isso que cada um parece gerir sua vida como uma empresa, com metas a cumprir, expor e comparar, numa disputa por atenção, por visibilidade.

²³ Paula Sibilia comenta na página 21 do seu livro *O show do Eu – A intimidade como espetáculo* que a palavra *selfie* virou a “palavra do ano”, segundo o dicionário Oxford em 2013.

²⁴ <https://www.peopleareawesome.com/>.

²⁵ SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016. 356 p. p. 9.

²⁶ *Ibid.*, p. 16.

Cristoph Turcke comenta sobre o seu livro – *Sociedade Excitada, filosofia da sensação* – e me diz como essa temática é relevante para os próximos trajetos que faremos, porque a propaganda precisa ser de tal forma eficiente que seja capaz de se expandir para muitas áreas. E o que observamos hoje é que o modelo de publicidade de uma empresa, de uma marca, também é usado para a publicidade de uma pessoa. E não estou falando de celebridades, políticos etc., mas de pessoas comuns que passaram a gerir suas vidas com a mesma lógica empresarial e a mesma importância em investir em publicidade, investir na própria imagem.²⁷ Então, o que passa a importar mais são essas imagens, o que é projetado, as curtidas, comentários e, mais importante, a quantidade de visualizações, “fazer propaganda de si próprio torna-se um imperativo de autoconservação”²⁸. Jonathan Crary que ouvia atentamente a conversa durante esse percurso expõe a afirmação do Dr. Eric Schmidt no final de 1990, de que o século XXI seria da “economia da atenção”²⁹, onde a disputa lucrativa seria a do maior número de visitas, de acessos e de “globos oculares”.

2.7 SEGUINDO PELA ROTA 24/7

Quem não gosta de aproveitar uma longa viagem para dormir? Sempre que possível ou... Podemos aproveitar para responder mensagens, terminar um trabalho ou simplesmente assistir a uns *reels*. Seguindo viagem, entram no carro Walter Benjamin e Georg Simmel para aproveitar o passeio e ampliar as discussões. Jonathan Crary comenta que “no paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo, para os fracos”³⁰.

Olhando pela janela agora, passando pela rota 24/7 é possível observar milhares de dispositivos eletrônicos e digitais, mas eles não são os únicos na paisagem. O regime 24/7 começou a ser constituído há séculos. Crary comenta sobre uma obra de *Wright of Derby*, 1782³¹, com estruturas que, segundo historiadores, não condizem com a arquitetura inglesa da época:

²⁷ Cf. SIBILIA, op. cit.

²⁸ TURCKE, op. cit., p. 37.

²⁹ Cf. CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. 2 ed. São Paulo: UBU, 2016. 141 p. p.84.

³⁰ *Ibid.*, p. 23.

³¹ *Arkwright's Cotton Mills by Night* (Os moinhos de algodão de Arkwright à noite).



Figura 1: *Arkwright's Cotton Mills by Night* (Os moinhos de algodão de Arkwright à noite), de Wright of Derby, 1782.

Mais inquietante, no entanto, é a elaboração de uma cena noturna na qual a luz da lua cheia, iluminando um céu repleto de nuvens, coexiste com os pequenos pontos de luz das janelas dos moinhos de algodão, iluminadas por lâmpadas a gás. A iluminação artificial das fábricas anuncia a instauração racionalizada de uma relação abstrata entre tempo e trabalho [...].³²

A luz adquire um caráter de suma importância para a construção das relações sociais e de trabalho. Walter Benjamin, por exemplo, menciona que os lampiões a gás iluminavam as galerias na Paris do século XIX, fazendo com que as pessoas se sentissem à vontade na rua, assim como em suas casas, durante a noite. Isso aumentava o nível de segurança e, também, tirava o foco do brilho da lua e das estrelas³³, dessa forma os transeuntes eram atraídos para vislumbrar as vitrines. As lojas passaram a estender seus horários de funcionamento com programações noturnas e, com a chegada da luz elétrica após a segunda metade do século XIX, a transformação do uso do espaço urbano foi ocorrendo de maneira acelerada formatando o que chamamos hoje de metrópoles.

Virando a próxima saída, instigo uma conversa sobre o século XX. Georg Simmel e Jonathan Crary dialogam entusiasticamente, pois, com o início das metrópoles, não adiantaria apenas ofertar tantas atrações sem visibilidade; portanto, para manter os olhos dos indivíduos abertos e em atenção a tantos estímulos, mais luz! Iluminar cidades, ruas públicas, outdoors

³² CRARY, op. cit., p.70.

³³ CF. BENJAMIN, op. cit., p. 47.

etc. passa a ser uma forma de gerir o espaço urbano como uma empresa. Entrando em outra saída, no século XXI, e observando a rota 24/7, Crary aponta para fora do carro e afirma que, para sujeitar o indivíduo 24 horas por dia, 7 dias por semana, as telas que emitem luz são uma ferramenta muito útil: com a invasão dos televisores nos lares a partir da segunda metade do século XX e a popularização dos smartphones na virada do século, os estímulos/controlados passam a estar por toda parte.

Em poucos quilômetros ou poucas linhas percorridas, três séculos de grandes transformações no âmbito social e mental e lá estava ela: a luz! Com certeza, outros fatores contribuíram para tais mudanças, mas decerto que a sua incidência contribuiu muito para que se instalasse definitivamente o chamado capitalismo tardio. 24 horas por dia, 7 dias na semana em estado de alerta e frustração constante, sempre com a sensação de que estamos perdendo algo, pois a cada instante novos conteúdos são lançados na internet, aplicativos e *startups* são criados enquanto as pessoas divulgam momentos “incríveis” de suas vidas e, se não acompanhamos tudo isso, nos sentimos deixados de lado.

Como é possível devir-com essa forma de habitar? Pensar em coexistir se “o regime 24/7 mina paulatinamente as distinções entre dia e noite, claro e escuro, ação e repouso? É uma zona de insensibilidade, de amnésia, de tudo que impede a possibilidade de experiência”³⁴. Como conviver onde as trocas e o contágio são regidos pela competitividade, onde o desejo de “aparecer” sob os holofotes e o medo de ser deixado nas sombras é o que rege o comportamento idealizado das subjetividades hegemônicas contemporâneas?

Na passagem para o século XIX, “a burguesia se empenhava em buscar uma compensação pelo desaparecimento de vestígios da vida privada na cidade grande”³⁵. Tirava, assim, moldes de diversos objetos, ao fazer capas de guarda-chuva, chinelos, termômetros etc., numa tentativa de manter sinais de sua existência diante da multidão do espaço urbano em transformação.

Com o surgimento da fotografia poucos anos à frente, por exemplo, tornou-se possível registrar vestígios duradouros e evidentes do ser humano. Mesmo que fossem necessários muitos minutos para tirar uma única fotografia, a possibilidade de capturar momentos importantes de pessoas ou lugares certamente marcou o início de uma nova era, pois a fotografia foi passando de registro documental e histórico para produção artística, cultural, econômica e social ao longo das décadas e do aperfeiçoamento das tecnologias necessárias. Já no século XXI, os smartphones e a internet tornaram possível que cada um

³⁴ CRARY, op. cit., p. 26.

³⁵ BENJAMIN, op. cit., p. 43.

registre seus momentos e a si mesmo e então compartilhe nas redes sociais. Entretanto, a preocupação não é aquela da modernidade de gravar sinais de sua existência para um futuro, mas de ter atenção no presente, ser percebido como condição existencial. A fotografia/imagem contemporânea precisa de poucos segundos para alcançar milhares de pessoas no mundo. É irresistível o desejo por tamanha audiência ao mesmo tempo que é avassalador o medo de estar nas sombras sem ser visto, curtido, comentado, seguido ou compartilhado.

Nesse momento, Christoph Turcke é quem se exalta e grita “Olhe para cá!”: “esse imperativo, por sua vez, é absoluto no sentido de que ele se faz valer categoricamente, quer dizer, a partir de si mesmo e por si mesmo e, além disso, não dá nenhuma chance ao olho humano de fugir dele.”³⁶ É tanto a necessidade de olhar para o que chama a atenção como de ser aquele que recebe a atenção. A internet facilita muito esse propósito de sobrevivência de si, de emitir para existir, nessa “economia da atenção”: se eu não fizer parte da lógica operante, estou no escuro.

Percorrer estas linhas reforça o conceito de que o regime 24/7 também é uma construção histórica; não é algo que surgiu com os aparelhos de smartphone ou a internet, mas que contribui para a fabricação de tais dispositivos e formas de socializar. Ter a possibilidade de realizar diversas tarefas, consumir produtos, serviços, visualizar *stories* de pessoas que nem conhecemos, entre outras coisas, 24 horas por dia, 7 dias por semana, é algo que transforma ainda mais a nossa percepção e a forma como nos relacionamos conosco e com tudo ao nosso redor.

Turcke reforça que “uma percepção que não tenha um lugar no meu sistema nervoso pode sem dúvida afligir-me e torturar-me, mas nunca realmente pertencer-me”³⁷. São tantos estímulos e solicitações em um ritmo tão acelerado que a nossa psique não consegue lidar com eles. Nesse momento, Georg Simmel consente com a cabeça, pois relembra que sensações são como flashes de luz que acendem e apagam em nosso sistema nervoso, às quais não damos atenção o suficiente para que nos pertençam. Quase como felinos, somos atraídos pelo pontinho luminoso com vontade voraz e frustração constante sem jamais o possuímos.

Esse regime é incompatível com o tempo humano em “um presente cada vez mais congelado e desprovido de futuro”³⁸: é como se passado, presente e futuro estivessem borrados, como numa imagem em alta velocidade. O tempo presente, que estaria congelado,

³⁶ TURCKE, op. cit., p. 195.

³⁷ TURCKE, ibid., p. 78.

³⁸ CRARY. op. cit., p. 44.

seria esse tempo das sensações, dos estímulos que exigem atenção e respostas rápidas, o que contribui para uma sociedade excitada e despreocupada com o bem comum. Turcke afirma que a “produção da pobreza por meio do excesso”³⁹ é algo que o capitalismo trouxe ao mundo e que se imprime no aparato sensorial.

2.8 PRÓXIMA PARADA: *SENSAÇÃO*

Mas, alguém que pegue carona no meio da estrada pode perguntar: o que aceleração e sensação têm a ver com a cidade? Numa conversa bem tranquila, Christoph Turcke explica que “foi no francês – que, como no inglês, se adotou inicialmente a palavra latina *sensatio* no sentido geral de sensação e percepção – que a mudança de significado se mostrou em primeiro lugar”⁴⁰. Um início de explicação que pode alertar quem estava desde o início da viagem como se ansiasse por este momento, mas... Para o recém-chegado caroneiro pode soar como uma simples curiosidade.

Turcke prossegue explicando que, entre 1754 e 1780 nos dicionários franceses, ingleses ou alemães, os significados da palavra *sensation* foram se transformando, desde “uma forte impressão a várias pessoas” até “fazer uma sensação” e, no dicionário alemão de 1797, o sentido da palavra “sensação” era “chamar a atenção, estar atento, fermentação, movimento”. De acordo com essas transformações, Turcke conclui que “fica claro que sensação pode muito bem ser aplicada também a processos de tensão e fermentação sociopolíticos e, não apenas a processos individuais e anímicos”⁴¹.

A grande questão dessa conversa é que, em poucos anos, de um país a outro, a palavra “sensação” foi tendo seu sentido alterado no decorrer das transformações nas cidades: “esse é um fenômeno primordialmente urbano – uma reação ao rápido crescimento urbano do período mercantilista.”⁴² E o atraso de algumas cidades da Inglaterra, Alemanha e França em relação a suas metrópoles não impediu essa atualização da palavra “sensação”.

Então, Turcke puxa uma carta do bolso: é de Joachim Heinrich Campe, datada de 4 de agosto de 1789, após a Tomada da Bastilha. Ele escreve para sua terra-natal:

³⁹ TURCKE, op. cit., p. 78.

⁴⁰ Ibid., p. 108.

⁴¹ TURCKE, ibid., p. 109.

⁴² Ibid., p. 110.

[...] Consegui desvencilhar-me das ondas humanas, que mais do que nunca lavam as ruas e os lugares públicos: agora me instalei nas margens do Sena, isto é, em meu quarto, para poder, tanto quanto possível, ordenar e organizar a imensa quantidade de novas imagens, ideias e sensações que, como um enxame de abelhas, assolam o observador a cada passo que dá. Em vão! [...]⁴³

Ao ouvir este último trecho, Georg Simmel afirma com veemência que as alterações no espaço urbano alteram a percepção daqueles que nele habitam ou circulam. E, claro, os discursos também são alterados, assim como o significado das palavras ocorre uma mudança na lógica operante e tudo o que vai se produzindo ou reproduzindo se desenvolve sincronicamente em larga escala, até chegarmos ao ponto da rota 24/7 descrita por Cray.

Quantas cartas poderíamos escrever sobre a perplexidade com relação a nosso tempo? Desenhar por entre linhas a estupefação de algo corriqueiro? Ou escrever um manifesto pelo fim da aceleração do cotidiano? Com tantas formas de escrever e tantas ferramentas de compartilhamento, é difícil, quase impossível na verdade, fazer uma busca no *Google* e ficar sem resposta.

O próprio *Google* foi criado e se atualiza de acordo com a lógica operante; afinal de contas, quem não tem uma resposta ou uma opinião para tudo? O que mais surge a cada semana são especialistas em algo, cheios de opinião que escrevem e compartilham qualquer blasfêmia só para não ficar de fora. Impressionante é conseguir discorrer sobre assuntos variados, principalmente acerca de fatos desconexos de sua realidade sem exercer a verdadeira alteridade.

Simmel volta à conversa e comenta sobre a reserva⁴⁴, a ideia de uma liberdade individual que se caracteriza por uma indiferença ao outro, e, quanto mais isolado o indivíduo se encontra e mais alienado temporal e espacialmente, mais suscetível à submissão ele se apresenta. E essa ideia de liberdade ganha mais força quando podemos ter acesso a tantos conteúdos e informações a todo instante – com sinal de internet, é claro. A sensação de estar no controle, conectado a tudo o que se deseja também causa rivalidade – visto que outra novidade pode ocupar meu lugar num piscar de olhos – seguidores ou mesmo “amigos” são competidores assim como colegas de trabalho ou cidadãos. Todos lutando para sobreviver, uns com os outros e consigo mesmo num ambiente hostil onde a alteridade se torna escassa.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Cf. SIMMEL, op. cit., p. 18.

A observação do trajeto até agora, de onde viemos e para onde vamos, provoca as questões: Por que não paramos todos e olhamos este mapa para refletir e decidir traçar novas estradas, formas de habitar e coexistir com todos, humanos e não humanos? Há tanto o que se fazer que não sobra espaço/tempo para o verdadeiro cuidado de si? Assim como são múltiplos os territórios, também o são as possibilidades inventivas, uma simples mudança de percepção pode fazer surgir novos caminhos...

2.9 ÚLTIMA SAÍDA?

Durante o percurso, Donna Haraway e Ailton Krenak entram no carro e continuamos o diálogo sobre essa sociedade excitada, regida pelo 24/7, onde os indivíduos parecem ser todos competidores, treinando arduamente a si mesmos para uma grande final que nunca chega. Até quando estamos no momento de lazer competimos, contabilizamos e medimos o quão produtiva foi uma experiência; “a concorrência penetra em todas as relações de trabalho e não para nem diante da relação familiar tradicional”⁴⁵.

O quanto estamos gerindo nossas vidas, a arte, a política, o social e o todo como se fossem empresas? O quanto estamos nos tornando cópias de nós mesmos, versões mais pictorizadas e caricatas de nós e de outros? Por que nos espelhamos nos outros? Copiamos hábitos ao mesmo tempo em que moldamos nossa percepção. Assim como descreve o antropólogo social Marcel Mauss em *As Técnicas do corpo*⁴⁶, se, no passado ou na infância aprendemos a sentar, andar, falar, segurar talheres etc., também aprendemos a nos comunicar, relacionar, habitar e vivenciar nossas próprias experiências através dos hábitos que vemos.

Paula Sibilia concorda e diz que “são rituais bastante variados, que brotam em todos os cantos do mundo e não cessam de ganhar novas modalidades e mais adeptos dia após dia[...]”⁴⁷. Ao mesmo tempo que aprendemos, também ensinamos, compartilhamos nossa “sabedoria” com os outros, com os mais novos, construindo essa instância socializadora e tudo o mais que vai surgindo parte dessa lógica: dispositivos digitais, empregos, cursos, jogos, convivência etc. Mas a principal questão não é apenas refletir sobre essa lógica, mas

⁴⁵ TURCKE, op. cit., p 240.

⁴⁶ Cf. MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 399-422.

⁴⁷ SIBILIA, Paula, op., cit. p. 19.

em como nossa percepção é “configurada” de acordo com nossos próprios processos de subjetivação.

As cidades moldam as pessoas “por meio de equipamentos materiais e imateriais”⁴⁸ e, se o que importa é o lucro, é fundamental reconhecer que nem tudo o que está à venda está “à venda” de fato. Muitas vezes, pagamos não só com nosso dinheiro, mas também com nosso tempo, nossos “globos oculares” e nossa vida, por experiências e hábitos que não estão em anúncios nas lojas, mas que fazem parte do cenário urbano, o que cria uma sensação fictícia de prazer, de poder, controle e autonomia. Tudo isso já está disponível antes mesmo de precisarmos tomar decisões.

Assim, “pode-se dizer que a cidade-mundo do capitalismo contemporâneo se desterritorializou, que seus diversos constituintes se espargiram sobre toda a superfície de um rizoma multipolar urbano que envolve o planeta”⁴⁹. Os efeitos se manifestam tanto acima quanto abaixo da superfície, com consequências para empresários, privilegiados, marginalizados, miseráveis e toda forma de vida.

Os efeitos dos problemas urbanos não se encerram nos limites das cidades, portanto é urgente ficar com o problema, como diz Donna Haraway: estar atento ao que acontece, mas não aquela atenção da notificação do celular – é estar presente, dar abertura para a crítica e para o surgimento de novas estratégias. Mas como escapar de um “rizoma multipolar urbano que envolve o planeta”? Como traçar novas rotas e construir laços para além do regime 24/7? Enquanto formulamos essas perguntas, em nossa trajetória, é como se o carro estivesse passando por uma estrada esburacada sem ao menos um atalho para fugir do desconforto provocado pela questão.

É verdade que atalhos facilitam, encurtam caminhos e economizam tempo, mas às vezes é necessário ser sacudido e olhar para fora e perceber os buracos pelos quais passamos e pelos que ainda vamos passar, por mais desconfortável que isso seja. Nem sempre o conforto é a melhor opção: talvez seja mais prudente sair do carro, pegar uma grande enxada e abrir um novo caminho, não um atalho, mas um novo percurso a trilhar. Se não encontrarmos saídas, vamos criá-las!

Apenas uma experiência bem-sucedida de novo habitat individual e coletivo traria consequências imensas para estimular uma vontade geral de mudança. [...] Trata-se de entrar em processos de ressingularização e de irreversibilização do tempo. Além

⁴⁸ GUATTARI, op. cit., p. 152.

⁴⁹ Ibid., p. 151.

disso, trata-se de construir não apenas no real mas também no possível, em função das bifurcações que ele pode incitar; construir dando chances as mutações virtuais que levarão as gerações futuras a viver, sentir e pensar diferentemente de hoje em dia, tendo em vista as imensas modificações, em particular de ordem tecnológica, que nossa época conhece.⁵⁰

Félix Guattari argumenta que os arquitetos e urbanistas terão que se modificar, como verdadeiros artistas polissêmicos e polifônicos, para criar projetos de cidades subjetivas, nada de produção em série, mas uma construção em movimento, como uma “cartografia multidimensional da produção de subjetividade”⁵¹.

É preciso pensar a cidade para além da ideia que temos hoje, pois já sabemos que ela também é uma construção histórica. Construir no possível e dar chance às mutações virtuais não é apenas fazer algo novo ou resgatar algo do passado, como ter uma vida nômade como tínhamos há 10 mil anos atrás; é participar o mais autonomamente possível dos próprios processos de subjetivação.

Não adianta apenas mudar hábitos, construir prédios mais sustentáveis, iluminar mais as ruas e praças para promover maior contato entre as pessoas ou, de forma mais radical, “desligar” a internet. Precisamos também de uma revolução no domínio mental: se não refletirmos “que mundos mundificam mundos” não conseguiremos habitar livremente.

Apenas reproduzimos a ideia de que todos estamos conectados, sem nos darmos conta de que as transformações na globalização são sempre um processo de integração que exclui, não apenas de lugares distantes, músicas novas, textos e livros premiados, que por mais que milhões de pessoas usufruam, outros bilhões nem sequer tomam conhecimento, pois não possuem acesso à internet, aos meios de comunicação ou a recursos básicos de subsistência.

É como teorizamos sobre ser feliz. Existe também a integração da felicidade, que faz parecer que nesse mundo tudo é possível e a felicidade está diante dos próprios olhos ao alcance de um *touch*, o que termina por excluir todos aqueles que se sintam infelizes. É como se o slogan fosse “Como buscar a felicidade em um mundo cheio de promessas de felicidade nunca alcançadas?”

Por mais que cada um tenha a sua própria percepção de mundo, os efeitos que geramos são para todos, humanos e não humanos. Portanto, é preciso uma mudança de percepção e constatação de conflitos em tais proposições e praticar o exercício de crítica e

⁵⁰ Ibid., p. 155.

⁵¹ Ibid., p. 156.

criação de outros mundos. Suely Rolnik que apenas observava o diálogo, diz que é necessário “se perceber, nós humanos, como uma espécie entre outras espécies que compõem um ecossistema não só ambiental, mas também social e mental”⁵².

Perceber o estado em que me encontro não é o todo do exercício, é preciso refletir: “como é que eu conquisto essa possibilidade na minha subjetividade?”⁵³ A parte mais difícil é o que crio a partir dessa percepção, e Donna Haraway entra na conversa e utiliza a metáfora da “cama de gato”⁵⁴, jogo muito antigo que deriva de diversas culturas, inclusive indígenas, de elástico ou corda nas mãos que pode ser jogado entre diversas pessoas ou sozinho. E esclarece que essa imagem da “cama de gato” é sobre o devir-com, as conexões e trocas que temos uns com os outros (não somente humanos) e que criam mundos para além do que estamos tão acostumados a viver e reproduzir constantemente.

Donna Haraway comenta que realmente estamos vivendo um momento de crise em todas as instâncias da vida e do planeta, e explica que existem diversos caminhos que podem ser seguidos.⁵⁵ Em geral, as pessoas optam por acreditar numa salvação divina ou tecnológica para os problemas em questão, ou mesmo encarar tudo como acabado, como se não tivéssemos mais saídas ou que precisássemos renunciar a tudo o que temos hoje e retornássemos às “origens”. O título do seu livro *Staying with the Trouble* (Ficar com o problema) nos intima a seguir com o problema, não no sentido de nos acostumarmos com o caos instalado ou que não exista uma solução, mas no sentido de que é necessário e urgente compreendermos o atual momento e os efeitos que virão.

Seguir com o problema não tem a ver com entrar em pânico e tomar medidas desesperadoras, mas sim ter a responsabilidade de agir com urgência diante das questões contemporâneas. Além da imagem da estrada esburacada e da necessidade de construirmos saídas, o pensador e ativista indígena Ailton Krenak, que ouvia atentamente todo esse diálogo, comenta que é como se estivéssemos todos caindo, então: “vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos”.⁵⁶ A queda já está dada, já está em jogo: o que é possível agora é criar esses paraquedas coloridos, criar mundos possíveis a partir de uma mudança na percepção e atenção à vida permitindo que cada um seja menos autômato. Com relação a este ponto, Suely Rolnik fala sobre a constituição do sujeito:

⁵² ROLNIK, Suely. Congresso Figurações – Interartes – Derivas e Contágios, do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Mesa 1 – As aranhas, os guarani e alguns europeus. Transmitido ao vivo no dia 08 de março de 2022 e disponível no canal do YouTube Eco-Pós UFRJ. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=DfhBmflAdhM>. 12min. 26seg.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ HARAWAY, op. cit., p. 10.

⁵⁵ Cf., Ibid.

⁵⁶ KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras. 2020. 57 p. p. 15.

Em outras palavras, o sujeito busca se sustentar no movimento de sua pulsão tensionada entre a forma de um mundo e de um si mesmo no qual ele se reconhece no presente em sua face indivíduo (individual) de um lado e de outro lado as forças vitais de um outro mundo e de um si outro em estado embrionário que se agitam em sua face transindividual. [...] Essa tensão é a força motriz do devir do sujeito que pode ou não acontecer, devir do sujeito portanto é devir das transformações no campo social, que pode acontecer ou não, dependendo de como o sujeito se move nessa sua corda bamba pulsional.⁵⁷

Dessa forma, a criação de outros mundos pode ou não acontecer, dependendo do devir do sujeito em sua relação consigo mesmo e com os outros (vivos e não vivos). Por isso é devir-com, é um jogo de “cama de gato”, é preciso contágio, relação para que as forças vitais se agitem e isso é essencial para que a vida continue exercendo seu papel vital. “[...] através de suas ‘preensões’, os seres constituem uns aos outros e a si mesmos. Nenhum preexiste a suas relações. ‘Preensões’ têm consequências. O mundo é um nó em movimento.”⁵⁸

E assim, dessa última estrada esburacada podemos vislumbrar diversas bifurcações, umas construídas, outras virtuais, mas compreendemos que não existe uma única saída e que o primeiro movimento começa no próprio processo de subjetivação de cada “viajante”, de perceber o cenário que se apresenta e tudo o mais que não se apresenta, mas que está ali e faz parte dessa construção histórica e das infinitas potencialidades que são intrínsecas à vida.

Como são infinitas, não poderemos percorrê-las todas, mas vamos seguir pela trilha de algumas pessoas que vivenciam habitar como “nômades contemporâneos”, tentando entender as facetas desse novo estilo de vida e quais padrões estão sendo reconfigurados, transitando por suas narrativas e permitindo novos deslocamentos.

3 NOMADISMO – MOSAICO DE POSSIBILIDADES

O que esperar de outras formas de habitar e coexistir que não se limitem às paredes de uma residência fixa? Neste capítulo, vamos conhecer e atravessar algumas histórias de pessoas que optaram por viver em fluxo, vivenciando a vida nômade. Através dos relatos de

⁵⁷ ROLNIK, op. cit., 61 min.

⁵⁸ HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras – Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Trad. Pê Moreira. Revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 168 p. p. 12.

alguns perfis do YouTube, sem a pretensão de afirmar um modelo pronto ou correto, nem sugerir um único resultado, apresentando alguns casos que permitam visualizar uma parcela do imaginário nômade, formando um mosaico caleidoscópico de possibilidades.

Com o objetivo de selecionar perfis pessoais variados, fiz uma busca pelo canal do YouTube “#Sal”, de onde surgiu a ideia de pesquisar sobre nômades contemporâneos. Selecionei três entrevistas: a de um casal que construiu seu próprio veleiro e continua exercendo a mesma profissão de TI; a segunda com um casal que decidiu viver em um veleiro depois da aposentadoria e a terceira com um casal que abandonou seus empregos e passou a morar em um veleiro, oferecendo serviço de passeio de barco como fonte de renda. A escolha por casais heteros reflete a predominância desse perfil nas entrevistas disponíveis.

Realizando uma busca pelo YouTube, selecionei mais três perfis que se destacam por suas particularidades. A primeira é uma entrevista do canal “Vira Volta” com uma fotógrafa que escolheu viver sozinha em um *motorhome* que ela mesma adaptou. O segundo perfil, do canal “Diva Viajante”, apresenta um casal que vive como nômade há mais de 34 anos, sem presença nas redes sociais e sustentando-se da venda de artesanatos. Por fim, escolhi o perfil do canal “Viajando na Brasa” de um casal que decidiu adotar o estilo de vida para compartilhar suas experiências e gerar renda através das visualizações do YouTube.

Acompanharemos, de forma resumida, a trajetória nômade do casal Kelly e Daniel, do perfil “Viajando na Brasa”, do início ao fim, trazendo suas autodeclarações e experiências. Essas vivências serão intercaladas com narrativas dos outros perfis selecionados no YouTube. Com o intuito de manter um percurso não linear, as datas de publicação dos vídeos são informadas no rodapé, e as imagens e falas apresentadas ajudam a compor o mosaico de possibilidades, conforme proposto neste capítulo. Sem intervenções teóricas, esse levantamento de casos busca apontar algumas vivências de nômades contemporâneos disponíveis na plataforma YouTube.

3.1 CONSTRUINDO UM LAR

O canal “#Sal” foi criado pelo Adriano Plotski, que trabalhava com publicidade, morando em São Paulo, e decidiu mudar de vida e viver em um veleiro, unindo a sua experiência profissional à vida a bordo. Completou, neste ano de 2024, 10 anos do canal, com

mais de 200 mil inscritos e 680 vídeos, onde entrevista, em sua maioria, pessoas que moram em veleiros e, também compartilha seu dia a dia.

Divide com seus seguidores maravilhas e desafios da vida a bordo, como nessa fala: “viver ancorado é diferente de viver em um píer, em uma marina ou um clube, a vida fica um pouco mais difícil. Você precisa ir atrás de água, ir pra terra de bote e gerar toda a sua energia.”⁵⁹



Figura 2: À esquerda, Adriano velejando para Porto de Itajaí, Santa Catarina. Figura 3: À direita, placa solar do veleiro do Adriano coberta de fezes de gaivotas. [https://www.youtube.com/watch?v= S1UFmMHtKI](https://www.youtube.com/watch?v=S1UFmMHtKI) Figura 2: 6min. 58seg. Figura 3: 3min. 52seg.

“Crise elétrica em Itaipú, animais provocam queda no fornecimento de energia, deu merda na rede”⁶⁰, Adriano faz comentário irônico porque teve que limpar as fezes de gaivotas na placa de energia solar do veleiro onde vive.

Nesse mesmo vídeo, Adriano compartilha seu deslocamento até o porto de Itajaí, Santa Catarina, percebe muitos moradores de veleiros, e entrevista um casal: Junior trabalhava com desenvolvimento de sistemas e Ana era cabeleireira. Junior diz que seu avô era pescador, então o mar sempre esteve presente em sua vida, já Ana Paula comenta: “Então, eu sempre gostei de barco, eu sou uma exceção à regra porque minha família tem pavor de água... A minha mãe nada igual uma âncora.”⁶¹

O casal relata que, há alguns anos, estava procurando casa para comprar, mas não achava nenhuma de que gostasse e que fosse compatível com o seu orçamento. Em uma

⁵⁹ [https://www.youtube.com/watch?v= S1UFmMHtKI](https://www.youtube.com/watch?v=S1UFmMHtKI) Vídeo publicado em 20 de janeiro de 2019. Adriano. 2min. 29seg.

⁶⁰ Ibid., 3min. 52seg.

⁶¹ [https://www.youtube.com/watch?v= S1UFmMHtKI](https://www.youtube.com/watch?v=S1UFmMHtKI) Vídeo publicado em 20 de janeiro de 2019. Ana Paula. 11min. 34seg.

dessas procuras, Junior avistou um barco pequeno em um terreno e comentou com Ana: “se reformasse um barco desses, dava para morar nele.” Pensou em comprar uma escuna, mas Ana o convenceu de que o veleiro era mais econômico porque poderiam seguir com o vento. O casal enfrentou o mesmo dilema da procura do imóvel – quando o valor era acessível, não gostavam do veleiro, quando gostavam, era muito caro – Então decidiram construir um.



Figura 4: À esquerda, O casal em entrevista ao Adriano. Figura 5: À direita, cozinha do veleiro construído por eles. <https://www.youtube.com/watch?v=S1UFmMHtKI> Figura 4: 9min. 51seg. Figura 5: 14min. 25seg.

Não tinham nenhuma experiência prévia, então baixaram um projeto da internet de quatro páginas e pensaram que seria simples. Ana Paula desenhou o barco, utilizou fibra de vidro, epóxi e fez todos os acabamentos. Junior ficou responsável pela estrutura e tudo relacionado à madeira. Concluída a primeira parte, se depararam com uma má surpresa: a ferragem do barco era a parte mais cara; R\$ 98.000,00 a cotação do mastro com retranca e estaiamento – perceberam que demoraria muito tempo para concretizar o objetivo. Continuaram procurando nos classificados, quando Junior viu um anúncio de um veleiro que estava sendo desmanchado, então aproveitaram muitas coisas em ótimo estado e por um baixo custo.



Figura 6: À esquerda, estrutura de madeira do veleiro em construção. Figura 7: À direita, Ana Paula no topo, preparando o casco do veleiro. [https://www.youtube.com/watch?v= S1UFmMHtKI](https://www.youtube.com/watch?v=S1UFmMHtKI) Figura 6: 22min. 08seg. Figura 7: 21min. 34seg.

Foram 5 anos construindo, vendendo tudo o que tinham e trabalhando pesado, um incentivando o outro. Junior diz que barco dá trabalho, tem que fazer manutenção constantemente, mas que isso se encaixa na rotina de uma forma prazerosa, afirma: “a única coisa que a gente se arrepende é de não ter começado antes.”⁶²

Junior desenvolveu e adaptou seu sistema de *chart plotter*⁶³ e o casal está sempre descobrindo maneiras mais fáceis e baratas para resolver questões no veleiro, mesmo errando muitas vezes... Eles foram os primeiros a morarem na Marina de Itajaí – Junior é chamado de “o síndico do píer B”. Quando pretendiam partir com a “casa” pronta, Junior foi convidado para desenvolver um software para a Marina, e o projeto que levaria apenas 2 meses foi se prolongando e informatizou toda a Marina. Agora, planejam expandir o negócio:

O grande esquema é você quebrar alguns paradigmas que a gente é criado, a gente é criado pra consumir, [...] Tudo é consumo. E você tem que dizer “não, eu não quero esse consumo”, sabe?! Uma camiseta que não tenha marca ou uma camiseta velha me veste igual do que uma camiseta que custa caro. [...] Eu sempre digo “dinheiro que eu não preciso gastar é um dinheiro que eu não preciso ganhar”, é isso que você tem que pensar. [...] Quebrou esse paradigma dizendo “o que que eu realmente preciso pra ser feliz?”⁶⁴

⁶² Ibid., 33min. 38seg.

⁶³ Sistema de navegação eletrônica para embarcações que combina um receptor GPS e a exibição de um mapa eletrônico. Disponibilizou um tutorial no YouTube:

<https://www.youtube.com/watch?v=wYSEvIjetYY> (publicado em 18 de fevereiro de 2018).

⁶⁴ [https://www.youtube.com/watch?v= S1UFmMHtKI](https://www.youtube.com/watch?v=S1UFmMHtKI) Vídeo publicado em 20 de janeiro de 2019. 35min. 36seg.

Junior e Ana decidiram mudar a forma de habitar a partir de um problema econômico que surgiu: não ter recursos financeiros suficientes para adquirir uma moradia que correspondesse à expectativa de uma casa confortável. E uma simples mudança de percepção desencadeou uma série de transformações na vida dos dois – um problema levou a um questionamento que, por fim, resultou na construção de um novo lar. Aproveitando as habilidades individuais não só conseguiram concluir o projeto do veleiro, como também, criaram a possibilidade de uma fonte de renda a partir da inovação surgida da necessidade – a criação do sistema de *chart plotter*.

3.2 DANDO O PRIMEIRO PASSO

A partir deste trecho, acompanharemos a trajetória nômade do casal Kelly e Daniel, de Uruaçu – Goiás, desde o primeiro vídeo até o último publicado no canal do YouTube, “Viajando na Brasa”. Suas vivências serão intercaladas pelas narrativas de outros perfis selecionados, ajudando a compor o mosaico descritivo proposto neste segundo movimento da pesquisa.

Em janeiro vamos começar uma jornada de autoconhecimento, de experiências, vivências, e a gente tá montando esse canal aqui pra mostrar, pra passar e ver que é possível viver uma vida de harmonia no fluxo, de paz, tranquila, junto à natureza. E mesmo assim construindo nossas coisas, correndo atrás dos nossos objetivos.⁶⁵

⁶⁵ https://www.youtube.com/watch?v=LAjdb-M4_1o Vídeo publicado em 21 de outubro de 2020. Daniel. 0min. 28seg.



Figura 8: Kelly e Daniel no primeiro vídeo do canal. https://www.youtube.com/watch?v=LAjdb-M4_1o&t=473s 0min. 15seg.

Essa é a fala do Daniel no seu primeiro vídeo do canal @viajandonabrasa. Em 21 de outubro de 2020, ele e sua namorada Kelly decidiram viver no Gol 93 (Gol quadrado, como chamam), e comentam que estão preparando o carro desde março do mesmo ano:

A gente meio que, um dia, acordou assim e falou: Cara, nada disso faz sentido, né? Essa busca por poder, por ser melhor, por dinheiro. E... coisa que não importa mesmo, se você for parar para pensar, né? Então a gente meio que meteu o pé no pau da barraca e a gente tá indo viver o que a gente quer, né?⁶⁶

Mostram o momento da despedida dos familiares para começar a jornada.⁶⁷ Partindo de Uruaçu - Goiás, chegam a Vila São Jorge e procuram um local tranquilo para passar a noite, fazem um lanche com o fogão de duas bocas e o botijão do lado de fora do carro. No dia seguinte, param numa estrada de terra para venderem mandalas que a Kelly faz e umas garrafas decoradas que sua avó produziu – no mesmo local, outras pessoas expõem seus produtos.

⁶⁶ Ibid., 3min. 05seg.

⁶⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=BFYnMxCejX4> Vídeo publicado em 16 de janeiro de 2021.



Figura 9: A mesa a direita é do casal “viajandonabrasa”, expondo as peças à venda.
<https://www.youtube.com/watch?v=BFYnMxCejX4> 5min. 30seg.

À noite, se dirigem para Alto Paraíso, dormem em um posto de combustível e pela manhã procuram um rio para se banharem – já estavam há dois dias sem tomar banho – e encontram um rio com água tão gelada, que Kelly diz que os pés ficaram dormentes. Durante as imagens, ouvem-se comentários do casal, música de fundo ou som ambiente... mostram a paisagem, a estrada, o céu e seus passos no chão, algumas cenas em alta velocidade, criando um efeito de aceleração do tempo.

E aí gente, bom dia! Dormimos aqui de novo, no posto de Alto Paraíso. Achamos um banheiro ali, ninguém usa ele, o pessoal tá usando mais o da lanchonete ali. E nesse banheiro que a gente achou tem chuveiro com água quente e assim... Banhamos né? Estávamos precisando, ontem a gente não tomou banho.⁶⁸

Kelly responde também o que fazem quando não tomam banho: lavam os pés, passam pano molhado ou úmido, lenço umedecido, “dão um jeito”. Partem para Aurora do Tocantins⁶⁹, Daniel conversou com um rapaz que indicou um acampamento na praia Puçá que não costuma ter muita gente porque são 24km de estrada de terra. No meio dessa estrada, param o carro para uma cobra atravessar a rua...

Conseguiram um desconto no acampamento e Kelly comenta: “Depois de longos dias só na estrada, vamos curtir hoje, domingo!”⁷⁰ E mostram a praia de água verde, bem tranquila, cercada por árvores:

⁶⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=lykpu6EQE8A> vídeo publicado em 22 de janeiro de 2021. Kelly. 1min. 28seg.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Ibid., Kelly. 6min. 38seg.



Figura 10: Praia de Puçá – Aurora do Tocantis. <https://www.youtube.com/watch?v=lykpu6EQE8A> 10min.40seg.

Registram o entorno da praia, o céu, as árvores e água doce do rio Ribeirão com peixinhos, inclusive uma placa em que está escrito:

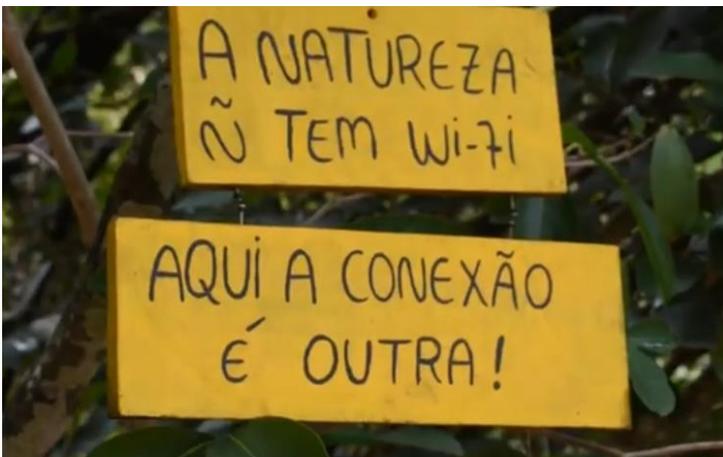


Figura 11: Placas na Praia de Puçá – Aurora do Tocantis. <https://www.youtube.com/watch?v=lykpu6EQE8A> 9min. 28seg.

O jovem casal inicia sua jornada com a reforma do carro, o Gol 93, e a criação de um canal no YouTube para compartilhar as experiências que serão vividas. Tentam conciliar o trabalho de editar os vídeos que gravam e a venda de artesanatos com a liberdade de curtir lugares paradisíacos enquanto se deslocam pelas cidades.

3.3 DEIXANDO DE VIVER COMO AUTÔNOMA PARA TER AUTONOMIA DE VIVER

Em entrevista ao canal “Vira Volta”, Camila Caggiano⁷¹ conta que era surfista e decidiu ser fotógrafa porque queria viajar o mundo fotografando, surfando e escalando. No entanto, percebeu que, trabalhando como autônoma, vivia dentro de estúdios; presa, portanto. Quando tinha dinheiro para viajar, era porque estava com muito trabalho e não tinha tempo; quando tinha tempo sobrando, era porque estava com pouco trabalho e não tinha dinheiro para viajar.

Eu não preciso mais viver dentro de um padrão da sociedade que foi ensinado pra gente, que a gente tem que ganhar dinheiro, uma segurança, ter um futuro... Que segurança é essa? A gente não sabe, a gente pode trabalhar a vida inteira num trabalho, do dia pra noite, ser demitido e aí?! Você ficou a vida inteira trabalhando numa coisa que você não queria e o que você fez da sua vida? Então, eu me sinto liberta.⁷²

O canal “Vira Volta”, criado em 2014, possui mais de 70 mil inscritos e 299 vídeos. Carol Fernandes, a criadora do canal, compartilha sua própria experiência de habitar de forma sazonal (um período em cada lugar) e faz entrevistas com outras pessoas que vivem em fluxo. Ela desenvolveu o projeto Vira Volta para incentivar e demonstrar como é possível viajar dentro de qualquer realidade financeira, conforme descrito no canal.⁷³

Camila contou que aos 40 anos decidiu agir e largou tudo. A princípio, planejava fazer uma viagem de carro pela Argentina, mas pensou que economizaria mais se pudesse dormir dentro dele. Após pesquisar na internet, comprou um veículo e, em cinco meses, fez sozinha as transformações em uma Fiorino, com a ideia de rodar o mundo.

⁷¹ Instagram e YouTube da Camila: <https://www.instagram.com/sobasestrelas/> <https://www.youtube.com/@SobasEstrelas>. Também tem um documentário do ano de 2020 que está disponível na plataforma da Amazon <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Sob-As-Estrelas/0JXNO0R1JI0HWXG6VT3VIKO65W>.

⁷² <https://www.youtube.com/watch?v=wXddY1Vv1o8> Vídeo publicado em 23 de dezembro de 2019. 12min. 30seg.

⁷³ Cf. <https://www.youtube.com/@projetoviravolta>.



Figura 12: À esquerda, motorhome da Camila, <https://www.youtube.com/watch?v=1jBLbKIR8EQ> 0min. 09seg.
 Figura 13: À direita, Camila sentada no sofá-baú que vira cama, mostrando a prateleira móvel, https://www.youtube.com/watch?v=v5SG5p_eijc&t=276s 2min. 22seg.

O espaço é reduzido: tem um sofá-cama que é baú, um pequeno armário na outra parede, onde guarda coisas de cozinha, e utiliza a bancada; leva um porta-pote⁷⁴ para as necessidades. Para se banhar dentro do carro, pendura uma cortina em volta de uma bacia grande para não molhar suas coisas; carrega no bagageiro uma caixa d'água improvisada em que cabem sessenta litros de água.

Ela concluiu o trajeto São Paulo/Ushuaia em dez dias, dormindo em postos de gasolina por conta do café, internet e banheiro. Voltou após três meses, passando pela Ruta Nacional 40, na Argentina, que é uma região mais inóspita. Durante esse período, dormia na natureza, aproveitando para acampar e escalar. Ficou quarenta dias em Piedra Parada e passou na cidade fantasma de Epecuén para tirar fotos noturnas – relata que foi uma experiência perturbadora passar a noite sozinha ali.



Figura 14: À esquerda, Camila entres as portas da fiorino, fazendo uma refeição no dia de Natal em Ushuaia.
 Figura 15: À direita, registro de Camila da cidade fantasma de Epecuén à noite. Ambos os registros fazem parte do documentário da Camila *Sob as Estrelas (o filme)* - https://www.youtube.com/watch?v=t_9f1j7neJk.
 Figura 14: 37min. 38seg. Figura 15: 1h. 12min. 45seg.

⁷⁴ Vaso sanitário portátil.

Camila conta que muitas vezes ouvia de amigos e familiares que era perigoso para uma mulher viajar sozinha, mas, para ela, o foco estava na realização de seu sonho. Ela relata ter sido assediada por um policial na fronteira do Ushuaia, o que particularmente foi o único acontecimento desagradável por ser mulher. No geral, sempre foi bem acolhida pelos caminhoneiros e outras pessoas que conhecia na estrada. Camila também costumava dar carona para viajantes, como um mochileiro alemão de 20 anos que a surpreendeu por sua experiência de vida.

Economizando, ao preparar suas próprias refeições, Camila diz que recebia comida de pessoas que gostavam de sua história. Embora gaste mais com deslocamentos devido ao custo da gasolina, gasta menos ao acampar. Ela relata que aprendeu a viver por si mesma, inclusive nos momentos mais difíceis, como quando passou dias dentro do carro em Buenos Aires devido à chuva intensa.

Camila afirma que não se imagina voltando ao estilo de vida anterior; o que ela realmente deseja é viver intensamente, enfrentando todas as dificuldades que surgem. Ela diz que não sente solidão ao viajar sozinha, nem tem medo e encoraja as pessoas a seguirem seus sonhos: “Eu diria vai, vai com medo, porque o mundo, ele é muito mais perigoso na TV. Então a gente acredita que o mundo é aquele que a gente vê na TV e não é. O mundo é lindo, vai!”⁷⁵

Em seu relato, Camila conta que vivenciou um mundo mais pacífico do que aquele que é transmitido pelas mídias e que, por ser mulher e viver sozinha, recebia mais ajuda das pessoas que conhecia. Sua formação como fotógrafa e seu estilo aventureiro se encaixaram na nova rotina, possibilitando meios de subsistência. A possibilidade de viver no contágio com outras pessoas e lugares se tornou realidade a partir do momento em que Camila decidiu ter a vida que sonhava – utilizando os recursos disponíveis para investir nessa mudança.

3.4 ADAPTANDO ESPAÇOS

⁷⁵ Ibid., 14min. 33seg.

Continuando com Kelly e Daniel, após 3 meses que deram início a sua trajetória com o Gol em Goiás:

O que fica de maior aprendizado esses dias que a gente esteve na estrada aí, é de que você não precisa de tanto assim do que você imagina pra poder viver. A gente saiu com muita coisa no carro, achando que ia precisar de muita coisa ainda. E que na verdade a gente não tá é precisando de nada, a gente tá desapegando de muita coisa.⁷⁶

O casal comenta que, a caminho de Natividade, no Tocantins, conheceu Carlos, da Colômbia, e Franco, da Argentina, que viajavam de bicicleta com seu cachorro Tony há três anos. Após o encontro, passaram por Imperatriz do Maranhão em direção a Açailândia, onde pernoitaram em um posto de combustível e ganharam um caldo de mocotó do segurança.⁷⁷ Em seguida, seguiram viagem por Luís Correia, Piauí até chegarem em Camocim...

Kelly conta: “Sabe, quando você tá assim de boa e resolve: Ah, vou ali fazer uma merdinha! Aí nós tava querendo almoçar, né? E procurar uma sombra e tal, aí até que a gente achou uma, assim... Só que ela ficava lá, assim, no meio daquele deserto de areia...”⁷⁸ O casal rindo do acontecido e Daniel complementa: “A gente pegou... Era o finalzinho da estrada de asfalto, né? Pegamo, entramo com o... Aí essa árvore tava lá no meio da areia e ‘Pah!’ só entramo, andamo uns 10 metros, ‘Pah!’, Atolamos!”⁷⁹ Daniel pediu ajuda em um restaurante próximo e diz que levaram umas três horas para conseguirem desatolar o carro.



Figura 16: Pessoal do restaurante ajudando a desatolar o carro na praia de Camocim. <https://www.youtube.com/watch?v=bxNsrrDJPDw> 9min.

⁷⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=bxNsrrDJPDw> Vídeo publicado em 3 de fevereiro de 2021. Daniel, 12min. 03seg.

⁷⁷ Ibid., 5min. 24seg.

⁷⁸ Ibid., 7min. 57seg.

⁷⁹ Ibid., 8min. 13seg.

Daniel comenta que percebe a felicidade nas coisas simples, “tipo: Ah, eu acordei... Que coisa grandiosa!”⁸⁰ E que é importante fazer o que gosta, que a vida é só uma e passa muito rápido, “Tudo é passageiro Mano, o que permanece é a impermanência, nada permanece, tudo vai embora, tudo se dilui, a vida é o agora!”⁸¹ Kelly reforça:

A gente tem uma coisa assim... de olhar uma foto de um tempo atrás e falar assim: Nossa, eu era feliz e não sabia. Daqui a um tempo, você vai olhar uma foto de hoje e vai falar a mesma coisa. Acontece que você tem que perceber o agora, entendeu? E o que é bom agora.⁸²

Contam que estão na estrada há três meses⁸³ e que já se consideram nômades. Estão namorando há três anos e sempre tiveram esse desejo de viajar e poder escolher como aproveitar a vida. Começaram seguindo alguns canais da internet de pessoas que viviam como nômades e venderam brigadeiro na cidade para juntar um dinheiro e reformar o carro.

A gente pensou em criar um roteiro, assim... Até criamos né? Mas assim, não foi nada do planejado. [...] Parece que fica tudo mais gostoso até, né? A vida fica mais gostosa [...] tem muita gente boa cara, o mundo não é isso que falam aí na TV não, o mundo é muito mais que isso, muito mais, muito mais.⁸⁴

Os dois mostram como se organizam para cozinhar,⁸⁵ passar a noite e arrumar as coisas. Quando percebem que o local é mais tranquilo e seguro, optam por dormir na barraca. Usam duas caixas como “cozinha”, e uma lousa para funcionar como apoio, já que a mesa maior fica no bagageiro e é mais difícil de tirar. Kelly comenta: “pra você vê como que as coisas práticas, assim... funcionam melhor.”⁸⁶ A lousa serve de mesa, ajuda a bloquear o

⁸⁰ Ibid., Daniel. 13min. 03seg.

⁸¹ Ibid., Daniel e Kelly. 13min. 54seg.

⁸² Ibid., Kelly. 14min. 07seg.

⁸³ <https://www.youtube.com/watch?v=r7bqV4iUPxM> Vídeo postado em 2 de abril de 2021.

⁸⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=oHzrKuYAZE4> Vídeo postado em 4 de abril de 2021. Daniel, 2min. 19seg.

⁸⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=4efYSgOOg9M> Vídeo publicado em 21 de março de 2021 e https://www.youtube.com/watch?v=C_jQtjFeCNY Vídeo publicado em 24 de março de 2021.

⁸⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=4efYSgOOg9M> Vídeo publicado em 21 de março de 2021. 4min. 6seg.

vento no fogão e, também serve para escrever o que estão expondo à venda. Eles mostram o fogão com duas bocas e o botijão pequeno, e dizem que é difícil achar local para enchê-lo.



Figura 17: À esquerda, “cozinha” do casal. <https://www.youtube.com/watch?v=4efYSgOOg9M> 2min. 58seg.
 Figura 18: À direita, Daniel demonstrando como dorme dentro do carro – o banco do carona é totalmente inclinado para frente para ter espaço suficiente. https://www.youtube.com/watch?v=C_jQtjFeCNY&t=264s 3min. 29seg.

Duas cadeiras de praia formam a “sala” onde relaxam e conversam. O armazenamento é feito entre lugares da “casa” – guardam seus pertences em algumas sacolas, aproveitando cada espaço disponível. Levam um galão de água de 20 litros e utilizam o bagageiro como “armário”, protegendo o que não pode molhar em uma caixa térmica. Quando decidem dormir dentro do carro, empilham tudo ordenadamente sobre o banco do motorista para abrir o colchão na parte de trás. Para lavar as roupas, usam um balde que reduz de tamanho para economizar espaço quando guardado e penduram as roupas em varais improvisados.

Sobre espaços: o casal vive em um Gol; conhece amigos que viajam de bicicleta; atolam o carro na areia da praia e recebem ajuda de desconhecidos; montam uma “casa” em poucos minutos – os entre lugares servem para guardar, expor, habitar e contagiar! Percebem que não precisam de tantos bens materiais ou utensílios no dia a dia, que podem contar com a ajuda de pessoas que encontram pelo caminho e que nem sempre estar à sombra é a melhor opção...

3.5 DEGUSTANDO HISTÓRIAS

Em uma nova entrevista do canal “#Sal”, Adriano conversa com um casal que decidiu morar em um veleiro após a aposentadoria. Melhorando a qualidade de vida e a atenção ao seu redor, eles aproveitam o tempo para fazer amigos e compartilhar histórias.

Mas eu acho que o mais legal é o seguinte: É... Você vir pra cá e poder corporificar aquilo que a gente sonha, né?! De poder estar em interação com as pessoas e redescobrir que o mundo não é como... não é tão ruim. Porque a gente acaba tendo uma visão distorcida da... do mundo... é... por causa de algumas partes de meio de comunicação. [...] E você, quando passa a andar no mundo da vela, você redescobre aquele prazer que você tem de encontrar pessoas que te ajudam de tudo.⁸⁷

Mauricio Rosa e Tania Meireles moram no veleiro Alphoria. Mauricio conta que, na década de 1980, foi convidado por um amigo para participar de uma regata e, mesmo sem experiência, ele aceitou o convite e gostou de velejar, formou uma equipe e velejava em Brasília. Na década de 1990, voltou para o Rio de Janeiro e continuou velejando, conheceu um casal que construiu o próprio barco e que morava a bordo. Foi então que decidiu que um dia também moraria em um veleiro.



Figura 19: À esquerda, Tânia e Mauricio contando como se conheceram em entrevista ao Adriano. Figura 20: À direita, Tânia e Mauricio ministrando workshop culinário. <https://www.youtube.com/watch?v=cnPV458wgHA>
 Figura 19: 5min. 48seg. Figura 20: 16min. 40seg.

Mauricio chegou a comprar um casco de um Samoa 29 e começou a construí-lo, mas percebeu que demoraria dez anos para terminar e desistiu. Após se aposentar, comprou um veleiro em dezembro de 2008 e o levou para Bracuí, Angra dos Reis, onde foi instalando tudo o que precisava. Finalmente, em 2009, ele se mudou de vez para o veleiro.

⁸⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=cnPV458wgHA> Vídeo publicado em 13 de janeiro de 2016. Mauricio. 21min. 13seg.

Tânia conta que, em Brasília, teve experiência com veleiro pequeno, mas não gostou muito. Foi somente quando conheceu o Mauricio e foi para Angra dos Reis que velejou de verdade. Em 2010, quando decidiu morar com Mauricio, Tânia doou tudo o que tinha, ficando com algumas camisetas e shorts. Conta que sua mãe ficou preocupada e disse: “Filha, nós não somos do mar, minha filha. Nós não temos ninguém na nossa família que tenha essas loucuras. Isso é da vida dele [Mauricio], você não tem nada a ver com isso.”⁸⁸

Tânia comentou que ninguém entendia o que ela estava fazendo, especialmente por causa da labirintite. No entanto, ela não sente enjoo e, mesmo os problemas de coluna que a preocupavam por causa do esforço no veleiro, desapareceram. Inclusive, ela afirma que dorme melhor e por mais tempo quando está no barco.

“São coisas interessantes... A gente descobre que existem coisas, é... as coisas mais... melhores, são as coisas mais simples. Muitas vezes a gente cria uma aura de que você precisa disso, daquilo... A vida a bordo já é um exemplo.”⁸⁹

Contam que desejam explorar a costa do Brasil e, em seguida, conhecer o Caribe, onde planejam ficar de quatro a seis anos. Mauricio comenta que as pessoas perguntam o que vão fazer no Caribe por tanto tempo, já que é possível conhecer tudo em poucas semanas. Ele responde que o objetivo não é conhecer apenas o local, mas se relacionar com as pessoas, trocar experiências e histórias. Eles fizeram amizades por onde passaram e, quando retornam a esses lugares, reencontram essas pessoas como quem visita velhos amigos.

Quando contam suas histórias, as pessoas dizem que é muito perigoso viver em um veleiro por causa dos tubarões e das ondas enormes. O casal sorri e diz que se fossem fazer um filme sobre suas vidas, “não ia ter graça, porque é só tomando um vinhozinho, uma cervejinha, uma cachacinha ali...”⁹⁰



Figura 21: À esquerda, Mauricio bebendo vinho dentro de veleiro. Figura 22: À direita, Tânia e Mauricio velejando com amigo. <https://www.youtube.com/watch?v=cnPV458wgHA> Figura: 3min. 13seg. Figura: 21min. 08seg.

⁸⁸ Ibid., Tânia. 7min. 59seg.

⁸⁹ Ibid., Mauricio. 12min. 23seg.

⁹⁰ Ibid., Mauricio. 13min. 27seg.

Mauricio escreveu um livro – *Gastronomia em veleiros* – com dicas específicas para a culinária a bordo. Ele conta que pensava em escrever sobre o tempo que morou no Amazonas, mas não o fez. Então, decidiu escrever sobre gastronomia no barco, pois havia tido uma péssima experiência em uma regata no passado. Ele e Tânia escreveram juntos, explicando o uso de temperos, utensílios e a organização necessária, e compartilham receitas apropriadas para cada situação: quando estão ancorados, navegando ou em regatas.

Tânia afirma que morar a bordo mudou muitas coisas, inclusive a forma de ver as coisas e viver, porque quando estão velejando precisam estar focados, mas, ao mesmo tempo, atentos ao que está acontecendo ao redor, “o barco, o mar, ele te dá uma paz, uma tranquilidade. Você passa a respirar, você passa a sentir, você passa a estar presente”⁹¹ e comenta que tem hora que sente que ela e o mar são uma coisa só.

Constroem relações degustando histórias com aqueles com quem compartilham momentos – a troca de experiências, de saberes e de afetos constitui a si mesmos nessa vida nômade. Assumir o leme é assumir a responsabilidade, não só por si, mas por todos a bordo e todos ao redor – Exige atenção e presença.

3.6 ADMINISTRAÇÃO

Continuando após 6 meses de publicação do primeiro vídeo, Daniel e Kelly enfrentam desafios financeiros e planejam como administrar seus recursos...

Lógico que a gente vai trabalhar pra no futuro ter uma renda melhor. Com certeza a gente pensa em várias coisas, em várias formas de aumentar a nossa renda. [...] Tranquilo, um dia de cada vez, é o que a gente fala, ‘a gente não tem pressa também’. A gente tá aqui em Salinas tem 15 dias, tamu trabalhando aí, praticamente todo dia, juntando um dinheiro pra fazer a gasolina e ir pra próxima estrada.⁹²

⁹¹ Ibid., Tânia. 20min. 13seg.

⁹² https://www.youtube.com/watch?v=cgjlOkj_XCE Vídeo publicado em 17 de abril de 2021. Daniel, 2min. 05seg.

O casal conta que se mantém financeiramente, até o momento, vendendo artesanatos, mandalas e cordões de porta em porta, expondo nas praças ou oferecendo para todos que passam, contando a história da aventura deles. Vendem uma média de até R\$ 50,00 por dia, fazendo duas refeições, gastam R\$ 20,00 por dia com alimentação simples. Uma parte do dinheiro vai para o combustível e o restante é guardado para alguma emergência.

Kelly comenta que, quando surge um imprevisto, usam o cartão de crédito e vão juntando dinheiro para pagar depois, mas que às vezes não vendem o suficiente e que mal conseguem comprar a comida. Apesar disso, dizem que não vão ficar “mostrando perrengue” no canal e que vão disponibilizar o PIX para quem quiser colaborar.

Um mês depois, rifam o Gol pela loteria Federal⁹³ – no mês seguinte, partem para Brasília para fazerem a entrega do carro.⁹⁴ Agradecem a todos pelo apoio ao canal e registram a ida para Bonópolis, Goiás, para analisar uma kombi que será o próximo *motorhome*.⁹⁵ Compraram a kombi ano 2011, bem conservada. Daniel ficou um pouco confuso na primeira vez que a dirigiu, mas os dois estavam bastante empolgados, “feliz igual pinto no lixo, menino! Agora vai! Simbora chão goiano!”⁹⁶ Nos próximos vídeos vão mostrando os reparos e a transformação da “kombrasa” (nome escolhido para a kombi) – isolamento térmico, molde do móvel e construção do bagageiro – e informam os valores gastos nos materiais.

E depois de muitos preparativos, partiram da cidade de Uruaçu novamente, rumo à vida nômade, e chegam em Goianésia.⁹⁷ Enquanto se organizam para passar a noite no Parque da Princesa do Vale, Kelly pergunta para o Daniel o que ele tem a dizer nessa primeira noite na estrada e ele responde: “gostinho de liberdade!”⁹⁸ Na manhã seguinte, passeiam mostrando a lagoa e o parque arborizado.

Chegando em Pirenópolis,⁹⁹ Goiás, passaram a primeira noite próximos de um rio, mas na manhã seguinte, receberam a visita da fiscalização pedindo para que comparecessem na prefeitura. O casal ficou muito chateado com a situação, pois não tinham feito nada de errado. Daniel comparece à prefeitura e esclareceu que são um casal viajando e postando vídeos no YouTube. Acabaram informando que a denúncia havia sido feita pela pousada próximo de onde eles haviam estacionado, mas que eles podiam ficar à vontade na cidade e continuar postando os vídeos.

⁹³ <https://www.youtube.com/watch?v=E0j6c9fQ85I&t=212s> Vídeo publicado em 7 de maio de 2021.

⁹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=2ZMKUY7WTH0> Vídeo publicado em 11 de junho de 2021.

⁹⁵ https://www.youtube.com/watch?v=krxM_UVLbac Vídeo publicado em 13 de junho de 2021.

⁹⁶ Ibid., Kelly. 19min. 34seg.

⁹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=INugy-t85a8> Vídeo publicado em 18 de outubro de 2021.

⁹⁸ Ibid., Daniel. 4min. 54seg.

⁹⁹ https://www.youtube.com/watch?v=M3yeRt_2jU8 Vídeo publicado em 24 de outubro de 2021.

O casal conta quanto ganhou com o YouTube nos últimos sete meses,¹⁰⁰ cumprindo os dois requisitos básicos para monetizar e adquirir recursos financeiros com a audiência do canal: mil inscritos e quatro mil horas de exibição em vídeos longos. Receberam um e-mail do YouTube, em 19 de abril de 2021, confirmando que foram aprovados para monetizar o canal. Porém, para poder sacar o dinheiro precisavam atingir um mínimo de US\$ 100,00 no mês. Assim, só puderam sacar dinheiro pela primeira vez em 22 de junho de 2021, um total de R\$ 1.345,00.

Eles relatam que, em alguns meses, não atingiam os US\$ 100,00 necessários para sacar os ganhos, conseguindo retirar o dinheiro apenas após o segundo mês, quando os valores se somavam. Ao longo de sete meses, o casal recebeu US\$ 840,00, o equivalente a R\$ 4.536,00 recebidos pelo YouTube. Aproveitam para pedir aos seguidores que se inscrevam, curtam, compartilhem e ativem o sininho das notificações. Informam ainda que estão rifando a câmera Nikon, pois precisam quitar algumas dívidas acumuladas e adquirir uma câmera menor para facilitar as gravações.

Depois de enfrentar alguns desafios durante a trajetória, o casal dorme pela primeira à beira de um rio em Minas Gerais.¹⁰¹ Todo o vídeo é ambientado com o som do rio ao fundo, que é bem alto. Eles ficam felizes por acordar na beira do rio e aproveitam para fazer faxina na kombi, lavá-la com a água do rio e se banharem.



Figura 23: Kelly lavando roupa na beira do rio e a “kombrasa” à direita da imagem.
<https://www.youtube.com/watch?v=RTh0yvC7EA> 3min. 30seg.

¹⁰⁰ https://www.youtube.com/watch?v=8gzwH_WOLcc Vídeo publicado em 9 de novembro de 2021.

¹⁰¹ <https://www.youtube.com/watch?v=RTh0yvC7EA> Vídeo publicado em 10 de janeiro de 2022.

O casal segue viagem, passando por Penápolis, São Paulo, para conhecer algumas cachoeiras e a cidade. Chegam em Birigui, e contam que um seguidor do canal ofereceu fazer os móveis da kombi em troca da divulgação.¹⁰² O seguidor, de Ponta Grossa, Paraná, é o proprietário da “Kameleão Madeiras”.

Em Ourinhos¹⁰³, São Paulo, Kelly e Daniel recebem algumas doações de um seguidor, o senhor Edivaldo, que queria muito conhecê-los pessoalmente. Ele oferece compras de mercado, 20 litros de gasolina e um ventilador para a kombi. O casal segue para Ribeirão Claro, Paraná, onde faz um passeio até a Pedra do Índio e, em seguida, parte para Ponta Grossa, gravando o passeio e o percurso com uma câmera GoPro recém adquirida.

Viver como nômade não garante viver fora do capitalismo. Mesmo com poucos bens materiais e buscando uma vida mais simples, recebendo ajuda de pessoas desconhecidas, é possível estar tão dependente quanto se estivesse trabalhando em uma empresa. Adaptar formas de habitar e de subsistir não é tarefa fácil. O apelo constante aos espectadores para que contribuam com visualizações, inscrições, curtidas ou até mesmo PIX evidencia o poder de sucção dessa economia da atenção.

3.7 NOMADISMO NÃO DIGITAL

Fazendo uma pausa na história do casal goiano, seremos atravessados por outra narrativa. Através do canal “Diva Viajante”¹⁰⁴ que está ativo desde 2018 e conta com quase 50 mil inscritos e 1,5 mil vídeos. Nele, o casal Érika e Luiz compartilham sua vida nômade na kombi e entrevistam outras pessoas que vivem em fluxo.

Érika entrevista um casal que não possui redes sociais, mas compartilha o PIX para quem quiser ajudar. Paulo tem 72 anos, é de São Paulo e Tânia tem 60 anos e é de Minas Gerais. Eles vivem na estrada desde 1988. Paulo comenta como começou: “mochila, depois da mochila foi bicicleta. Depois da bicicleta foi a Brasília, eu fiz a ‘Brasília-home’, naquele

¹⁰² <https://www.youtube.com/watch?v=0KAe7iHSG7E> Vídeo publicado em 16 de janeiro de 2022.

¹⁰³ <https://youtu.be/rw0d95RAeb0?si=lpz1tkzNN20YoEbS> Vídeo publicado em 26 de janeiro de 2022.

¹⁰⁴ Cf. <https://www.youtube.com/@DivaViajante>.

tempo ninguém nem pensava...”¹⁰⁵ O artesanato que fazem costumava ser a única fonte de renda, até começarem a ter uma renda da aposentadoria em 2016. Estão há mais de 10 anos com a kombi nomeada “Vandinha”, em homenagem à mãe de Paulo que os acompanhava em viagens mais curtas.



Figura 24: Paulo e Tânia contando sobre o início da vida *nômade*, <https://www.youtube.com/watch?v=5NL2IRLdBOY> 0min. 29seg.

Paulo pintou a lateral da kombi para disfarçar uma batida de carro. Eles possuem placa solar pequena, mas garantem que nunca precisaram conectar a uma tomada em nenhum lugar. Embora tenham ganhado uma geladeira, decidiram se desfazer dela justamente porque consome muita energia, e é algo que não fazem questão. A caixa d’água fica no bagageiro.

O casal conta que, ao longo dos anos, apenas uma vez lhes negaram água; em todas as outras circunstâncias, inclusive pedindo em casas, sempre foram atendidos. Paulo comenta que continuam vendendo artesanato e expõem na kombi, pois se colocarem algo na calçada para vender, podem ter problemas com as prefeituras.

¹⁰⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=5NL2IRLdBOY> Vídeo publicado em 14 de fevereiro de 2023. Paulo. 0min. 49seg.



Figura 25: À esquerda, kombi do casal. Figura 26: À direita, parte interna da kombi.
<https://www.youtube.com/watch?v=5NL2IRLdBOY> Figura: 15min. 19seg. Figura: 5min. 07seg.

Todo espaço interno da kombi – que é bem significativo – foi adaptado com material reciclado. O casal guarda poucas coisas em armários compactos e mantém o banco do motorista sempre livre para ter fácil acesso em caso de emergência. Paulo conta que, quando era mais jovem, viajou pela Europa de mochilão, mas que junto com Tânia, viaja pelo Brasil. O único estado que não conheceram é o Amapá, devido ao custo elevado da balsa. Ele afirma que cada lugar do Brasil tem seu jeito de viver, de falar e até a comida é diferente, e que não tem um lugar favorito. Tânia comenta que não quer mudar de vida: “quero continuar nessa vida, se parar agora, você morre... Pode parar não, fica doente.”¹⁰⁶

“Brasília-home” foi a primeira adaptação de Paulo para viver a vida nômade com Tânia, há mais de 35 anos. A simplicidade de uma escolha de vida, adaptada para transitar por um país continental – com autonomia para cuidar de si e praticar a liberdade do habitar aqui e ali como desejar. O casal mostra que circulam pelo país, contando com a ajuda de outras pessoas sem estar publicando conteúdos em redes sociais.

3.8 TRANSFORMA-AÇÃO

Após 15 meses desde a publicação do primeiro vídeo, Kelly e Daniel fazem um tour pela Kombrasa.¹⁰⁷ Eles mostram a cama baú que vira um sofá, a cozinha que é uma geladeira com as compras ao lado, e um galão de água de 20 litros que costumam encher em postos de combustíveis. O banheiro é um porta pote que ganharam e fica ao lado da geladeira. Para

¹⁰⁶ Ibid., Tânia. 5min. 44seg.

¹⁰⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=YzwIWL3TULU> Vídeo postado em 30 de janeiro de 2022.

tomar banho, conectam uma mangueira ao galão que fica no bagageiro e improvisam um chuveiro externo. Guardam alguns itens debaixo dos assentos, incluindo bolsa com roupas sujas, sacola com detergente, esponja e outra com sabonete e shampoo. A cozinha é uma caixa de engradado, onde montam a mesa para cozinhar; e a pia é feita com banco de plástico virado de cabeça para baixo com uma bacia apoiada nos pés do banco, formando uma cuba improvisada. Para otimizar o espaço, colocaram uma rede de moto para prender calçados na frente do banco do carona.



Figura 27: À esquerda, cama da kombi montada. Figura 28: À direita, sofá montado (eles chamam de sala de estar). <https://www.youtube.com/watch?v=YzwIWL3TULU> Figura 27: 13min. 39seg. Figura 28: 2min. 19seg.



Figura 29: À esquerda, “cozinha” com geladeira. Figura 30: À direita, “pia improvisada” com a bacia apoiada no fundo dos bancos. <https://www.youtube.com/watch?v=YzwIWL3TULU> Figura 29: 3min. 39seg. Figura 30: 6min. 41seg.

Um mês após o tour da Kombrasa, o casal chega em Ponta Grossa,¹⁰⁸ Paraná, para encontrar Maikel Madeira, que se ofereceu para fazer os móveis da kombi. Aproveitam o dia para passear e conhecer a cachoeira da Mariquinha e montam uma barraca dentro do barracão do carpinteiro onde ficarão nas próximas semanas.

¹⁰⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=quGYno88T5Q> Vídeo publicado em 03 de fevereiro de 2022.

Enquanto Maikel trabalha na reforma, o casal passeia, conhece a cidade, visita seguidores e ganham presentes. Enquanto lancham um sanduíche, Daniel comenta sobre o que farão a seguir: “vida na estrada é essa, vamo tranquilo, sem colocar muitas datas [...] e essa liberdade né?! De tá podendo fazer o que quer com tranquilidade, sem ter muita pressa das coisas, que é o bom né?! Da estrada, da viagem em si.”¹⁰⁹

Após dois meses de reforma da kombi, o casal compartilha a primeira noite dormindo na “kombrasa” depois da transformação. Eles seguem para Balneário Capão da Onça, no Paraná,¹¹⁰ e mostram o caminho, percorrendo primeiro a estrada de asfalto e depois a de terra até chegarem ao destino. Após aproveitarem a cachoeira no riacho decidem voltar para a kombi para assistir ao pôr do sol, e registram o momento. O vídeo em alta velocidade permite ao espectador acompanhar o Sol se pondo. Entram no *motorhome* para dormir e Kelly comenta: “nossa, e... e agorinha a gente tava lá no deck, a gente deitou lá em cima pra ver as estrelas, né?!”¹¹¹



Figura 31: Daniel sentado e Kelly deitada na cadeira de praia admirando o pôr do Sol em Balneário Capão da Onça, Paraná https://www.youtube.com/watch?v=KaitrM_y73M 13min. 07seg.

Um dia antes de recomeçarem a jornada, o casal recebe a visita do Kombinomades,¹¹² que também não conheciam pessoalmente, e que estão a caminho do

¹⁰⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=GevgPF94i8Y> Vídeo publicado em 29 de março de 2022. Daniel, 2min. 29seg.

¹¹⁰ https://www.youtube.com/watch?v=KaitrM_y73M Vídeo publicado em 31 de março de 2022.

¹¹¹ Ibid., 13min. 40seg.

¹¹² Cf. <https://www.youtube.com/@kbinomades>.

Alasca.¹¹³ Kelly comenta que foi muito bom conhecer o casal, Caio e Vick, e que, partiram bem cedinho e ela ficou triste: "mas é assim a vida nômade né?! Tem que seguir viagem e, assim... a despedida sempre vai fazer parte, né? Dessa vida. Não tem como, então a gente tem que ir acostumando."¹¹⁴ Eles comentam que ainda estão na dúvida se irão seguir para o Ushuaia ou pegar o litoral do Brasil, já que não têm um fundo emergencial. Porém, Kelly diz que, independentemente disso, sempre encontram pessoas boas pelo caminho, pessoas dispostas a ajudar.

Seguindo viagem, o casal chega em Curitiba, no Parque Barigui,¹¹⁵ e comenta que acordaram de madrugada com o barulho de uma moto da força-tarefa da polícia, ficando apreensivos. Daniel diz que abriu a porta e se deparou com um rapaz que explicou ter avistado a kombi e se aproximou para tirar uma foto porque sua esposa acompanha viajantes e gosta muito de *motorhome*.

No mesmo vídeo, mostram um pneu rachado e furado, além de outros que são muito velhos. Daniel, preocupado, pede para que enviem um PIX e Kelly comenta: “desse jeito não vai chegar nem ali na fronteira com esses pneu lascado desse jeito.”¹¹⁶

Desde que iniciaram a vivência nômade, o casal já transformou seu *motorhome* três vezes, conseguindo apoio e estabelecendo parcerias. Algumas dessas foram comerciais, como esta última com Maikel Madeiras – fazendo a divulgação do trabalho do carpinteiro nas redes sociais –, enquanto outras surgiram através da exibição na internet e ainda outras no contágio do dia a dia. Cada uma dessas ações gera linhas de continuidade possíveis para a vivência de Kelly e Daniel que também enfrentam desafios para manter esse estilo de vida.

3.9 PONTO DE CHEGADA OU DE PARTIDA?

Fazendo mais um atravessamento do canal “#Sal”, Adriano diz que o mais difícil de decidir morar a bordo é:

¹¹³ https://www.youtube.com/watch?v=RDwM_jqQeaQ Vídeo publicado em 12 de abril de 2022.

¹¹⁴ Ibid., Kelly. 14min. 37seg.

¹¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=BkxGgj2wh2Q&t=636s> Vídeo publicado em 21 de abril de 2022.

¹¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=BkxGgj2wh2Q> Vídeo publicado em 21 de abril de 2022. 4min. 57seg.

Largar um personagem que você demorou anos pra construir. Você luta muito tempo pra ser um químico, um advogado, um médico [...] é muito esforço pra você se tornar alguém, pra você ser algo. E nesse processo de ser algo é bem fácil você esquecer de viver, de você gastar todo esse tempo sendo alguém no futuro e... não aproveitar a vida.¹¹⁷

Em mais uma entrevista conduzida por Adriano, conheceremos a vivência de Francisco e Walkiria, um casal que vive a bordo de um veleiro e adotou uma forma de subsistência por meio de sua própria moradia. Francisco relata que leu livros sobre navegadores da vela antiga, como Amyr Klink,¹¹⁸ quando tinha uns vinte anos, e decidiu mudar completamente seu estilo de vida. Na época, vendeu seu carro, um Gol, e comprou um veleiro de 23 pés em 1989, além de fazer um curso para aprender a velejar. Ele comenta: “fiquei um ano e meio, né?! matei a vontade de morar num barco e tudo, mas... sozinho assim, me senti muito... na época não tinha *whatsapp*, era difícil conhecer as pessoas...”¹¹⁹ Após essa experiência, Francisco vendeu o veleiro e comprou um táxi, no qual trabalhou por 17 anos, durante esse tempo, ele conheceu Walkiria, e juntos assistiam ao canal do “#Sal” no YouTube e, enquanto isso, visitavam amigos que viviam em veleiros.

Walkiria relata que, desde o início, desejava viver a bordo de um veleiro, mas na época não tinha condições financeiras para isso. O casal refletiu bastante sobre a ideia e, após muito planejamento, decidiu mudar o estilo de vida. Durante um ano, eles alugavam um veleiro por períodos de quinze dias para experimentar a rotina a bordo. Walkiria trabalhava há dez anos em uma indústria farmacêutica, mas, depois de algumas dessas experiências, decidiu pedir demissão e os dois embarcaram nessa nova jornada.

¹¹⁷ https://www.youtube.com/watch?v=srJ_Akti36E Vídeo publicado em 2 de maio de 2021. Adriano. 7min. 22seg.

¹¹⁸ Navegador e escritor brasileiro, Amyr Klink foi a primeira pessoa a cruzar o Oceano Atlântico a remo, em 1984. Essa experiência gerou o livro *Cem Dias Entre Céu e Mar*. Ele concluiu a construção do seu barco em 1983 e, no ano seguinte, fez essa travessia de 3.700 milhas da África até o Brasil. Essa história será adaptada para o cinema no filme “100 dias”, dirigido por Carlos Saldanha, com estreia prevista para 2025. Em 1989, Amyr Klink navegou até a Antártica em um veleiro construído por ele mesmo, o Paratii, e passou 642 dias na região, preso no gelo. Essa experiência gerou o livro: “Paratii entre dois polos”. Cf. <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/historia-hoje/100-dias-historia-de-amyr-klink-vira-aventura-epica-no-cinema.phtml>.

¹¹⁹ https://www.youtube.com/watch?v=srJ_Akti36E Vídeo publicado em 2 de maio de 2021. Francisco. 3min 48seg.



Figura 32: À esquerda, Francisco e Walkiria em entrevista ao Adriano. Figura 33: À direita, o casal na época em que alugavam veleiro para decidir se comprariam um. https://www.youtube.com/watch?v=srJ_Akti36E&t=627s
 Figura 32: 3min. 23seg. Figura 33: 5min. 45seg.

Eles refletem sobre como é difícil deixar um emprego estável para adotar um novo estilo de vida. Francisco afirma: “fica aquela briga com o tempo de vida que a gente tem, né?! Porque a gente tá aqui de passagem, né?! E a gente acha que vai viver até 80, 90 anos, mas pode ser que a gente vai viver até 60, e tá aí! Nossa reta final tá logo ali. Então...”¹²⁰

Walkiria comenta que as pessoas que os visitam no *charter*¹²¹ afirmam ter o sonho de morar em um veleiro ou ter uma casa na praia. Ela diz: “tem que fazer, melhor você fazer uma coisa e se arrepender, do que não ter feito, né?!”¹²², afirma que é melhor planejar por um bom tempo do que chegar ao final da vida e se arrepender de não ter realizado o que queria.

Francisco comenta: “O problema é que não tem dinheiro no mundo que vá conseguir comprar mais tempo... A gente tem um tempo finito.”¹²³ Ele observa que as pessoas que procuram o *charter* vêm com uma energia muito boa. Francisco também relata que, quando trabalhava no táxi muitas pessoas gostavam de conversar ou desabafar, falando questões íntimas até – talvez por acreditarem que não veriam o taxista novamente. E havia pessoas que ficavam de cara amarrada – se dirigindo para atividades não muito agradáveis, como o trabalho, por exemplo. Agora, porém, eles levam pessoas para conhecer um mundo novo, passearem e trocarem experiências, então, a vibração é outra.

¹²⁰ Ibid., Francisco 9min. 17seg.

¹²¹ Charter é um serviço de hospedagem/experiência, nesse caso em um veleiro. O casal se mantém financeiramente prestando esses serviços.

¹²² https://www.youtube.com/watch?v=srJ_Akti36E. Víde publicado em 2 de maio de 2021. Walkiria. 9min. 59seg.

¹²³ https://www.youtube.com/watch?v=srJ_Akti36E. Víde publicado em 2 de maio de 2021. Francisco. 10min. 26seg.

Walkiria relata: “eu falo que a vida a bordo é muito simples [...] eu não dormia porque eu acordava muito cedo, trabalhava o dia inteiro, chegava morta de cansada, não tinha vida.”¹²⁴

O casal comenta que, embora haja mais pessoas trabalhando com *charter*, a concorrência é diferente do que ocorre em empresas. As pessoas se ajudam mais e compartilham informações com outros colegas também – se um não pode atender em determinado dia, recomenda o outro. Francisco acrescenta que, de modo geral, os velejadores se apoiam muito.



Figura 34: À esquerda, Walkiria no interior do veleiro. Figura 35: À direita, registro de *charter*. https://www.youtube.com/watch?v=srJ_Akti36E&t=627s Figura 34: 10min. 54seg. Figura 35: 12min. 40seg.

Sobre a transição da vida na cidade para a vida no veleiro, Walkiria comenta que antes trabalhava de roupa social e salto alto, enquanto agora passa o dia de chinelo e biquini. Ela também destaca uma melhora significativa na qualidade do sono, já que antes dormia apenas 5 horas por noite, mas agora dorme entre 7 e 8 horas. Francisco acrescenta que atualmente só tem um chinelo e um tênis, e que, na época que vivia na cidade, estava sempre com rinite e resfriados por causa da poluição no trânsito. Porém, em quatro anos¹²⁵ no veleiro não teve mais nenhum desses problemas.

O casal diz que viver em um veleiro é aceitar o simples pois isso torna tudo mais fácil e encarar a rotina, já que é necessário cuidar do barco, estar disposto ao dia a dia e entender que nem tudo será “um mar de rosas”. Adriano, que entrevistava o casal, comenta: “aquelas coisas que você acredita que a vida não seria possível sem “isso”, são justamente as coisas que limitam a sua liberdade.”¹²⁶

¹²⁴ Ibid., Walkiria. 14min. 52seg.

¹²⁵ Completando 4 anos de vida a bordo em 2021, conforme indica a data de publicação do vídeo.

¹²⁶ Ibid., Adriano. 27min. 32seg.

Não podemos comprar tempo de vida, mas vendemos nosso tempo – e não apenas no trabalho assalariado – com cada esforço e dedicação para realizar “sonhos” impostos a nós por um modelo econômico que regula as relações sociais. Na dedicação para construir um “personagem” nessa sociedade, acreditamos que só temos um único papel para interpretar, quando, na verdade, estamos em constante processo de subjetivação, nunca acabado.

3.10 RECARREGANDO AS ENERGIAS

Finalizando nossa trajetória com o casal Kelly e Daniel, de Uruaçu, no vídeo postado em abril de 2022, eles compartilham a descida da Serra da Graciosa, Curitiba. Durante a viagem, fazem uma parada para conhecer um ponto turístico, mas, ao retomar a estrada, percebem que o som parou de funcionar. Ao verificarem, descobrem que a água de um balde caiu dentro do veículo, possivelmente causando um curto-circuito na parte elétrica.

Logo depois, a kombi “morre”. Eles pedem ajuda e um carro encosta para fazer a “chupeta” e conseguem dar a partida, mas, após 1 km a kombi “morre” de novo e o casal comenta: “não devíamos ter saído nessa sexta-feira.”¹²⁷ Conseguem fazer a segunda “chupeta”, mas quando anoitece precisam fazer a terceira “chupeta”. Andam mais 1 km e param novamente, precisando de uma quarta “chupeta”.

Depois disso tudo, estacionam no acostamento em Porto de Cima, distrito do Paraná e Daniel conversa com moradores das duas casas próximas para explicar o que aconteceu e garantir que não fiquem preocupados, pois precisariam passar a noite ali na beira da estrada.

No sábado de manhã, Daniel decide colocar a bateria para carregar na kombi¹²⁸ – o que parece que vai demorar um tempinho. Apesar de estarem parados por necessidade, enquanto a bateria carrega, eles caminham e descobrem um rio maravilhoso e se animam porque estão há alguns dias sem tomar banho.

Daniel comenta que já fizeram amizade com o pessoal do entorno: “todo mundo conhece nós, tá de boa!”¹²⁹ Como não têm escolha, arrumam o toldo e fazem comida na beira

¹²⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=BkxGgj2wh2Q&t=11s> Vídeo publicado em 21 de abril de 2022. Kelly. 13min. 45seg.

¹²⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=nive09tyDMc> Vídeo publicado em 24 de abril de 2022.

¹²⁹ Ibid., 7min. 50seg.

da estrada, almoçam e partem para se banharem, muito felizes: “nossa, eu quero vir aqui todo dia!”¹³⁰



Figura 36: O casal nadando num Rio em Porto de Cima. <https://www.youtube.com/watch?v=nive09tyDMc> 10min. 28seg.

Na segunda de manhã, depois de um dia sem tentar dar a partida na kombi, ela ligou e conseguiram chegar até a próxima cidade. Fizeram uma avaliação em uma oficina, onde o mecânico informou que seria necessário trocar o alternador, com um custo total de R\$ 400,00, incluindo a mão de obra.

Com esse problema resolvido, se dirigiram a Matinhos, no litoral do Paraná, onde foram convidados para ficar em um camping. Chegaram à noite e com chuva, mas na manhã seguinte estava Sol¹³¹ e aproveitaram para comemorar o aniversário da Kelly – depois de um ano e meio sem verem o mar:

¹³⁰ Ibid., Daniel, 11 min. 36seg.

¹³¹ <https://www.youtube.com/watch?v=jAbjdMB5d6E> Vídeo publicado em 26 de abril de 2022.



Figura 37: Placas na praia em Matinhos. <https://www.youtube.com/watch?v=jAbjdMB5d6E> 2min. 17seg.

Eles mostram o Sol se pôr e o Sol nascer em exibição acelerada, caminham na praia e avisam que vão pegar a estrada para Guaratuba. No entanto, Daniel mostra que o motor da kombi está fazendo um barulho estranho e está vazando óleo. Como é domingo, decidiram esperar até o dia seguinte para levar ao mecânico e poder seguir viagem e Daniel afirma tranquilo: “a gente ta aqui, de frente à praia, com camping de graça, a gente tem um banheiro bem aqui na frente, temos comida na kombi, porque ontem a gente fez compra à noite, estamos em casa! em casa! Na frente da praia, então... pra que pressa?”¹³²

Após mais de um mês sem nenhuma publicação, o casal posta um vídeo no dia 5 de junho de 2022 com a descrição “KombiHome Kombrasa está a Venda?”¹³³ No início do vídeo, fazem um tour pela “kombrasa”, mostrando cada detalhe, e no final, eles convidam os espectadores para se inscreverem no canal e compartilharem os vídeos.



Figura 38: À esquerda, cama montada (1,90cm X 1,20cm) não aparece, mas tem espaço suficiente para os dois ficarem deitados. Figura 39: À direita, “Sala de estar” espaçosa.

<https://www.youtube.com/watch?v=nrC4QuWByUk&t=4s> Figura 38: 1min. 33seg. Figura 39: 14min. 51seg.

¹³² Ibid., 16min. 35seg.

¹³³ <https://www.youtube.com/watch?v=nrC4QuWByUk&t=4s> Vídeo publicado em 5 de junho de 2022.



Figura 40: À esquerda, “Cozinha” com pia feita em madeira. Figura 41: À direita, fogão com corredeira que o permite mover para fora da kombi. <https://www.youtube.com/watch?v=nrC4QuWByUk&t=4s> Figura 40: 9min. 23seg. Figura 41: 12min. 53seg.

Mas quando parece que chegou ao fim da exibição, há um corte e aparece a imagem de Daniel, que diz que voltaram para a cidade deles, Uruaçu, devido a desentendimentos entre o casal e diversos problemas na kombi. Ele relata que enfrentaram muitas dificuldades financeiras e não obtiveram o retorno esperado com o YouTube.

Daniel comenta que, quando gravaram o tour do *motorhome*, não estavam pensando em vender a kombi, mas, depois de conversarem sobre o assunto, decidiram colocá-la à venda por R\$ 50.000,00. Ele afirma que não conseguiram alcançar o objetivo de chegar a Ushuaia. Além disso, afirma que sentiram muito essa volta para casa.

Após cinco meses sem postar vídeos, Daniel comenta que venderam a kombi e, respondendo às perguntas nos comentários, afirma que vão ressarcir o Maikel Madeira por tudo o que ele fez, já que pararam de viajar logo depois da reforma. Ele também revelou que alugaram um apartamento e um ponto comercial para abrir uma Distribuidora de bebidas.

Daniel diz que, para quem está perguntando se a vida nômade acabou, eles vão continuar mostrando a rotina e ainda querem continuar viajando e compartilhando o que fazem. Porém, após esse vídeo, publicaram mais dois sobre a distribuidora e três de viagens, sendo o último postado em 5 de outubro de 2023¹³⁴, sobre uma visita à Chapada dos Veadeiros. No vídeo, mostra o percurso, as cachoeiras e o momento em que lavam a pedra da prosperidade no rio para energizá-la...

¹³⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=VFskqh6wFdw> Vídeo postado em 5 de outubro de 2023.

3.11 FLUXOS

Viver em fluxo é escolher, a partir do contágio com outros fluxos, quais caminhos seguir, habitar ou experimentar. Assim como podemos construir o nosso próprio lar, também construímos a nossa realidade e a relação que temos com os mundos que habitamos.

Este capítulo mostra que não existe uma única forma de habitar e de trocar com aqueles que estão a nossa volta, mas que é preciso assumir a responsabilidade de conduzir a própria vida, independente da direção que escolher. O importante é estar atento para perceber a si mesmo e seus processos de subjetivação. O quanto estamos abertos à inquietação dessa rotina “programada”, dos “papéis” já definidos e das relações já constituídas? É desse incômodo que começamos a problematizar nosso próprio cotidiano e a produzir novas realidades.

A escolha do canal “Viajando na brasa” exemplifica que as mudanças não são necessariamente permanentes e que não há um único resultado: ter uma vida nômade ou sedentária, ser autônoma ou assalariada – a vida não é definida por dicotomias, mas sim por fluxos produtores de sentidos, capazes de criar mundos e realidades a partir de uma simples mudança de percepção.

Existem muitos perfis pessoais que podem ser observados em plataformas como YouTube, Instagram, TikTok, entre outras. Selecionei algumas histórias de vida nômade para ilustrar outras formas de habitar que completam uma parte do quadro problematizado por esta pesquisa – como um mosaico de possibilidades.

A partir das narrações pessoais, é possível observar que as pessoas que decidem mudar seu estilo de vida afirmam não sentir tanta falta dos serviços oferecidos nas grandes cidades ou dos itens pessoais acumulados em uma residência fixa, por exemplo. Mesmo sendo nômades, cada tem sua própria forma de conduzir o dia a dia, seu estilo de vida com mais ou menos conforto, definições próprias de liberdade, meios de subsistências diferentes, maior ou menor dependência do mundo digital de conectividade etc.

A colaboração é um tema presente em todos os vídeos. As pessoas relatam frequentemente que receberam ajuda quando precisaram e que se sentiram parte de uma rede de apoio, mesmo que composta por desconhecidos.

As seis narrativas escolhidas, juntamente com o perfil do Adriano, do canal “#Sal”, que realiza entrevistas, ajudam a compor o mosaico de possibilidades. Esse conjunto permite criar um imaginário, a partir de relatos específicos, de algumas das diversas formas que a

experiência nômade pode assumir na prática, de como essas pessoas percebem a si mesmas e o que passam a perceber de diferente no entorno que as cercam e das relações que o compõem.

Algumas das temáticas abordadas neste capítulo também serão tratadas no próximo, mas com um foco diferente: a partir da narrativa de uma mulher que decidiu viver sozinha em um veleiro. Será possível compreender que o termo “nômade” não é algo que alguém precise assumir para si ou mesmo performar, sendo mais importante experienciar formas outras de habitar e coexistir – até mesmo em coletivo.

4 HABITANDO TERRITÓRIO EXISTENCIAL

Comunicar sentimentos frequentemente me faz sentir como uma chaleira deixando o vapor escapar. Ao mesmo tempo em que escrever e falar funcionam como válvula de escape, também são ações políticas que brotam do impulso de subverter, resistir, educar e promover mudanças.¹³⁵

Habitar um território não é, necessariamente, apenas permanecer nele fisicamente, mas também subjetivamente, é se permitir ser atravessada por ele, habitada por ele e intervir sobre as múltiplas possibilidades potenciais existentes. Não é uma via de mão única e tão pouco de mão dupla, são atravessamentos transversais que podem se ramificar para quaisquer direções, atualizando as virtualidades já existentes. Habitar, intervir, contagiar – De uma tela, para um barco e agora nesta escrita e posteriormente... Este capítulo converge passado e futuro, mas mantém a atenção para o tempo presente, pois tudo o que traz, inclusive a memória, é urgente, no sentido em que chama e convoca outros desdobramentos.

4.1 AVENTURA

Dizemos que o aprendiz-cartógrafo tem no início uma tendência receptiva alta, justamente para marcar esse caráter aventureiro e muitas vezes confuso do início de nossas habitações territoriais. Mas tal confusão, de ordem intelectual, é acompanhada de uma atração afetiva, uma espécie de abertura, uma receptividade aos acontecimentos em nossa volta, que nos abre para o encontro do que não

¹³⁵ ANZALDÚA, Gloria. Sobre o processo de escrever Borderlands/La Frontera. IN: *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021. 256 p. Tradução de: Tatiana Nascimento. p. 152.

procuramos ou não sabemos bem o que é.[...] para o aprendiz-cartógrafo, o campo territorial não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura.¹³⁶

Diante de uma aventura é essencial ter um planejamento com metas a cumprir e lugares a explorar, o que não significa que surpresas e desvios não possam atravessar nossos caminhos. O processo dessa pesquisa tem sido árduo e prazeroso ao mesmo tempo, por diversas vezes questionei o tema e a mim mesma, me perdi inúmeras vezes e em outras eu me traí... me sabotei... vivenciei situações inéditas em minha mente, meu corpo e na relação com os ambientes que me cercam.

A pesquisa é um processo, a escrita é um processo, e como todo bom processo, eles também não são lineares e compactos. São como um processo orgânico, vivo, que se contamina e contagia seu entorno. Optei por um exercício, que experimento pela primeira vez, utilizando o método da cartografia como pista para uma pesquisa-intervenção: “no campo, a intervenção não se dá em um único sentido.”¹³⁷

Questiono, em primeiro lugar, o meu papel enquanto pesquisadora acadêmica – como tem sido difícil executar essa tarefa nos últimos meses. Pensar em “quem sou eu” quando escrevo e quando executo as demandas de que tento dar conta: em casa, na família, no trabalho, na sociedade. Durante esse processo em que a pesquisa e eu nos transformávamos, pude conhecer mais sobre mim e mais sobre o problema em questão. Minha vida fez atravessamentos nessa pesquisa assim como ela me atravessou.

Donna Haraway elucidada por meio da metáfora da “cama de gato”:

Brincar com figuras de cordas é sobre dar e receber padrões, soltar fios e falhar, mas às vezes encontrar algo que funciona, algo consequente e talvez até belo, que não estava ali antes. É sobre transmitir conexões que importam, contar histórias mão a mão, dígito a dígito, ponto de conexão a ponto de conexão, para criar condições de florescimento finito na terra, no mundo.¹³⁸

Habitar esse território escrita que se apresenta por essas linhas é também um processo de construção coletiva entre os autores e autoras que contribuíram para os diálogos e inquietações e as histórias de vida compartilhadas por pessoas que optaram por experimentar um novo modo de vida.

¹³⁶ PASSOS, op. cit., p. 137-138.

¹³⁷ Ibid., p. 21.

¹³⁸ HARAWAY. 2016, op. cit., p. 10.

As barreiras que impomos em nossas vidas, em nossas escolhas e em nossas escritas limitam as potencialidades possíveis em cada um desses fluxos. É necessária uma quebra, uma destruição de muros e a constituição de um cenário caótico para que seja possível experienciar algo “novo” e habitar territórios divergentes, desmanchando mundos para criar outros.

Anzaldúa sugere que para se chegar ao *conocimiento* percorre-se um caminho de sete passos¹³⁹, partindo da ruptura com o antigo modo de vida para o estágio de instabilidade após tudo desmoronar, daí surge o desespero para compreender então “que não há realidades fixas e que o universo se caracteriza pela fluidez”¹⁴⁰ e, a partir daí então, mesclar antigos e novos aspectos identitários e formar alianças e chegar à última etapa, onde o desespero já não ocupa mais um lugar: “pautada por uma mudança de perspectiva e de realidade: a vida interior, da mente e do espírito, relaciona-se e age finalmente no mundo exterior e tanto o indivíduo quanto a comunidade operam uma mudança de paradigma.”¹⁴¹

Foi preciso voltar à *autohistória* de Glória Anzaldúa e à *escrivivência* de Conceição Evaristo para lembrar que a escrita é muito mais do que palavras ordenadas e coerentes num retângulo, bem formatadas cada qual com a sua função e objetivos predeterminados, o que me faz lembrar o exemplo de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre o espaço estriado em comparação ao jogo de xadrez¹⁴². Então... O que pode uma escrita para além desse espaço delimitado? E como ela ultrapassa essas margens?

Voltei a Deleuze e Guattari, ao espaço liso¹⁴³ e todas as possibilidades nele, e é nesse espaço que a escrita pode se potencializar, mas não qualquer uma, somente a escrita nômade é capaz de criar transformações que não repetem as relações biunívocas. A escrita nômade enquanto um território, uma heterotopia, nunca acabada ou concluída, sempre latente de múltiplos territórios, um devir escrita. Porém, ela não está solta no mundo, livremente, o tecido, o emaranhado no qual está inserida pode ser devastador, e tentar bloquear ao máximo seus territórios virtuais para que não se potencializem em outros mais. Então ela precisa de um meio de transporte, eu diria, para que possa se locomover por todas as direções, transpassar qualquer barreira e se inserir em qualquer dimensão.

¹³⁹ Cf. LOBO, Patricia. Capítulo 6, “Change is inevitable. No bridge lasts forever – depois de Borderlands/La Frontera”. IN: Chicanas em busca do território. A herança de Gloria Anzaldúa. Tese de Doutorado em Estudos de Literatura e Cultura (Estudos Americanos). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2015. 442 p. p. 216.

¹⁴⁰ Ibid., p. 222.

¹⁴¹ Ibid., p. 223-224.

¹⁴² Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Coleção TRANS. Editora 34. São Paulo. Tradução de: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 207 p. p. 9.

¹⁴³ Ibid., p. 32-45.

Se vivemos em múltiplos e heterogêneos territórios, a começar pelas nossas subjetividades, corpos, relações e territórios geográficos, digitais, imaginários entre tantos outros, fiquei me perguntando qual “veículo” teria tamanha habilidade para atravessar por todos eles? Hibridizei o conceito de heterotopias de Foucault, quando diz que o “navio é a heterotopia por excelência”¹⁴⁴ com o conceito de Deleuze e Guattari, no “mar como espaço liso”¹⁴⁵ e cheguei à conclusão de que um barco é apropriado para a tarefa, mais especificamente aqui, um veleiro.

4.2 SE PERMITIR

A partir de agora, iremos conhecer um pouco da história da Carina Joana, contada por ela mesma em algumas entrevistas ao canal do YouTube “#Sal”, através de autodeclarações que fez em sua página do Instagram “voa_criloa” e em conversas pessoais que compartilhamos. Sua decisão de morar em um veleiro e todos os caminhos que se seguiram a partir daí não apenas transformaram a vida de muitas mulheres, mas também exerceram uma influência direta sobre mim e sobre o desenvolvimento desta pesquisa.

Em entrevista a Adriano Plotski do canal do YouTube “#Sal” – que abandonou o emprego com publicidade em São Paulo para morar em um veleiro e, desde 2014 compartilha entrevistas de pessoas que vivem a bordo – Carina relata sua experiência de viver sozinha em um veleiro desde 2015, um ano antes desta entrevista:

Depois ele morreu, eu fiquei com o barco, mas velejava só... férias. Depois, ficava o barco lá parado, era horrível! (risos) Muito ruim! E... eu acho que desde pequena eu tenho vontade de morar num barco. Ano passado [2015] eu comecei a finalizar várias coisas na minha vida, acabou isso, acabou aquilo e depois eu pensei assim: E agora, o que que eu vou fazer? O que que eu vou começar? E comecei a pensar nas coisas que eu tinha... o que que eu tenho, né?! Abri, assim, na mesa e todos os materiais, os instrumentos... e aí eu falei assim: Ah, eu vou morar num barco! E vim!¹⁴⁶

¹⁴⁴ FOUCAULT, 2013, *ibid.*, p. 30.

¹⁴⁵ DELEUZE; GUATTARI, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. op. cit., p. 22.

¹⁴⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=02XpS2tj1gI> Vídeo postado em 7 de fevereiro de 2016. Carina. 2min. 14seg.

Carina conta que tem relação com barco desde pequena, que aprendeu a velejar em *optimist*¹⁴⁷ e depois passou uns 10 anos sem velejar, quando o pai decidiu comprar um veleiro de 16 pés e depois outro um pouco maior e velejava com ele em Bracuí – Angra dos Reis, e relata que morar no veleiro é: “mais fácil do que eu imaginei e ao mesmo tempo tem coisas que são... que eu não achei... tem dificuldades aparecendo que eu não imaginava, assim...”¹⁴⁸ E complementa que vive repetindo a frase “nem fico em pé lá dentro”, mas garante que dá tudo que precisa dentro do barco e que não falta nada.

Afirma que foi muito bem recebida pela comunidade da vela, sua única preocupação era o que sua mãe acharia, com receio que pensasse que ela não estava bem ou que aquela mudança era um sinal de revolta. Declara que sua mãe “queria arrumar vários motivos e teve uma hora ela falou assim: ‘você vai ficar gorda!’ (risos)”¹⁴⁹.

Carina comenta que era feliz no apartamento do Rio e, também, se sente feliz no veleiro, “eu acho que sou mais produtiva aqui, o... o ambiente não exige de mim, não me pressiona e eu acho que... eu me sinto mais produtiva”¹⁵⁰. Conta que é designer e terapeuta corporal por formação, mas agora trabalha para o barco, fazendo o que é necessário, desde marcenaria até a decoração e elétrica. Diz que se mantém financeiramente com o aluguel do apartamento, mas “aqui eu tenho necessidades muito menos, eu gasto muito menos... nem tenho com o que gastar!”¹⁵¹



Figura 42: Carina sentada no quarto do barco “16 pés”. Figura 43: Registro de Carina fazendo um café na caixa que construiu, com uma boca de fogão, porta que vira bancada e compartimentos para talheres e temperos. <https://www.youtube.com/watch?v=02XpS2tj1gI> Figura 42: 8min. 57seg. Figura 43: 10min. 44seg.

¹⁴⁷ O Optimist é um pequeno barco monotipo de bolina, com cerca de 2,34 metros de comprimento, que pode ser feito de madeira, plástico ou fibra. Utilizado por crianças e jovens que estão aprendendo a velejar.

¹⁴⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=02XpS2tj1gI> Carina. 3min. 13seg.

¹⁴⁹ Ibid., 5min. 32seg.

¹⁵⁰ Ibid., 6min. 17seg.

¹⁵¹ Ibid., 8min. 44seg.

Ela continua: “Eu acho superinteressante reduzir ao máximo as coisas, menos coisas, menos coisas... então tem... isso é muito motivante pra mim, viver com pouco.”¹⁵² E sobre o dia a dia, Carina complementa: “no barco parece que tudo é tão mais gostoso, que aqui eu faço mais comida do que no Rio, no apartamento onde tinha fogão, forno e... todo conforto.”¹⁵³

Adriano comenta sobre o movimento *tiny house*¹⁵⁴ que surgiu no Estados Unidos, e pergunta se Carina acha que é possível aplicar na cidade o que se aprende vivendo a bordo, e ela responde que no barco é tudo mais prático e você aprende onde tem que estar para executar cada tarefa, e afirma: “na verdade, você muda, né?! Eu acho assim... ah, eu me espalhava porque o ambiente me permitia isso, aqui não, o ambiente pede outra atitude e você respeita porque você precisa disso também.”¹⁵⁵

Sobre viver a bordo sozinha, Carina comenta que às vezes pensa que está fazendo algo fora do normal, sendo uma mulher sozinha, morando em um barco. Por vezes se questiona se isso não é perigoso, mas acredita que o perigo pode estar nas pessoas, mas no barco, tendo atenção e consciência, não tem perigo.

Sobre as facilidades da cidade grande, Carina diz que no final, nem faz falta, cita o exemplo da geladeira, que pensou em ficar 15 dias sem, até comprar a placa solar e a bateria nova, e conforme os dias foram passando, ela percebeu que a geladeira não fazia falta alguma, “então a gente acha que pode viver com menos, com pouco, só que pode viver com muito menos... e bem, feliz, tranquila”¹⁵⁶.

Se permitir também tem a ver com fazer escolhas, “abrir mão” de algumas coisas e alguns padrões de vida ou de pensamentos para que espaços surjam e sejam preenchidos por novas formas de sentir e de transitar. Os relatos de Carina Joana e a repercussão de suas escolhas compõem grande parte deste terceiro movimento, conduzindo os atravessamentos que surgirão em cada espaço que se abrir para esse contágio.

¹⁵² Ibid., 9min. 18seg.

¹⁵³ Ibid., 10min. 36seg.

¹⁵⁴ Surgido a partir de 1990, 2000, o movimento *tiny house* ganhou mais força em 2008 durante a crise econômica nos Estados Unidos, sendo uma alternativa mais barata para moradia, principalmente em um período em que muitas pessoas ficaram sem casa, por conta da crise imobiliária. O objetivo era construir moradias de, no máximo 40, 50 m². O movimento foi se expandindo para outros países, agregando valor minimalista e levantando a bandeira da sustentabilidade.

¹⁵⁵ Ibid., 12min. 37seg.

¹⁵⁶ Ibid., 24min. 18seg.

4.3 A ESCOLHA

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.¹⁵⁷

É possível escrever no escuro e totalmente “imóvel”, como relata Conceição Evaristo, cada qual a sua própria experiência e modos de perceber e se relacionar com o mundo. Se nos deparamos com muros ou barricadas que bloqueiam nossas potencialidades, precisamos ser ainda mais criativos. Como afirma Ailton Krenak, “vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos”¹⁵⁸.

Quero tratar da escrita enquanto ação no mundo, relação de afetos e, também como uma heterotopia. Uma escrita que se configura como um território, um lugar-não-lugar, a partir do qual podem irradiar todos os lugares possíveis. Escrita enquanto virtualização de mundos, possibilitando múltiplas relações.

A própria pesquisa percurso enquanto território que problematiza a questão do habitar e se relacionar é exercício de crítica e criação de outros mundos. Conforme Suely Rolnik diz em Congresso:

No campo da ecologia é muito importante essa consciência que a gente tem tomado para sair do Antropocentrismo e sair do Tropiceno, enfim, de se perceber, nós humanos, como uma espécie entre outras espécies que compõem um ecossistema não só ambiental, mas também social e mental. Mas, me parece que é importante adicionar a esse movimento que eu acabo de descrever nesse campo, de que não basta eu me reconhecer como parte do ecossistema. Como é que eu faço para exercer minha vida a partir dessa perspectiva, né? Como é que eu conquisto essa possibilidade na minha subjetividade? Sendo que, como eu vou colocar aqui, [...]

¹⁵⁷ EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. IN: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas Brasileiras: Teorias, Práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. Acessado em PDF da Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>). 3 p. p.2.

¹⁵⁸ KRENAK, op. cit., p. 15.

uma das engrenagens fundamentais desse regime do inconsciente é ter nos separado desses efeitos do ambiente, do ecossistema, não só ambiental, eu repito, mas também social e mental, no nosso corpo, né? A partir do qual, de fato, começa a se desenhar derivas que deslocam o cenário presente.¹⁵⁹

A escolha de um veleiro, e mais especificamente de um projeto coletivo de mulheres chamou minha atenção desde o início, ainda antes de definir o objeto de pesquisa propriamente. Habitar esse território existencial, em certa medida, não foi exatamente planejado, é quase como se eu tivesse sido atraída de tal modo que a única forma de escapar fosse mergulhar mais fundo.

A pesquisa apontou para diversas direções e eu me perdi em alguns caminhos, mas foi de tanto me perder e refletir constantemente sobre meu processo de pesquisa que decidi me permitir. Permitir que os atravessamentos acontecessem e que minhas inquietações integrassem esta escrita. E não apenas as minhas, mas também que outras vozes colaborassem com as provocações que surgirão nas próximas linhas.

Abrindo espaços para que histórias se cruzem e que memórias, lembranças, medos e desejos direcionem os deslocamentos a seguir: Criloa é o nome de um veleiro que foi construído na Itália, que chegou ao Brasil pela primeira vez em 1976 pela Cape2Rio. Foi uma travessia de 26 dias na corrida oceânica da Cidade do Cabo até o Rio de Janeiro, comandado e tripulado exclusivamente por mulheres, num total de sete. Carina Joana que vivia sozinha em um veleiro comprou o Criloa em 2018. O nome do barco é formado pelas iniciais dos filhos do primeiro dono, CRI de Cristina, LO de Lodovica e A de Alexander.

1976, 5 italianas e 1 francesa em 11,5 m2 por 26 dias! Muitas milhas navegadas entre elas -mas não juntas ainda-. A Comandante Zara (formada em Economia e comércio) já havia dado a volta ao mundo; Ida (arquiteta) fez a regata Cape to Rio em 1973, assim como Patrizia; Christina era instrutora de ski mas considerada a veterana no velejo, com 2 travessias do Atlântico e 3 regatas de longo percurso, somando 30 mil milhas em 4 anos; Donatella estava recém saída da escola, com seus 18 aninhos e sonhava em ser capitã; e Brigitte, a francesa, que também tinha várias milhas náuticas conquistadas em regatas internacionais de longo percurso. Todas deram uma pausa em suas carreiras para realizarem o feito de correr a regata Cape to Rio em 1976, a bordo do nosso querido veleiro Criloa.¹⁶⁰

É crucial repensar nossas formas de habitar este planeta e buscar modos de vida muito menos destrutivos do que os atuais, que nos levam em direção à sexta grande extinção,

¹⁵⁹ ROLNIK, op. cit., 12min. 26seg.

¹⁶⁰ Conferir <https://www.instagram.com/p/CQoi6di2L3Px/>. Publicado em 25 de junho de 2021 junto com uma foto de jornal com a notícia da travessia realizada somente por tripulantes mulheres em 1976 na Cape2Rio.

como Donna Haraway aponta em nota de rodapé. Segundo Haraway, esse “evento” pode eliminar as formas de vida de maneira muito mais rápida do que as extinções anteriores, afetando 50 a 95 por cento da biodiversidade do planeta. Além disso, até 2100, metade das espécies de aves pode deixar de existir.¹⁶¹

Apenas seguir de “vento em popa” não nos garante a promessa do “pote de ouro no fim do arco-íris!” Não existe ouro, pote, e sequer existe arco-íris. O fenômeno óptico que seguimos assemelha-se mais àquelas luminárias que atraem mariposas; porém, não é necessário encostar na lâmpada para morrermos. Nossa morte ocorre em pequenas doses de satisfação: um diploma, um emprego, um aumento de salário, um celular novo, um *storie* de uma viagem. E assim, vamos atrofiando nossa experiência pouco a pouco.

É preciso estar atenta: “ficar com o problema” significa ter atenção ao que acontece e ao que está por vir, traçando uma direção. Assim como num veleiro, mesmo que esteja ancorado e em águas paradas, nunca se está completamente imóvel. Estar sob a água também é estar com a água, em sua maleabilidade, leveza e força. Continuando nesse percurso, vamos expandir ramificações de múltiplas potencialidades do devir-com a partir deste contágio/território de deslocamentos possíveis.

4.4 MUDANÇA

Em entrevista ao canal “#Sal” em 2018, Carina conta sobre a sua nova moradia, o veleiro Criloa, os desafios e aprendizados com a nova embarcação:

Nossa, é muito difícil, eu tive várias crises nesse processo e... nem foi um processo muito longo, sabe? Mas, é... é muito difícil tomar essa decisão, escolher o seu barco, e a gente às vezes tem a sensação de que tem que ser ‘o barco perfeito’, que ‘isso’, que ‘aquilo’... quando a gente fala de barco, né? [...] parece que um barco tem que atender a todos os critérios e tal. Mas eu acho que o barco, ele... o critério principal é assim: esse barco, ele te conquista, sabe? Você gosta realmente dele? Porque não importa se ele é novo, se ele é antigo, ele vai dar trabalho. Então você tem que gostar do seu barco pra topa os trabalhos que ele vai dar, sabe?¹⁶²

¹⁶¹ Cf. HARAWAY. *Staying with the Trouble*. op. cit., p. 43.

¹⁶² <https://www.youtube.com/watch?v=GiuFsb-mje8> Vídeo postado em 21 de março de 2018. Carina. 1min. 01seg.



Figura 44: Veleiro Criloa no momento da entrevista exibida no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=GiuFsb-mje8> 8min. 03seg.

Carina explica que, para quem está aprendendo a velejar, não há mistério. Basta olhar em volta e perceber que “tem um espaço muito grande pra que eu possa fazer muitas besteiras”¹⁶³, então é só abrir um pouco a vela e segurar o leme e observar como o barco responde. Ela destaca que “tem que ter uma birutinha no barco”¹⁶⁴ e, caso não tenha, recomenda amarrar uma lã nos cabos que seguram o mastro para identificar a direção do vento. Ela também mostra as escotas, que são as cordas que regulam as velas, a mestra e a genoa, direciona o leme explicando que é assim que se relaciona com o vento.

Carina conta que, na primeira vez que ancorou com o Criloa, acordou e sentiu o vento. “Isso é legal, a gente no barco já consegue escutar o vento chegando, né?”¹⁶⁵ Ela afirma que consegue escutar a frente fria se aproximando um pouco antes do vento chegar no barco. Procurou uma ancoragem que fosse mais segura, verificando a direção do vento e procurando uma ilha para ficar atrás dela, protegida, “à sombra do vento”¹⁶⁶. Durante quatro dias, observou tensa, reconhecendo os movimentos do barco, o que poderia voar e o que fazer com o bote nesse momento. Mas quando a frente fria chegou, ela estava tranquila; foi forte, mas deu tudo certo porque ela havia se preparado.

Outra dica que a Carina deu foi observar a profundidade da água utilizando ferramentas tecnológicas. Saber a profundidade indica a quantidade de corrente necessária para fazer uma ancoragem segura, determinando a quantidade a ser lançada na água. Ela

¹⁶³ Ibid., 2min. 51seg.

¹⁶⁴ Ibid., 3min. 25seg.

¹⁶⁵ Ibid., 6min. 23seg.

¹⁶⁶ Carina explica a importância de olhar o site *windy* todos os dias, <https://www.windy.com>, e se preparar, acompanhar a movimentação do vento e da frente fria, saber quando ela está se aproximando para decidir qual atitude tomar. E sendo assim, mesmo que seja um vento forte, não tem perigo, planejando com antecedência.

explica que, se a água for mais rasa, pode-se lançar menos corrente. “Ou então, eu dou o mesmo número de... é... eu jogo tanta corrente quanto no... (risos) no lugar mais profundo, só que eu tô mais segura, né?!”¹⁶⁷

E o que importa é esse vento que tá passando aqui em cima, é essa água que tá passando aqui embaixo, e que pode, às vezes, deixar a gente num estado meio que de loucura! Porque quando tá calminho, é muito relaxante, mas quando tá água batendo no costado por dias, dias e dias... o vento cantando dentro do mastro por dias, dias e dias... cara, isso é muito cansativo... isso dá vontade de gritar! (risos) Dá raiva! (risos) Tipo, eu não aguento mais!¹⁶⁸

E continua: “mas, ao mesmo tempo, é... é a grande riqueza de tá no barco, porque passar por isso também, fortalece a gente, fortalece o que nós somos como indivíduos, como unidade assim... de uma forma, assim... absurda, sabe?!”¹⁶⁹

Carina explica como mantêm a calma em uma frente fria: “é porque eu tô no paraíso dos controladores, um barco, né?!”¹⁷⁰ Ela esclarece que é fundamental estar ciente do barco, saber como controlá-lo, saber quantos metros tem na corrente da âncora e, principalmente, estar presente no barco.

Estar no barco, estar no veleiro, estar presente... parece uma tarefa fácil, mas quantas vezes nos distraímos ou não damos atenção suficiente a alguém ou algo que está diante de nós. Nossa presença tem a ver com atenção, percepção de si próprio e do ambiente ao redor. Assim como no mar, quais deslocamentos e sentidos são possíveis em nosso dia a dia? A segurança para conduzir a própria vida – para saber onde ancorar, onde se proteger – vem da responsabilidade de assumir o controle de si mesmo, de suas próprias subjetividades.

4.5 COLABORAÇÃO

Este tópico do terceiro capítulo reservo para minha grande amiga que me acompanhou nesta aventura. Ela merece lugar de destaque, assim como todas as mulheres que me inspiram e me incentivam muito nessa jornada, a rede de sororidade é tão essencial para a construção de novos mundos pensando e vivendo a

¹⁶⁷ Ibid., 9min. 24seg.

¹⁶⁸ Ibid., 13min. 07seg.

¹⁶⁹ Ibid., 13 min. 42seg.

¹⁷⁰ Ibid., 15min. 59seg.

coletividade. Por essa razão, eu, Pahlmela, abro espaço para que a Bete compartilhe seu relato, com suas próprias palavras!¹⁷¹



Figura 45: Elisabete (Bete) a bordo do Criloa.

Sou Elisabete, tenho 63 anos, moro sozinha, sou professora, e tenho um filho de 35 anos. Foi através do convívio de meu filho com a Pahlmela, no curso preparatório para o ENEM, que nos conhecemos e aos poucos nos tornamos tão amigas. Costumo dizer que ela me adotou. Pahlmela sempre me convida pra programas em família ou só com amigas e amigos. Quando ela me convidou para a vivência em um veleiro durante um final de semana, precisei apenas do tempo necessário para buscar mais informações sobre aquela experiência tão inusitada em minha vida, e logo aceitei.

Não tenho dúvida de que essa foi uma das melhores experiências de minha vida. A única parte ruim foi o trajeto de carro para chegar até Paraty e para voltar para o Rio, por conta de engarrafamentos e do cansaço causado pelo tempo na direção.

Chegando no cais, ficamos meio perdidas, procurando o Criloa, o veleiro que só conhecíamos por foto, e que, diante de tantas embarcações grandes, ficava meio escondido. E, para piorar, ele não podia chegar no cais. Ficamos nos comunicando com a dona do barco por WhatsApp e, quando o encontramos, ficamos sabendo que ela viria de bote até o cais para nos buscar.

*Não consigo me lembrar o nome dela. Por acaso é Carina?

¹⁷¹ Citação de Pahlmela Prince (autora desta pesquisa) abrindo espaço para o relato da Bete – eu solicitei que ela me encaminhasse um breve relato do que lembrava da vivência, e como uma maravilhosa professora de português que é, me apresentou com tamanha gentileza.

Fiquei um pouco apreensiva porque não sei nadar, e tenho muito medo do mar, mas, curiosamente, Carina chegou com tamanha leveza, gentileza e segurança, que me senti acolhida e confiei na experiência dela. Nos cumprimentou com alegria e já foi nos informando sobre como deveríamos agir e que movimentos deveríamos fazer para entrar no bote em segurança. Explicou tudo com calma, inclusive nos alertou sobre quais seriam as consequências de fazermos movimentos errados: poderíamos cair na água, uma, ou todas, caso virasse o bote.

Fizemos tudo conforme nossa instrutora nos orientou, embarcamos no bote e ela já nos ofereceu os remos para praticarmos até o veleiro. E foi nos orientando sobre como segurar o remo, como deslocar o remo fora e dentro da água e como manobrar o bote para nos direcionar corretamente até o Criloa. Me senti vitoriosa e orgulhosa de mim por ser capaz de me colocar naquela aventura de forma tão destemida. E percebi como a Pahlmela se sentia feliz por poder estar ali, e o quanto ela estava atenta a tudo, meio que mergulhada na vivência com o intuito de apreender o máximo de conhecimento, e curiosa sobre todos os aspectos que envolviam nossa estada no barco.

Acredito que todas nós estávamos um pouco apreensivas sobre como seria nossa convivência naquele espaço desconhecido, sobre quais seriam nossos sentimentos e reações diante daquelas experiências inusitadas para as três aprendizes. E, claro, também tínhamos curiosidade sobre qual ou quais teria(m) sido a(s) expectativa(s) e a(s) motivação(motivações) de cada uma de nós para que houvesse aquele encontro.

Como eu disse, pegamos engarrafamento, por isso nos atrasamos um pouco para o embarque. A outra passageira aprendiz [Gabriela], já estava embarcada. Chegamos cansadas da viagem e com fome, mas Carina já tinha um lanche saudável e delicioso preparado para nós. Atacamos com gosto e conversamos bastante enquanto comíamos. Embora ainda desconhecidas, já me senti bem à vontade com Carina e a outra "marinheira" (esqueci o nome da menina de São Paulo que estava conosco) [Gabriela]. Então nossa anfitriã nos apresentou o barco e deixou que decidíssemos em qual cama dormiríamos, a cama dela já estava separada.

O tempo estava quente e, como nos atrasamos, logo a noite chegou. Carina mostrou as duas maneiras de tomar banho: no banheiro (podia ser no banheiro, né?) ou na popa (certo?) do veleiro. A noite tranquila, sem barcos muito perto, nos permitiu tomar banho na popa, com a ajuda de uma mangueira. Foi ótimo! Me senti uma criança vivendo aventuras desconhecidas e inesperadas.

Acordamos cedo no dia seguinte, com o movimento de Carina no preparo do nosso desjejum. Ela sugeriu que pegássemos o bote e fôssemos dar uma volta, tomar banho de mar,

enquanto ela terminava de preparar nosso café da manhã. Assim fizemos. Remamos, nadamos (quem sabia), praticamos um pouco de Yoga na praia próxima, e voltamos para o veleiro quando Carina nos chamou.



Figura 46: Pahlmela, Gabriela e Elisabete remando na primeira manhã da Vivência.

Ao mesmo tempo em que preparava o café, nossa mestra marinheira já adiantou parte do almoço. Nos alimentamos, lavamos a louça e ajeitamos tudo. Começaram as aulas práticas sobre o veleiro: os nomes das partes que o constituem, como funciona, as medidas de segurança em todos os procedimentos, como fazer e desfazer nós, os nomes dos nós, como abrir e fechar as velas (havia duas), como manejar o barco utilizando as velas e sem o uso delas etc.

As dúvidas eram esclarecidas à medida que surgiam. Fazíamos perguntas e ela respondia prontamente. Perguntamos sobre tudo, inclusive sobre a vida dela no barco. Ao mesmo tempo em que nos familiarizávamos com aquela nomenclatura até então desconhecida, íamos praticando os novos conhecimentos. Carina fazia questão de nos ver fazendo e desfazendo os nós, abrindo e dobrando as velas, manobrando o veleiro, enfim, praticando.

Treínamos bastante, passeamos na Baía de Paraty. Paramos em uma praia e fizemos uma pequena trilha para uma ilha com ruínas bastante deterioradas e um canhão antigo. Conversamos sobre diversos assuntos, tiramos fotos, e voltamos para nos alimentar, programar o dia seguinte e organizar o final do dia, até a hora de dormir.



Figura 47: Alto da trilha na ilha onde havia ruínas. Da esquerda para a direita: Bete, Pahmela, Gabriela e Carina.

Aproveitamos muito as belas noites estreladas, e os dias também.

No terceiro e último dia, acordamos cedo, fizemos o desjejum e saímos pela baía para treinar todo o aprendizado. Praticamos o vocabulário, o uso dos instrumentos, as manobras e nos divertimos bastante. Navegamos bastante, interagimos com pessoas dos outros barcos e tiramos muitas fotos. Foi ótimo!

Não cabe no meu relato o quanto foi importante para todas nós essa vivência. Foram momentos inesquecíveis que me trazem uma sensação de muita tranquilidade e alegria. Acredito que Pahmela, Carina e (?) [Gabriela] também têm relatos de ótimas memórias sobre tudo o que vivemos no Criloa. Se houvesse a possibilidade de um novo encontro no veleiro eu não perderia.

4.6 SONHAR COLETIVO É URGENTE

Em entrevista ao canal “#Sal” em 2021, Carina revelou ao Adriano Plotski seu novo objetivo: Uma travessia oceânica. A tripulação do Criloa compartilhou suas histórias sobre a relação com o mundo da vela e como acabaram fazendo parte do coletivo que Carina estava formando:

Pensei em voltar pra terra... mas... na metade de um primeiro quem sabe movimento pra sair do mar, eu acabei mergulhando mais fundo, né?! [...] E a gente gosta de

variar, né?! De movimentar a vida. E aí eu pensando assim... tá, que tipo de movimento é esse?¹⁷²

Carina comenta que o barco se tornou algo muito confortável e que sentia vontade de movimentar a vida, pensou em pegar uma mochila e viajar...

Mas... não! Não tava pronta pra sair do barco, eu tinha que viver o barco em coletivo e foi isso que me fez voltar e que me fez mergulhar por essas águas que me puxaram e agora estou aqui com elas, olha só?! Tem coisa mais coletiva do que essa, gente?! Não tem.¹⁷³



Figura 48: Da esquerda para a direita: Marina Bidoia, Carina Joana, Alice Arida e Maritza Oliveira a bordo do Criloa. https://www.youtube.com/watch?v=3O37qLh_Uv0&t=54s 11min. 06seg.

Marina Bidoia conta que cresceu em Ilha Bela, mas inicialmente detestava barcos, mesmo tendo frequentado a escolinha de vela. Contudo, na faculdade, percebeu que a vida no veleiro era interessante e, ao trabalhar em uma “semana de vela” ficou encantada com as histórias que ouviu e decidiu que queria ter suas próprias experiências. Ela começou a participar de regatas, mas destaca que esse ainda é um mundo muito masculino. “Era estranho ver outras mulheres, né?! Porque é sempre assim: ‘ah, mas será que ela tá velejando? Será que

¹⁷² https://www.youtube.com/watch?v=3O37qLh_Uv0&t=54s Vídeo postado em 20 de junho de 2021. Carina Joana. 0min. 50seg.

¹⁷³ Ibid., Carina. 1min. 49seg.

ela é esposa? Ela é filha de quem pra tá ali?”¹⁷⁴ Marina conheceu Carina Joana em 2018 e manteve contato constante com ela. Quando Carina anunciou: “vou correr a Cape2Rio!”, Marina decidiu que tinha que participar dessa travessia.

Alice Arida conta que morava em Fernando de Noronha em 2013, quando conheceu um capitão grego e se apaixonaram. Ela foi para a Grécia trabalhar no veleiro com ele, fazendo *charter* e *delivery*. No entanto, depois de um tempo, o relacionamento não deu certo e ela voltou para o Brasil. Diante das mudanças em sua vida, Alice decidiu aprender a velejar, pois, embora já tivesse trabalhado dentro do barco, não se sentia uma velejadora. Após realizar diversas travessias, decidiu morar a bordo. “Por causa do #Sal eu descobri a Carina e fiquei assim: ‘nossa! Existe uma mulher que mora a bordo!’”¹⁷⁵ Quando assistiu à *live* da Carina falando que iria participar da Cape2Rio com o Criloa, Alice entrou em contato para fazer parte da Travessia.

Maritza Oliveira conta que se formou em Biologia, colocou uma mochila nas costas e saiu pelo mundo há mais de 20 anos. Trabalhou na Austrália e revela que o mundo náutico é muito forte lá: “tem iate clube em tudo quanto é cidade, então... é... domingo tem regata e você pode ir e eles estão sempre precisando de alguma tripulação. E você vai, tipo, passear né?! Na real, depois todo mundo toma cerveja junto, é muito legal.”¹⁷⁶ Maritza experienciou nove meses em um veleiro descendo a costa brasileira e, quando desembarcou, conheceu Carina Joana. Ela comprou um veleiro dois meses antes dessa entrevista e está fazendo parte do coletivo.

Então, o que que acontece? Criloa foi construído na Itália e em 76 ele participou da Cape2Rio só com mulheres. E quando eu conheci o barco, eu conheci o barco junto com essa história, né?! Então é uma coisa assim... que, isso... de uma certa forma sempre foi muito relevante nessa escolha pelo Criloa, né?!¹⁷⁷

“Isso gera uma certa curiosidade na gente, né?! Se em 76 isso aconteceu, hoje isso ainda é uma coisa fora do comum, né?! São quase 50 anos!”¹⁷⁸ São histórias que inspiram

¹⁷⁴ Ibid., Marina Bidoia. 3min. 16seg.

¹⁷⁵ Ibid., Alice Arida. 5min. 27seg.

¹⁷⁶ Ibid., Maritza Oliveira. 6min. 30seg.

¹⁷⁷ Ibid., Carina. 7min. 36seg.

¹⁷⁸ Ibid., 8min. 13seg. O movimento feminista contemporâneo, em configuração desde a década de 1960 nos Estados Unidos, expandiu-se para outros países e foi influenciado por fatores como o desenvolvimento tecnológico, o pós Guerra e lutas por direitos civis dos negros, homossexuais etc. No Brasil, o feminismo ganhou força contra a Ditadura Militar (1964-1985), articulando-se tanto com a resistência política quanto com as demandas por igualdade de gênero. Mas ainda existe muito a se conquistar, tanto no mundo náutico quanto em diversas áreas.

outras histórias, assim como a da Carina que inspirou essas mulheres a morarem a bordo. E ela continua: “e aí, o barco vai completar 50 anos em 2023, Maritza estava a bordo e a gente percebeu que em 2023 ia ter uma edição da Cape2Rio, e, tipo assim... é a hora! É a hora da gente revisitar essa história.”¹⁷⁹

Marina interrompe:

Eu queria falar uma coisa antes, quando eu era pequeninha e tava na praia nadando, minha mãe: ‘Ai, não vai muito pro fundo que você vai boiar e vai parar na África!’ Eu queria que fosse fácil assim! (risos).¹⁸⁰

Carina conta que primeiro pensaram sobre o que é o projeto, tanto a alma quanto sua parte prática. Em seguida, começaram a listar o que precisavam para preparar o Criloa, equipando o veleiro e a tripulação, que já se sente segura, mas sabe que precisa se preparar. “E aí, depois, o que que acontece? A gente tem que voltar pra alma desse projeto. Então a gente já começou a entrar também num processo de estruturação dos conceitos que envolvem... já chegamos na nossa frase, né?! Do ‘sonhar em coletivo é urgente’.”¹⁸¹

Carina afirma que acha esse projeto incrível, “mas, a gente tá num momento de, tipo... de contorcimento do corpo porque a gente precisa de patrocínio, sabe?!¹⁸² E reforça que mesmo com toda essa força, energia e paixão do coletivo, também precisam dessa força tanto financeira, quanto de visibilidade. “A gente quer construir alguma coisa nesse processo, que vai ter continuidade. Esse caminho é um caminho pessoal, pra cada uma, mas que olha pro que tá em volta e quer deixar alguma coisa pra lá.”¹⁸³

Pensavam em criar uma escola de vela, não apenas para mulheres, mas por mulheres, se apropriando desse espaço. Também pretendiam produzir um documentário e um livro sobre esse processo e a travessia, registrando tudo para facilitar o caminho e incentivar outras mulheres. “Porque a gente olha pra elas e fala: ‘que legal, também quero fazer!’ E a gente tem uma foto!”¹⁸⁴

¹⁷⁹ Ibid., 9min. 0seg.

¹⁸⁰ Ibid., Marina. 10min 55seg.

¹⁸¹ Ibid., Carina. 12min. 07seg.

¹⁸² Ibid., 12min. 45seg.

¹⁸³ Ibid., 12min. 32seg.

¹⁸⁴ Ibid., 14min. 38seg.



Figura 49: Registro da primeira tripulação 100% feminina que fez a travessia da Cape2Rio em 1976. https://www.youtube.com/watch?v=3O37qLh_Uv0&t=54s 14min. 39seg.

A gente vai levar esse barco pra lá, a gente vai trazer esse barco. Então, isso aí já é bastante história. E tem todos esses sonhos em volta dessa história: o meu sonho de viver o barco em coletivo; o sonho da Marina de velejar esse mar, de cruzar os oceanos e tal; da Alice também, de chegar na África do Sul, lugar onde ela aprendeu a velejar; A Maritza também, de tá aqui nesse contexto crescendo com o barco dela, né?! Então, assim... tem todos esses sonhos, tem os sonhos que podem atravessar os nossos junto com isso, né?! Então... a gente tem que falar isso.¹⁸⁵

Elas contam que teriam 16 meses para se prepararem até outubro de 2022 e chegar na África do Sul, porque a Cape2Rio seria em 2023 com sentido ao Rio de Janeiro, e a prioridade era subir o barco e fazer os reparos essenciais para que pudessem velejar pela costa do Brasil, ganhando experiência em grupo no alto mar. Experienciando juntas os desafios de estar a bordo, se alimentar, dormir etc. “A gente já tendo esse barco pronto, a gente pode abrir ele pra um coletivo maior. Então, a gente já pode compartilhar isso com mais mulheres, entende?! Com mulheres que não conhecem barco, né?!¹⁸⁶

Marina complementa: “é a coisa da representatividade, você vendo os seus iguais, você quer tá também, ocupando espaços novos, de alguma maneira, pra nós. Você entende essa possibilidade, né?! São infinitas possibilidades, né?!¹⁸⁷”

¹⁸⁵ Ibid., 15min. 55seg.

¹⁸⁶ Ibid., 18min. 40seg.

¹⁸⁷ Ibid., Marina, Alice e Maritza. 18min. 56seg. Não poderia deixar de fazer uma pequena menção a Tamara Klink, navegadora, escritora e arquiteta naval. Ela foi a primeira mulher brasileira a cruzar o Círculo Polar Ártico, em uma jornada que começou em 2023, percorrendo mais de 2.500 milhas em dois meses. Terminando

Marina conta que fez bastante regatas, pois seu pai orientou que é onde se aprende a lidar com o barco ao extremo. Mas comenta que, com comandantes homens, é muito grito e ordem, que também é legal essa adrenalina, mas com as mulheres a bordo, elas se antecipam para as manobras, “e você se sente... tá! Eu tenho tempo de errar, sabe?! Tá tudo certo! Eu consigo errar e consertar, dá tempo. Eu acho isso... ter o tempo, não ter o medo de errar, sabe?!”¹⁸⁸ E diz que velejando com o barco que estava antes, o Zeus, sentia muita pressão, mas com a Carina como comandante: “ela olha pra você como alguém que tá aqui colaborando, e que você também sabe e você pode fazer de um jeito diferente do meu, mas que também funciona. Isso é muito legal!”¹⁸⁹

Maritza reforça que tem esse cuidado no coletivo, mas que também tem essa urgência da responsabilidade, de ver o que precisa e então, fazer. O projeto seguiu com o intuito de montar a tripulação para a Cape2Rio, mas também, com o intuito de ser um coletivo de mulheres da vela.

Sem dúvida isso faz a gente crescer, né?! E... tem uma sensação que, que faz assim... que vibra muito em mim, que, tipo, Criloa e Cape2Rio não acaba junto com a Cape2Rio. É meio que impossível pensar que a gente vai cruzar a linha de chegada dessa regata e vai acabar. Eu acho que a gente já vai tá com mil planos, né?! Se hoje eu já me sinto muito fundida com o barco, imagina depois disso? Imagina as... o encurtamento das distâncias, né?! Essa conquista, né?! De encurtar distâncias. De... encurtar tempos também, né?!¹⁹⁰

Marina comenta que é mais fácil se preparar do que se planejar, o momento certo pode não ser exatamente o previsto: “tipo, ah, a gente vai sair, por exemplo, dia 8 de outubro. Pts... não dá pra sair dia 8 de outubro, é uma frustração. Agora se a gente tá preparada pra sair na melhor janela de tempo, a gente sai quando for o dia melhor.”¹⁹¹ Maritza declara que “esse projeto, ele traz muitos elementos pra muito crescimento, mas é muito encontro, muita conexão consigo, e com todas e com o mundo e com tudo que tá acontecendo”¹⁹².

essa jornada em 2024, Tamara tornou-se a primeira mulher a completar o período de invernagem no Ártico em solitário, passando oito meses em um fiorde inabitado na costa oeste da Groelândia, sendo seis meses no gelo – quatro sem ver humanos e três sem a luz do sol. Para essa expedição, ela se preparou por anos, física, mental e emocionalmente, além de adquirir todas as habilidades necessárias para garantir sua autonomia, desde a sobrevivência até a realização de reparos na embarcação durante o tempo em que passasse sozinha no gelo.

¹⁸⁸ Ibid., Marina. 21min. 55seg.

¹⁸⁹ Ibid., Marina. 22min. 21seg.

¹⁹⁰ Ibid., Carina. 23min. 55seg.

¹⁹¹ Ibid., Marina. 25min. 04seg.

¹⁹² Ibid., Maritza. 25min. 33seg.

Revisitar histórias e construir novas a partir da colaboração em um espaço seguro, onde errar é parte do processo: um coletivo de mulheres. Ter um objetivo é muito mais do que traçar um ponto de partida e de chegada; é perceber que os deslocamentos e as possibilidades se expandem para todas as direções a partir de uma ação que vai ao encontro do outro e de outros mundos.

4.7 MINHA VIVÊNCIA NO CRILOA

Desde que conheci o projeto Voa Criloa me encantei com a possibilidade de estar a bordo de um veleiro com um propósito tão significativo. Mas, na época, não trabalhava¹⁹³ e, apesar de o valor para participar do projeto não ser alto (R\$ 850,00), sequer cogitei a possibilidade de fazer um planejamento a médio ou longo prazo para essa vivência. Acompanhei parte do projeto e foquei em outras demandas para a pesquisa, deixando aquele objetivo de lado.

Fui convidada para retornar ao meu antigo emprego em junho de 2023 e, com isso, surgiu a possibilidade de custear a vivência a bordo do Criloa. Entrei para o “Apoia.se”¹⁹⁴ do projeto, participei de um bate papo online¹⁹⁵ e tive uma surpresa inesperada: ao me apresentar, contei sobre a proposta da minha pesquisa e meu interesse no projeto. Foi então que Carina Joana me pediu para confirmar meu endereço – descobri que ela também era moradora da Ilha do Governador, onde passou boa parte da vida com sua família.

Fiquei muito entusiasmada com a informação e ainda mais curiosa para conhecer Carina pessoalmente, comentei que tinha interesse em fazer a vivência do “Vela por Mulheres” e ela contou que o projeto não completaria a etapa da travessia para a Cape2Rio e que o barco estava à venda, mas que continuaria fazendo as vivências enquanto ainda não o vendesse.

Dessa vez, a surpresa não me animou. Fiquei triste por achar que não faria sentido acrescentar o projeto na minha pesquisa, já que a proposta inicial não seria cumprida – pura ingenuidade. Mesmo com a atual circunstância, percebi que participar da experiência no

¹⁹³ Parei de trabalhar no ano de 2015, após a licença maternidade, para me dedicar a criação do meu filho que completou 9 anos em 2024.

¹⁹⁴ Plataforma de financiamento coletivo que ajuda pessoas criativas e causas a obterem sustentabilidade financeira.

¹⁹⁵ Essas conversas aconteciam regularmente, uma vez por mês, para aquelas que apoiavam a campanha do projeto rumo a Cape2Rio.

Criloa era uma oportunidade única. Então, em setembro de 2023, li todas as informações no site, chamei minha amiga Elisabete e fizemos o pagamento da primeira metade da parcela.

Carina, gentil desde o início, encaminhou uma lista com o que era mais importante para levar a bordo e um pequeno questionário sobre condições de saúde e restrição alimentar. Preparei tudo, conforme foi possível, e partimos numa sexta-feira, dia 22 de setembro de 2023. Confesso que estava um pouco receosa de subir no veleiro – algo inédito para mim – e ficar enjoada e não aproveitar como havia imaginado. Mas... aceitei o fato de que não poderia controlar o que estava por vir. Independentemente do resultado, ainda assim, eu teria vivenciado aquela experiência.

O objetivo era mergulhar e habitar aquele território existencial, aproveitar cada momento e estar com a atenção flutuante, percebendo os arredores e compartilhando com cada uma das outras três tripulantes a bordo, pois a Gabriela, de São Paulo, também participaria da vivência.



Figura 50: Pahlmela e Elisabete minutos antes de subir no bote.

Chegar até a plataforma flutuante e tentar encontrar o Criloa entre tantos barcos já foi uma aventura. Avistamos Carina, tão graciosa, de pé no bote, remando em nossa direção. Sua destreza, equilíbrio e suavidade no comando do bote já demonstrava sua competência como capitã. Antes de embarcarmos, Carina nos deu uma instrução muito importante. Com seriedade, ela disse que, ao decidirmos entrar no bote, era necessário pisar e seguir, sem nos segurarmos na plataforma. Explicou que, caso ficássemos indecisas ou inseguras, correríamos o risco de cair na água, pois o bote se afastaria assim que colocássemos os pés.

Esse primeiro momento foi muito significativo para mim; a decisão a ser tomada é tão importante quanto a ação em si. Confiar e seguir: essa foi a primeira instrução de Carina. Ficar na dúvida é não ter uma coisa nem outra. Assim que embarcamos no bote, Carina nos auxiliou a remar até o barco e, mais uma vez, repetiu a instrução de subir a bordo: quando decidir, vá!

Lá estávamos nós, eu e Bete a bordo do Criloa – aquele barco que via na TV ou na tela do celular. Quem ainda não se conhecia se apresentou, e partimos para outra ancoragem, mais calma, na Baía de Paraty. Ao chegarmos, tínhamos a opção de tomar banho no banheiro do veleiro ou na popa, com o auxílio de uma mangueira. Era uma ancoragem silenciosa, com um ou dois veleiros não tão próximos, sem luzes de ruas, carros ou casas. Então, Carina apagou as luzes, e pudemos nos banhar à luz da lua, como nunca havia feito anteriormente, com direito a mergulho noturno.

Nessa primeira noite, Carina pegou o tambor e começamos a cantar uma música enquanto ele passava de mão em mão, cada uma criando seu próprio ritmo:

Boa noite povo que eu cheguei

Mais outra vez apresentar meu Criloa

Eu vou cantar com muita alegria

Vou apresentar este veleiro de Marias

Após a cantoria, Carina pegou um Tarô e cada uma puxou uma carta, que ela interpretou. Cada tripulante então contou um pouco de sua história. Foi uma noite de contágio e troca de afetos, onde cada uma se manteve aberta ao que estava por vir, num momento de entrega e atenção. Carina aprontou um jantar maravilhoso, com muito carinho, e nos preparamos para dormir. Cada uma tinha sua própria cama, Carina trancou o veleiro e pudemos dormir ao suave balanço e ritmo das águas calmas da baía.



Figura 51: Carina preparando o jantar na primeira noite. No fundo à esquerda é possível ver o tambor pendurado na parede.

Foi a primeira vez que dormi a bordo, e foi reconfortante. Na manhã seguinte, acordamos cedo ao som de muitos pássaros. Carina sugeriu que explorássemos o lugar, indo de bote até a praia próxima. Seguimos sua indicação e, ao entrar no bote, me lembrei mais uma vez de “decidir e seguir.” Treinamos remo, mergulhamos e fizemos alongamento de yoga na praia, pois a Bete também é professora de yoga.



Figura 52: Primeira ancoragem, ao fundo é possível ver a faixa de areia onde fizemos yoga.

Voltamos para o Criloa, lanchamos e começamos a aprender sobre o veleiro e o velejar. Carina ensinou tudo com seriedade e gentileza. Ouvíamos atentamente e pudemos colocar em prática os princípios básicos do velejar. Uma das coisas que ela mencionou desde que chegamos na sexta-feira foi sobre o cuidado ao caminhar, pois o veleiro balança, então precisamos estar sempre atentas e nos apoiando em algo seguro.

Compreendi o que Carina disse em um post no Instagram, sobre estar fundida com o veleiro – ela caminha de um lado para o outro como se bailassem juntos, em ritmo e sincronia perfeito, com movimentos suaves e inusitados. Na noite anterior, comentei com a Carina que ela parecia um felino, pois estava sempre equilibrada enquanto circulava a bordo. Seus movimentos sugeriam uma certa “brincadeira”, porque não os executamos no dia a dia em casa, na cidade ou mesmo em um transporte público.

Seguimos o sábado aproveitando cada segundo, aprendendo termos técnicos, desenrolando a Genoa, caçando a vela, aprendendo nós e, o principal: a atenção suspensa, a mesma que venho tentando aplicar na pesquisa – estar atenta ao que acontece, sem ignorar os arredores, os fenômenos que possam surgir e as demandas urgentes.



Figura 53: Gabriela e Pahmela aprendendo a caçar a vela, utilizando a manicaca para puxar o cabo.

Cada uma das tripulantes pôde velejar, aprender a se guiar pela birutinha feita de lã que Carina amarrou nos cabos de sustentação da vela e executar manobras – por vezes não acreditava que estava vivenciando tudo aquilo, a sensação de poder como no slogan do projeto: todas podemos!



Figura 54: Pahmela velejando.

Fizemos mais uma ancoragem, conhecemos uma praia e exploramos uma trilha com ruínas, e seguimos com o vento. Carina contou que a expressão “de vento em popa” não é algo bom quando se trata de velejar, pois muitas vezes o melhor é orçar, entrar na corrente de ar que vem contra o barco num determinado ângulo em que a força do vento, mesmo contra, confere velocidade ao veleiro. Conseguimos observar na prática que o vento empurrando a traseira do veleiro pode torná-lo menos veloz e, também, de difícil controle.

Isso me faz refletir sobre a sociedade em que vivemos e sobre a fala de Suely Rolnik acerca do regime do inconsciente: precisamos estar atentos a todo instante, estar cientes da direção do vento, do rumo das coisas, e usar o que estiver contra nossas próprias determinações para ganhar velocidade e direção no caminho que desejamos percorrer. De outra forma, estar de “vento em popa” é permitir ser controlado, guiado pelo que não se vê e não se percebe, iludindo-se de que está avançando, sem conseguir ter o controle de sua própria vivência.

Velejar é “ficar com o problema” como diz Donna Haraway. É estar presente naquele oceano ou, no meu caso, na Baía de Paraty, com as condições que se apresentam e tomar decisões – muitas delas urgentes, mas que também podem ser prazerosas – sempre requerendo atenção. Não aquela da “economia da atenção”, mas um estar atento ao que acontece e às possibilidades em si mesmas, no veleiro, com as companheiras e com tudo ao redor.

Carina chamava o Criloa de “barco coletivo vivo”, que pode ser pensado como um jogo de “cama de gato”, um processo de cooperação que se torna concreto na conexão. Compartilhar experiências torna possível que o outro receba “o elástico ou barbante” e,

atentamente, crie conexões e deslocamentos que vão repercutindo em muitas outras criações de mundo, o devir-com. Num veleiro, a atenção é um ponto muito importante; tem a ver com *response-ability*¹⁹⁶, estar atento ao que acontece, compreendendo as conexões e urgências que são necessárias e fazer acontecer!

Praticamos bastante pela Baía de Paraty, encontramos outros veleiros e compartilhamos cada momento de aprendizado. Todas estávamos habitando aquele território existencial! À noite, jantamos e nos preparamos para dormir, Carina pegou o violão e cantou músicas, inclusive, uma de sua autoria – o cuidado e o carinho não podiam ser maiores. Dormimos mais uma vez ao embalo suave das águas.

Última manhã a bordo, com uma rotina curta, pois precisávamos estar no cais à tarde, antes que outras embarcações retornassem dos seus passeios. Mais um dia incrível de trocas e encerramos a vivência por volta das 16:30 da tarde de domingo, observando Carina retornar ao Criloa da mesma forma como havíamos presenciado seu percurso para nos recepcionar no primeiro dia.



Figura 55: Foto tirada poucos minutos antes de desembarcarmos do Criloa.

Pude viver o que via e ouvia das histórias contadas nos canais do YouTube, mesmo que por pouco tempo, e experienciar como é não ter uma geladeira ou televisão onde se vive. Poder pegar os orgânicos que não consumimos e jogar para fora de “casa”, no mar¹⁹⁷, dormir

¹⁹⁶ Cf. HARAWAY. *Staying with the Trouble*. op. cit., p. 12.

¹⁹⁷ Em conversa no whatsapp em 04 de novembro de 2024, Carina escreveu: “A coisa de descartar os orgânicos no mar. [...] Os orgânicos podem retornar para a natureza e na verdade fertiliza, alimenta, cumpre um ciclo.

sem barulhos de carros e motos, sentir a força e velocidade de um veleiro, perceber meu corpo caminhando enquanto o “chão” se movimenta, exercitar a atenção como regra primordial. Há muito o que experimentar de uma vida nômade, mas esse primeiro contato foi importante para a pesquisa percurso a que me propus.

Essa vivência de setembro de 2023 foi a última¹⁹⁸ do projeto “Vela por Mulheres.” Carina conseguiu vender o barco e encerrou o projeto no Instagram e no Apoia.se. Todo aquele sentimento de quando participei do “papo de barco” se transformou, potencializando devires para construção desta pesquisa percurso.

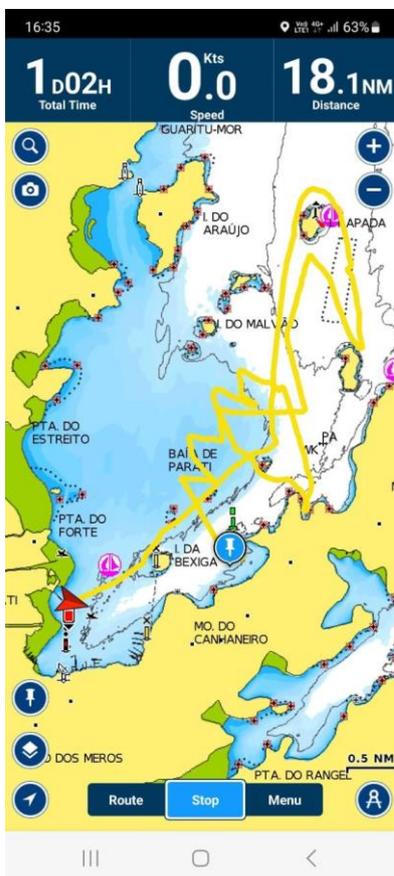


Figura 56: Registro em amarelo do percurso que fizemos durante a vivência na Baía de Paraty.

4.8 CONSTRUIR EM COLETIVO

Jogar os orgânicos no mar, não é a forma mais linda de cuidar dos orgânicos, mas entende esse ciclo que é da natureza mesmo, é a forma possível no nosso contexto.”

¹⁹⁸ https://www.instagram.com/reel/Cxx8bZ_rZ1v/?igsh=MW8xY3g4YjJ1NTVmNQ%3D%3D Postagem com registro de fotos da última vivência.

Vamos atravessar um pouco da história do coletivo Voa Criloa através dos compartilhamentos e relatos da página oficial do projeto no Instagram:

Desatracamos do píer na manhã de sábado, dia 5 de junho, no primeiro barco a deixar a marina em que pernoitamos rumo ao local da largada. Para nos lembrar de sentir com o coração, Gauri pegou o tambor e começou a cantar, enquanto todos os barcos atracados pelos quais passávamos acenavam, desejavam uma boa regata, torciam por nós. Nós, sete mulheres a bordo, oscilamos constantemente entre nos sabermos capazes de muito e duvidarmos da nossa força. Olhar aqueles acenos, receber aquela torcida e ouvir o som do tambor ao passo do coração nos fez conseguir, minutos antes do apito do início da regata, sentir que éramos, sim, profundamente capazes.¹⁹⁹



Figura 57: Registro do Criloa (no meio) entre dois veleiros cruzando a linha de chegada da primeira regata que fizeram – Ubatuba-Ilhabela, SP. <https://www.instagram.com/p/CP6ST9er81Z/>. Post no Instagram dia 9 de junho 2021.

Em maio de 2021, compartilharam um vídeo no Instagram @voa_criloa. Tiraram todas as velas do barco para medição de cada uma, preparando-se para a primeira regata do veleiro, rumo a Ubatuba. Em post do Instagram, uma das sete tripulantes, Thais Viyuela, comenta que foi a sua primeira regata e, também a primeira do projeto Voa Criloa, e que, por vezes, tentaram ultrapassar o veleiro Fugaz, mas ficavam à sombra do vento e perdiam a potência.

¹⁹⁹ <https://www.instagram.com/p/CP6ST9er81Z/> texto: @thaisviyuela postado em 9 de junho de 2021.

Antes de cruzar a linha de chegada, estavam emparelhadas com mais dois veleiros, o Fugaz de um lado e Horus do outro, Thais afirmou que a chegada do barco junto com outras duas embarcações: “é, para mim, a certeza de que quando falamos sobre sonhar em coletivo, queremos levar mais gente junto com o Criloa a ouvir o tambor bater dentro do peito.”²⁰⁰

Em post no Instagram, Carina mostra em vídeo acelerado a limpeza do paiol²⁰¹, que encheu d’água durante a regata (distração por não ter desligado a bomba pressurizada, ela afirma). Enquanto as imagens são exibidas ouvimos o áudio que foi gravado posteriormente: “tira tudo lá de dentro... deixa tudo escorrendo... seca paiol... organiza tudo, aproveita pra limpar né?! aproveita pra... é... pra selecionar também! O que tem que estar ali e o que não deve estar ali.” No vídeo, Carina tira tudo de dentro do paiol, pega o celular para mostrá-lo internamente, depois entra e seca, jogando a água para fora do veleiro enquanto a cena prossegue acelerada, Carina diz: “agora, gravando o áudio, ainda tive a sorte de receber uma visitinha aqui. Vou deixar vocês por dentro desse tipo de encontro com os botinhos que passam...” O vídeo continua com Carina limpando o paiol e ouvimos sua voz em conversa com um senhor que passava de bote:

– Olá! – E escutamos a resposta:

– E aí, moça?! – O senhor comenta que viu o veleiro outro dia, mas ficou na dúvida se era ela mesma; Carina conta que mudou o adesivo do barco. Ele pergunta se ela vai ficar por ali e ela responde que vai ficar até o final da semana de vela.

– Você anda sozinha assim no veleiro? – Ela responde que tem andado agitado com um monte de gente no veleiro, em regata, travessia... e ele insiste:

– Mas assim... assim, pra você sair de veleiro, você sai sozinha? – Ela responde que sim e ele continua:

– Mas ruim hein?! – Se despedindo, ele diz:

– Se precisar da gente, a gente tá aí, tá bom? É só dá um toque, é só dar um alô. –

Carina agradece e finalizando o diálogo:

– Esqueci teu nome! – Comenta o senhor.

– Carina, e o seu?

– Silvio. – ele diz.

²⁰⁰ Ibid. Em outro post do dia 11 de junho de 2021 foi publicado um vídeo com registro desse momento, Gauri (@gauri.shankara) tocando o tambor, enquanto outras cantavam, Criloa no meio de dois outros veleiros, bem juntinhos... realmente emocionante. Mostram ainda, o momento exato em que cruzaram a linha de chegada: https://www.instagram.com/p/CP-vCpBrkhx/?img_index=4.

²⁰¹ O paiol é um compartimento de um veleiro ou mesmo navio que serve para guardar ou armazenar qualquer tipo de material.

O áudio se encerra e vemos mais 5 segundos do vídeo acelerado, Carina terminando de guardar no paiol o que precisava estar no paiol naquele momento.²⁰²

Na primeira *live* do Voa Criloa, Carina responde à pergunta sobre qual o tempo necessário para estar em um projeto como esse. Ela menciona que o velejar é “muito de um lugar sensível”, e destaca a necessidade de uma maturidade emocional “do olhar para o outro, de... de assumir responsabilidades e que, para mim, conta muito mais como um conhecimento teórico e às vezes até prático, do velejar.” Carina explica que diante de uma tempestade e de um mar forte, é preciso estar equilibrada para tomar a melhor decisão. Portanto, é importante que sejam pessoas seguras e respeitadas “que olham pro outro, atentem. A atenção é uma coisa muito importante, né?!”²⁰³

A segunda pergunta da *live* era sobre como lidar com a diferença de seis personalidades num veleiro de 35 pés. Deia, a integrante do projeto com menos tempo de experiência em veleiros comenta um dos *slogans* do projeto: “Criloa, lugar de poder”. “Poder no sentido do verbo mesmo: eu posso, nós podemos fazer isso... todas podemos!”²⁰⁴

Lá vi uma coisa tão singela e tão linda! Marina trimando o balão recebendo comida deliciosa feita pela Maritza na boca. Todas riam. Eu pensava: É histórico, eu sei! Quantas vezes na história da regata um tripulante nutriu o outro tão naturalmente e com tanto afeto? Isso para mim é revolucionário entre tantos outros gestos do modo de viver e fazer Criloa.

Há uma força que só posso acreditar que fica nessa entidade viva e fora desse tempo relógio que é o barco. É força ancestral. Mulheres alimentando mulheres é transformador e natural quando mulheres estão com mulheres. Pense: como esse mundo é melhor quando as mulheres são vistas e cuidadas! Posso dizer que eu sou uma pessoa melhor de ter vivido tudo isso com elas.²⁰⁵

Na segunda regata do Criloa, em 28 de junho de 2021, participando da Copa Mitsubishi, o veleiro foi tocado para fora por barcos maiores e mais rápidos, e a equipe foi desclassificada por queimarem a largada. No entanto, a comandante e as tripulantes decidiram continuar o percurso, velejando e treinando manobras, pois esse era o principal objetivo.

²⁰² https://www.instagram.com/p/CP8mf_2H0Ta/ Carina Joana. Vídeo e áudio postados em 10 de junho de 2021.

²⁰³ <https://www.instagram.com/p/CQE6VWKBbAg/> Primeira Live, dia 13 de junho de 2021.

²⁰⁴ Ibid., Deia.

²⁰⁵ https://www.instagram.com/p/COHU2PsrMNw/?img_index=3 texto: @gauri.shankara postado em 14 de junho de 2021.

Desde lá atrás aprendo que estar bem a bordo não significa ausência de problemas, e sim saber lidar com eles.

Os problemas são naturais, eles virão. Não tenham dúvida.

E aí, temos um furacão de emoções passando por cada uma de nós, são forças intensas, sons caóticos, perigos potencializados e muita urgência em resolver tudo! [...] O importante disso tudo é entender que a calma é instrumento, não é anestesia. Calma é a consequência de saber que a gente está no lugar que a gente quer estar.²⁰⁶

No início de 2022, publicaram que iriam expandir o projeto para receber mulheres para a vivência a bordo do veleiro e compartilham o site voacriloa.com. Publicaram algumas entrevistas com mulheres que participaram, dizendo: “fluímos por abertura de espaços de entendimento e curiosidade sobre o veleiro, mar e vento.”²⁰⁷

A última vivência foi em setembro de 2023 (da qual eu participei), e, em outubro de 2023, Carina postou: “fim de ciclo”:

Sou muito orgulhosa dos frutos deste projeto que foi realizado com tanta entrega e amor!

Hoje encerramos o apoio-se do projeto voa criloa foi inspiração e influência.

Participamos das competições mais relevantes do litoral paulista [...]. Seguindo para a abertura das vivências Vela por Mulheres com custo acessível abrindo as portas do mundo da vela para mulheres que não se imaginavam a bordo de um veleiro ou que buscavam mais confiança em si mesmas velejando ou ainda para mulheres que desejavam sentir-se livres para serem as mulheres que são mesmo estando a bordo.

[...]

Neste momento, com a venda do Criloa, em minha nova fase a bordo, em casal, encerro o ciclo do Voa Criloa. Feliz com o que compartilhamos, honrada pela certeza de que o cenário náutico se transformou com influência do que fizemos.

Agradeço a cada um que fez parte do Voa Criloa.²⁰⁸

Construir em coletivo é sobre aceitar o ritmo e o jeito de fazer de cada uma. É sobre estar disposta a se mostrar e a perceber o bom e o ruim de cada uma. Construir em coletivo é construir em aberto, para contagiar e ramificar possibilidades outras para além de um ponto de chegada. Construir em coletivo é sobre repensar valores e princípios. É sobre estar disposta a errar, se perder, se entregar e deixar partir. Construir em coletivo é sobre sonhar em coletivo, aceitar o medo e os anseios que carregam o sonho e se preparar para o que vier. Construir em coletivo é sobre atenção e responsabilidade, é devir-com, é urgente!

²⁰⁶ <https://www.instagram.com/p/CQtfLUmL5-V/> texto: @_carinajoana postado em 29 de junho de 2021.

²⁰⁷ <https://www.instagram.com/p/CeZASZLrHCd/?igsh=Nms4bnBpbHQ5dW43> Carina. Post do dia 04 de junho de 2022.

²⁰⁸ <https://www.instagram.com/p/CyoO8FAu5hn/?igsh=ZTExa3hoN2VwaTR6> texto: Carina, postado em 20 de outubro de 2023.

4.9 RAMIFICA-AÇÕES

Meu primeiro contato com a Carina foi via whatsapp, após o “papo de barco”, no dia 23 de agosto de 2023. Comuniquei meu interesse de participar da vivência junto com uma amiga, a Carina me tranquilizou dizendo que poderia ajustar a forma de pagamento da maneira que fosse melhor para nós, e que eu teria um desconto por fazer parte do Apoia.se.

Após a vivência, conversamos novamente em novembro de 2023, quando pedi algumas informações para incluir na pesquisa. Carina me contou que conseguiu vender o Criloa e que a minha vivência foi a última do projeto “Vela por Mulheres” (senti como se ele estivesse esperado por mim). Ela mencionou que estava no “Leva vento” o veleiro do seu companheiro, em Paraty, e pensando nos novos planos. Eu respondi: “Criloa vai feliz, recheado de muitas emoções, experiências, amor e cuidado e vai se expandir ainda mais nesse mundo!!!”

Carina me responde – em referência ao que lhe contei sobre a instrução que ela passou no primeiro dia, de subir no bote com decisão, e que vou levar para a vida – “eu agora sai do bote e entrei nesse outro barco, assim... passei sim de um momento pro outro e... tô feliz, sabe?! É muito bom, é muito bom, é... esses momentos de realmente seguir, né?!”

Em março de 2024, Carina me mandou uma mensagem avisando que estava na Ilha do Governador e perguntando se eu queria combinar algo. Ela disse que ia ficar por um mês: “minha mãe vendeu a casa, estou aqui nos movimentos da mudança”. Conseguimos nos encontrar no dia 11 de março de 2024. Ela foi me encontrar na casa de amigas e, de lá, caminhamos até a praça do condomínio onde eu morava.

No trajeto, conversamos sobre a vida e invertemos um pouco os papéis. Passamos em frente à escola onde estudei por nove anos e mostrei uma grade do condomínio que usava para cortar caminho do apartamento até a escola. Fiquei surpresa ao apontar para a grade mais larga e, mesmo assim, não conseguir imaginar que minha cabeça passava ali!

Entramos no condomínio e nos sentamos na praça onde brinquei por muitos anos – de pique, de bola, pião, bola de gude, chapinha e tudo mais. Contei sobre minha infância, as maravilhas e dificuldades da maternidade, meus objetivos, e pude ouvir um pouco da história de vida da Carina. Me senti completa e comentei que ela havia me recebido na sua casa e

compartilhado aquele espaço comigo e, naquele momento, era eu quem a recebia no meu lugar comum, cheio de histórias e memórias afetivas.

Em agosto, Carina conta que concluiu a mudança da sua mãe e eu respondi: “só estou triste porque agora você não tem motivos para vir na Ilha.” Informei que ao longo das semanas faria perguntas, mas que ela deveria se sentir à vontade para responder, como em um diálogo. Perguntei o que a motivou a viver em um veleiro:

Fui motivada pelo momento da minha vida e pela crença de que sempre fui do mar, do barco. Meu nome foi inspirado pela constelação do Navio onde Carina é o nome da parte dela que simboliza o casco, meu pai era velejador, minha mãe é encantada por esse universo. Falando sobre meu momento da época, era o que podemos chamar de crise, mas não sei se vivia sentindo como crise. Tinha terminado um relacionamento, tinha saído do antigo emprego, estava buscando o que haveria de vir. Percebi que estava livre, que poderia escolher. Olhei minhas possibilidades e desejos, decidi morar num veleiro pequenino que já tinha e alugar o apartamento onde vivia sozinha. A mudança aconteceu em menos de 1 mês.²⁰⁹

Carina comenta que essa mudança ocorreu em janeiro de 2015. Perguntei se foi difícil se acostumar, e ela respondeu: “não, minha experiência com barco sempre foi de muitas restrições, então vim muito consciente das dificuldades (do ambiente, falta de conforto mesmo). Saí já topando isso.” Sobre se sentir insegura ou sozinha, Carina conta: “nunca pensei muito nisso. Mas percebo que buscava ancoragens com outros barcos. Estava sozinha a bordo, mas buscava não estar sozinha na ancoragem.”

Ela relata que já recebeu muita ajuda, em manutenções, com dicas e na presença de amigos, e que sempre pôde contar com os vizinhos próximos para olharem o barco em sua ausência. Perguntei como surgiu a ideia da vivência a bordo, de abrir o seu lar para receber mulheres:

Passei muito tempo a bordo na minha, e convivendo muito com homens, sem me identificar com a maioria das mulheres à minha volta. Senti uma grande necessidade de abrir espaço, nessa busca por mulheres para me identificar. A história do barco me inspirou, (50 anos dele que cruzou o Atlântico tripulado por mulheres em 1976). Achei que o mundo estava pedindo que eu buscasse mulheres para cruzar o oceano. Montei uma tripulação, o barco foi mais feminino do que nunca por um ano. [...] Não rolou o patrocínio e nessa busca me vi sustentando uma situação insustentável. Precisava de apoio de quem embarcava. Foi aí que me abri para essa troca. Vendendo experiência. Mas que devia ser vivência, mais profunda, com qualidade de presença que a palavra vivência traz. Eu não acreditava nessa troca que envolvia dinheiro. Até viver o desequilíbrio que vivi com o projeto da regata. Foi muito

²⁰⁹ Resposta da Carina via whatsapp em 21 de agosto de 2024.

saudável oferecer as vivências. Foi muito importante pra mim esse aprendizado. Perceber que mesmo envolvendo o tal do dinheiro vocês viriam inteiras e eu também estaria mais inteira para receber vocês.²¹⁰

Carina comentou que recebeu apoio de uma seguradora, mas foi só. Criou muita expectativa, pois acreditava que o que estava oferecendo era muito valioso, “isso mobilizou o contexto náutico, vi alguma diferença nele, resultado. Isso me recompensa”, mas percebeu muito sobre si mesma e esse “grande mundo dos negócios” que não entende e nem quer entender. Chegou a receber algumas propostas, mas não queria seguir com os valores que tais empresas pregavam. Quando surgiu a possibilidade de uma empresa que gostou, o patrocínio acabou não se efetivando.

Fui no caminho percebendo que o patrocínio é a tal regata, cruzar o oceano não eram tão importantes para mim quanto estar a bordo com as mulheres. Elaborando valores femininos dentro de um barco. Ainda estou cicatrizado algumas feridas dessa experiência. Da minha ‘falta de limite de doações, envolvimento’. Mas valorizo o caminho que percorremos. O que foi feito era o que queria fazer. Ainda não entendo muito bem tudo o que aconteceu.²¹¹

Respondi que “o pouco que acompanhei, também ouvi de muitas mulheres e muitos homens esse movimento positivo”, esse envolvimento e autonomia feminina na vela e no mar. Afirmar que a proposta gerou muitos impactos positivos, “e muitos continuam reverberando mesmo. Parabéns por toda coragem! Eu, particularmente, fui afetada de modo positivo e transformador, antes mesmo de estar a bordo.”

Após alguns dias, fiz a pergunta tão esperada que iniciou a questão da pesquisa: “Carina, você se considera nômade? Essa palavra veio para você em algum momento?” E ela responde:

O que significa ser nômade? Pra mim envolve um total desprendimento, uma sensação de estar sempre indo, sem um lugar pra voltar. Isolando minha vida no, a bordo, até que me sinto nômade. Mas tenho a casa da minha mãe como um lugar onde sempre tenho que voltar. Passar uns dias com ela. Isso tira de mim a sensação de ser nômade.²¹²

²¹⁰ Ibid.

²¹¹ Ibid.

²¹² Ibid., dia 31 de agosto de 2024.

Eu pergunto então se essa sensação de estar sempre indo é porque ela não se obriga a permanecer em um lugar ou ter que partir?

Acho que é uma sensação de que pertencço ao lugar onde estou. Estou em Paraty, sou daqui - surge plano de Bahia - vou - chego na Bahia, sou daqui. Um dia, vem o plano de Paraty, mas não é exatamente um plano de retorno tbm é um plano de ir.²¹³

Pergunto o que define o tempo que permanece em determinado local, e Carina responde que pode ser uma manutenção, um encontro com amigos, uma condição climática ou até a ausência de um outro plano. Carina conta que foram quarenta e uma mulheres em vivências; fez flotilha com barcos de outras três mulheres. Foram treze vivências no total, sendo sete edições com o Criloa e outro barco, e seis edições só com o Criloa.

Tão importante quanto a vivência a bordo foi a vivência com a Carina na Ilha do Governador. Mesmo sendo um local que também era comum para a Carina, pude lhe contar sobre minha infância e história de vida enquanto mostrava alguns desses locais que marcaram o início da minha trajetória. E daqui em diante, muitos deslocamentos e contágios serão possíveis!

5 CONSIDERAÇÕES [NÃO] FINAIS

Partimos do questionamento de nossa própria forma de habitar e residir em um endereço fixo e pegamos carona com diversos autores e autoras que construíram conceitos e reflexões sobre a contemporaneidade que viveram, que vivem e do que ainda está por vir. Observando nessa estrada da rota 24/7 como estamos gerindo nossas vidas com a aceleração de um cotidiano recheado de informações, sensações e ofertas de produtos, serviços e atrações, foi possível compreender que é preciso criar atalhos e estratégias para inventar formas de habitar e coexistir. Isso pode ser alcançado com uma simples mudança de percepção e um exercício de si mais autônomo, pois os territórios e nossos processos de subjetivação estão em constante relação de contágio.

²¹³ Ibid., dia 31 de agosto de 2024.

Atravessamos histórias de pessoas que optaram por uma vida nômade, conhecemos alguns desafios e algumas maravilhas desse estilo de vida, e percebemos que é possível reinventar a forma como habitamos. Viver em fluxo e viver em coletivo são possibilidades reais e podem ser pensadas como os “paraquedas coloridos” que precisamos inventar para viver com o problema. Esse problema atual, de crise em todas as instâncias, começa pelo próprio indivíduo que se anula do todo e esquece que todos os seres coabitam neste planeta.

A partir dos afetos e do cuidado de si e do outro, será possível assumir a responsabilidade de viver aqui e ali, destruindo barreiras e construindo pontes de atenção e respeito, nas mais variadas e ilimitadas formas de se viver, cada qual a seu modo.

Toda essa pesquisa percurso foi um processo contínuo, passando por momentos de muita instabilidade, ora se perdendo, ora se achando... ora descobrindo novas relações, ora construindo territórios. Muitos poderiam ter sido os caminhos percorridos para tratar das mesmas questões, mas os desdobramentos aqui feitos foram fiéis à execução de um exercício de si e de um exercício de devir-com.

Como aprendiz de cartógrafa só posso me considerar grata por tamanha oportunidade de transformar padrões em ruínas e erguer novas pontes no lugar de muros. A certeza que tenho de que foi um processo de aprendizado vem do fato de que foi doloroso, em todos os sentidos, e porque me sinto mais forte agora.

Confesso que iniciei com a pretensão de encontrar conclusões absolutas, pois partia da certeza de que temos um problema contemporâneo: essa urgência que chama as cidades e as florestas, que chama todas as formas de vida e tem sua origem e seu “fim” nos processos de subjetivação de cada um de nós. A relação que constituímos com os territórios que nos cercam e as escolhas que fazemos a partir dessa visão de mundo do excepcionalismo humano tem consequências devastadoras.

Mas não há pote de ouro no fim do arco-íris e tampouco uma solução para resolver o problema em questão. O que há são múltiplas possibilidades, ilimitadas e finitas, de reinventar cada qual os seus mundos. Por isso, a escolha de ter, em dois capítulos, experiências de vida que iniciaram determinado projeto e chegaram a um aparente “fim”, com a falsa ilusão de “inacabado”, mas que continuam a reverberar questionamentos.

Se hoje é possível acompanhar tais experiências e se contaminar por elas, habitando seus territórios e construindo novas relações de crítica e de criação de sentidos, é porque não estão e nunca estarão “acabadas”. Elas demonstram o fluxo de contínuas transformações dos processos de subjetivação, pois criar mundos tem a ver com permitir ser incomodado, permitir que tensões ocorram, permitir a si mesmo encarar o fato de que não há um “eu” essencial e

puro e que essa busca jamais será alcançada. Dessa forma, é possível tomar para si a responsabilidade de atuação no mundo, nos mundos que compartilhamos.

Assim, eu aprendi nos últimos meses a relação com os diversos mundos que compartilho no dia a dia, e que, por vezes, tentei não os habitar, caindo na mesma armadilha que questiono em minha escrita – não sou uma só e não poderia habitar um território existencial e escrever essas linhas com tal ilusão. Aproveitei ao máximo as brechas que surgiam para ler e escrever, para habitar em minhas próprias heterotopias.

Na maior parte do tempo, a travessia da barca da Ilha do Governador para o Centro do Rio de Janeiro se tornava esse lugar não-lugar, de infinitas possibilidades de habitar cada um dos territórios que me propunha a experienciar em cada dia. Como as coincidências continuam a fazer parte dessa pesquisa, construí nessas travessias, passando pela Baía de Guanabara; muitos atravessamentos foram feitos durante esse percurso.

Resisti por muito tempo acompanhar os perfis pessoais nas redes sociais – essa é uma tendência que não possuo e que critico bastante – mas, quando não tinha mais como evitar, comecei aos poucos a quebrar a casca da intolerância e exercitar o trabalho de pesquisa de que precisava. Isso me fez perceber ainda mais que os dispositivos, sejam quais forem, podem ser usados de diversas formas. Assim como as vivências nômades trazidas para esta pesquisa – podem suscitar diversos questionamentos e invenções outras de devir-com, ou não, também.

O fato é que, assim como o método de pesquisa cartográfica, não existe aqui uma consideração final de um trabalho de pesquisa que esclareça ou revele o grande significado da vida nômade contemporânea e das diversas formas de habitar no cotidiano. A conclusão é que há desdobramentos a partir do que foi experienciado sobre os fluxos das forças que, conflitando, são capazes de construir novos sentidos e, portanto, novas realidades.

REFERÊNCIAS

OBRAS CONSULTADAS

ANZALDÚA, Gloria. *Sobre o processo de escrever Borderlands/La Frontera*. IN: *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021. Tradução de: Tatiana Nascimento. 256 p. p. 151-171.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 3) Tradução de: José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. p. 271.

BEY, Hakim. *TAZ Zona autônoma temporária*. Tradução Patricia Decia e Renato Resende. Digitalização: Coletivo Sabotagem: Contra-Cultura. (Original São Paulo: Conrad do Brasil, 2001).

CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. 2 ed. São Paulo: UBU, 2016. Tradução de: Joaquim Toledo Jr. p. 141.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Coleção TRANS. Editora 34. São Paulo. Tradução de: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 207 p. p. 7-46.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. IN: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas Brasileiras: Teorias, Práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. Acessado em PDF da Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>). 3 p.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política*. Organização: Manoel Barros da Motta. Tradução de: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 322. A ética do cuidado de si como prática da liberdade p. 264-287. Uma estética da existência p. 288-293.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. n-1 Edições. São Paulo, 2013. 48 p. Posfácio de Daniel Defert. Tradução de: Salma Tannus Muchail. 112 p.

GUATTARI, Félix. *Caosmose – Um novo paradigma estético*. São Paulo. Editora 34. 2006. 203 p. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. p.169-179.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble – Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016. 313 p

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras – Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Trad. Pê Moreira. Revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 168 p.

HAESBAET, Rogério – *Conceitos Fundamentais da Geografia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFF - GEOgrafia vol: 25, n. 55. 2023. 7 p.

KEROUAC, Jack. *On The Road – Pé na Estrada*. 1ª ed. Porto Alegre: L&M Pocket. 2004. 380 p.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras. 2020. 57 p.

LOBO, Patricia. Capítulo 6, “*Change is inevitable. No bridge lasts forever – depois de Borderlands/La Frontera*”. IN: *Chicanas em busca do território. A herança de Gloria Anzaldúa*. Tese de Doutorado em Estudos de Literatura e Cultura (Estudos Americanos). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2015. 442 p. p. 211-232

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 399-422.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, 1ª Edição, 2009. 207 p.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016. 356 p.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973. p. 132. p 11-25.

TURCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. 2 ed. São Paulo: Unicamp, 2014. Tradução de: Antonio A. S. Zuin; Fabio A. Durão; Francisco C. Fontanella; Mario Frungillo. p. 323.

LINKS

<https://www.peopleareawesome.com/> - Site do programa de TV.

<https://www.youtube.com/watch?v=DfhBmflAdhM> – Suely Rolnik no Congresso Figurações – Interartes – Derivas e Contágios, do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Mesa 1 – As aranhas, os guarani e alguns europeus. Transmitido ao vivo no dia 08 de março de 2022 e disponível no canal do YouTube Eco-Pós UFRJ.

<https://www.youtube.com/@hashtagsal> - Canal do YouTube #Sal.

<https://www.youtube.com/@Viajandonabrasa> - Canal do YouTube Viajandonabrasa.

<https://www.youtube.com/@SobasEstrelas> - Canal do YouTube SobasEstrelas.

<https://www.youtube.com/@projetoviravolta> - Canal do YouTube projetoviravolta.

<https://www.youtube.com/@DivaViajante>- Canal do YouTube DivaViajante.

https://www.instagram.com/voa_criloa?igsh=MWF2aWd2cnI2bm5ocQ%3D%3D –
Instagram do Voa Criloa.